



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Centro de Artes, Humanidades e Letras
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Carla Alessandra Souza

Maternagens solo: um olhar interseccional sobre os afetos e modos de autodefinição no
instagram de 3 influenciadoras negras

Cachoeira – BA
2025



Universidade Federal do Recôncavo da Bahia Centro de Artes, Humanidades e Letras
Programa de Pós-Graduação em Comunicação

Carla Alexsandra Souza

Maternagens solo: um olhar interseccional sobre os afetos e modos de autodefinição no
instagram de 3 influenciadoras negras

Material apresentado como requisito para titulação de
Mestrado no Programa de Pós-graduação em
Comunicação do Centro de Artes, Humanidades e
Letras, sediado na Universidade Federal do Recôncavo
da Bahia (UFRB), em Cachoeira.

Linha de Pesquisa: Comunicação e Memória.

Orientadora: Dr^a. Jussara Maia

Cachoeira – BA
2025

S237m Santos, Carla Alexsandra Souza Silva dos.

Maternagens solo: um olhar interseccional sobre os afetos e modos de autodefinição no *Instagram* de 3 influenciadoras negras. / Carla Alexsandra Souza Silva dos Santos. Cachoeira, BA, 2025.

141f.: il.: color.

Orientadora: Profa. Dra. Jussara Peixoto Maia.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes Humanidades e Letras, Programa de Pós-graduação em Comunicação – Mídia e Formatos Narrativos, 2025.

1. Maternidade solo. 2. Maternagem negra. 3. Afeto. 4. Interseccionalidade.
I. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Centro de Artes, Humanidades e Letras. II. Título.

CDD: 306.87432

Ficha elaborada pela Biblioteca do CAHL - UFRB
Responsável pela Elaboração – Liliam Góes Lima (Bibliotecária – CRB-5/ 1905)
(Os dados para catalogação foram enviados pelo usuário via formulário eletrônico)

CARLA ALEXSANDRA SOUZA SILVA DOS SANTOS

**MATERNIDADES SOLO – UM OLHAR INTERSECCIONAL SOBRE OS MODOS DE
AUTODEFINIÇÃO NO INSTAGRAM DE INFLUENCIADORAS NEGRAS**

Dissertação apresentada ao programa de Mestrado em
Comunicação da UFRB, sob orientação da Profa.
Dra. Jussara Peixoto Maia

Aprovado, 29 de agosto 2025.

Comissão Examinadora:

Profa. Dra. Jussara Peixoto Maia (UFRB – Orientadora)

Profa. Dra. Fernanda Mauricio da Silva (UFMG – Examinadora)

Profa. Dra. Lilian Reichert Coelho (UFRB – Examinadora)

Cachoeira-Ba
2025

AGRADECIMENTOS

Cerca de 800km semanais, pelo período de quase um ano. Devo admitir: cortar trecho e andançar por entre a BR116 não foi uma tarefa gostosa. Foi desgastante. Fiz escolhas difíceis. Precisei me dividir entre o aconchego da minha filha e me distanciar para escrever sobre a Maternagem. Passei por situações das quais gostaria de não me lembrar durante esse tempo, que abalaram minha confiança e me fizeram questionar se esse era mesmo o caminho. Ao mesmo passo, lembro-me que cursar o Mestrado no PPGCOM da UFRB foi a escolha mais minha que fiz em muitos anos. E isso deu sentido a cada sol que vi nascer na estrada até Cachoeira-Ba e a cada madrugada que senti entrar na rodoviária gélida de Vitória da Conquista-Ba. Foi esse traslado que possibilitou encontros que fortaleceram minha carne e o meu espírito.

Sou imensamente grata à minha orientadora Jussara Maia que sempre muito acolhedora, me re(apresentou) possibilidades de uma trajetória acadêmica apoiada no respeito ao tempo, ao corpo, ao todo que constitui o meu redor. Não houve um encontro sequer que você não tenha me perguntado, com genuíno interesse sobre Aisha, sobre mim e me oferecido ombros. Sou feliz pelo meu retorno à pesquisa ter se dado ao seu lado. Na mesma direção, agradeço ao COMUM, grupo de pesquisa que revirou meu pensar e contribuiu com meu amadurecimento acadêmico. Estendo minha gratidão às professoras mães intelectuais que abraçaram a leitura e abrilhantaram esta pesquisa. Minha banca não poderia estar em mãos melhores, Lilian Reichert Coelho e Fernanda Maurício da Silva.

O Rio Paraguaçu me apresentou amores curativos, como o de minha comadre Lila Santos. Pessoa que me ouviu desabafar tantas vezes, na mesma medida em que participou das minhas conquistas. O mesmo Rio teceu as redes de apoio que me abraçaram com a mesma intensidade e carinho que acolheram Aisha. Alessandro Prates, Débora Melo e Fellipe Moreira, vocês tornaram o meu mestrado possível e espero que isso alcance a pequena grande Serena.

Agradeço a minha mãe, por mesmo num período difícil de nossas vidas, dividindo espaço numa enfermaria, ter me lembrado que continuar o mestrado é parte do que somos juntas. Agradeço à Mainha, minha falecida avó materna e inspiração pro @mainhacademica. Vó, sou feliz por poder ter oferecido a você a experiência de assistir a primeira pessoa da família a se formar no ensino superior. E sei que de onde estiver, também divide comigo essa trajetória acadêmica. Saiba que antes mesmo da titulação, carrego em meus ossos o prazer de

descender de todo o amor que me faz sentir. Por fim, agradeço à Aisha, meu ninho. Você me ensina todos os dias sobre como meu sonho não é só meu. Você é a minha motivação para ser quem sou e estar onde estou.



A Maternagem é uma das minhas molas propulsoras.
Ela me possibilita lentes que enxergam novos mundos.
Ela me encoraja e engaja minhas andanças.
E ela me lembra que **sou**, inclusive, **muito mais do que Mãe**.

(Carla Alexsandra Souza)

RESUMO

Reconhecendo que mães negras são atravessadas por experiências que culminam em desumanização e apagamentos históricos, esta pesquisa objetiva compreender de que maneira mulheres negras estão autodefinindo suas maternagens solo no *Instagram*. Dessa maneira, a partir de uma análise interseccional comprometida com as experiências afetivas dessas corpos, busco compreender como, mesmo diante de desafios históricos e narrativas que ainda as associam à subalternidade, essas mulheres constroem outros sentidos possíveis para a experiência de maternar. Para isso, realizou uma investigação que apreende a Interseccionalidade enquanto elemento fulcral nas bases conceituais, metodológicas e analíticas que amparam este trabalho, partindo dos estudos interseccionais de feministas negras brasileiras, como Lélia Gonzalez (2020) e Carla Akotirene (2019) e norte-americanas, como Kimberlé Crenshaw (1991) e Patricia Hill Collins (2020). Além disso, articulo o conceito de Autodefinição (Collins, 2019) para analisar os conteúdos produzidos por três influenciadoras negras que compartilham, em seus perfis no *Instagram*, materiais que inscrevem suas subjetividades como elementos centrais na estruturação de seus respectivos processos de maternagem.

Palavras-chave: Maternagens negras; Maternagens solo; Afetos; Interseccionalidade; Autodefinição.

ABSTRACT

Recognizing that Black mothers are shaped by experiences that result in dehumanization and historical erasure, this research aims to understand how Black women are self-defining their solo mothering experiences on Instagram. Through an intersectional analysis committed to the affective experiences of these bodies, I seek to understand how, even in the face of historical challenges and narratives that continue to associate them with subalternity, these women construct other possible meanings for the experience of mothering. To this end, the research adopts intersectionality as a central element in its conceptual, methodological, and analytical foundations, drawing from the work of Black feminist scholars from Brazil, such as Lélia Gonzalez (2020) and Carla Akotirene (2019), and from the United States, such as Kimberlé Crenshaw (1991) and Patricia Hill Collins (2020). Furthermore, I engage with the concept of self-definition (Collins, 2019) to analyze the content produced by three Black influencers who share, on their Instagram profiles, materials that inscribe their subjectivities as central elements in shaping their respective mothering processes.

Keywords: Black mothering; Solo mothering; Affection; Intersectionality; Self-definition.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Captura da página principal do site.....	52
Figura 2: Mapa das Mutações de Jesús Martín-Barbero.....	57
Figura 3: Captura do perfil @mainhacademica com QR para acesso.....	74
Figura 4: Captura das coleções salvas do @mainhacademica.....	78
Figura 5: Captura do perfil da @maecrespa.....	83
Figura 6: Captura da 1ª publicação da @maecrespa.....	84
Figura 7: Captura de cenas da 1ª publicação @maecrespa.....	85
Figura 8: Captura de comentários da 1ª publicação da @maecrespa.....	87
Figura 9: Captura da 2ª publicação da @maecrespa.....	88
Figura 10: Captura de comentários da 2ª publicação da @maecrespa.....	90
Figura 11: Captura da 3ª postagem analisada no perfil da @maecrespa.....	91
Figura 12: Captura de gestualidades da 3ª postagem analisada no perfil da @maecrespa.....	92
Figura 13: Captura de comentário do 3º conteúdo analisado no perfil da @maecrespa.....	96
Figura 14: Captura de comentário do 3ª conteúdo analisado no perfil da @maecrespa.....	96
Figura 15: Captura do perfil da @lorenaife.....	98
Figura 16: Captura de O dia que fui no primeiro encontro com meu filho.....	100
Figura 17: Captura de hashtags utilizadas por Lorena na publicação O dia que fui no primeiro encontro com meu filho.....	101
Figura 18: Captura de comentários na publicação O dia que fui no primeiro encontro com meu filho.....	102
Figura 19: Captura de A maternidade solo não me impede da possibilidade e do direito de ser amada.....	103
Figura 20: Captura de comentários na publicação A maternidade solo não me impede da possibilidade e do direito de ser amada.....	105
Figura 21: Captura de repost no perfil de @lorenaifé.....	106
Figura 22: Captura de repost no perfil de @lorenaifé.....	107
Figura 23: Captura de comentários em repost no perfil de @lorenaifé.....	108
Figura 24: Captura do perfil de @joyceksalvador.....	113
Figura 25: Captura de 1ª publicação analisada no perfil de @joyceksalvador.....	115
Figura 26: Captura de carrossel da publicação de @joyceksalvador.....	115
Figura 27: Captura de comentário da 1ª publicação analisada de @joyceksalvador.....	119
Figura 28: Captura do 2ª conteúdo analisado no perfil de @joyceksalvador.....	120
Figura 29: Captura de comentários da 2ª publicação analisada de @joyceksalvador.....	121
Figura 30: Captura do 3ª conteúdo analisado no perfil de @joyceksalvador.....	122
Figura 31: Capturas de cenas do 3º conteúdo analisado no perfil de @joyceksalvador.....	123
Figura 32: Capturas de comentários do 3º conteúdo analisado no perfil de @joyceksalvador...	124

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. MATERNAGENS NEGRAS: CONCEITUAÇÕES E CAMINHOS DE AUTODEFINIÇÃO.....	18
1.1 PESSOAS NEGRAS QUE MATERNAM: CONCEITUAÇÕES E UM APANHADO HISTÓRICO.....	23
1.2 PARENTALIDADES NEGRAS: MATERNAGENS SOLO TÊM COR.....	35
1.3 MATERNAGENS NEGRAS PARA ALÉM DAS DORES NUM ATO DE TRANSGRESSÃO.....	39
1.4 MERGULHOS PROFUNDOS NOS AFETOS: IMERSÃO NO OLHAR DE AISHA... 43	
2. MATERNAGENS SOLO NO INSTAGRAM: ENTRE AS TEORIAS E METODOLOGIAS.....	51
2.1 INSTAGRAM: “APROXIMANDO VOCÊ DAS PESSOAS E COISAS QUE AMA”.. 51	
2.2 MÍDIAS E MATERNAGENS.....	54
2.3 ALINHAVANDO A INTERSECCIONALIDADE.....	60
2.4 O @MAINHACADEMICA ENQUANTO METODOLOGIA AFETIVA E INTERSECCIONAL.....	70
3. SER MAINHA É BARRIL, SOLO ENTÃO: MATERNAGEM E AUTODEFINIÇÃO NO INSTAGRAM.....	80
3.1 ALINE BARBOSA: @MAECRESPA.....	81
3.2 LORENA IFÊ: @LORENAIFE.....	97
3.3 JOYCE SALVADOR: @JOYCEKSALVADOR.....	112
3.4 A INTERSECÇÃO: ENTRE O PRAZER E A IMPOSSIBILIDADE.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	130
REFERÊNCIAS.....	135

INTRODUÇÃO

Em uma das minhas primeiras postagens no @mainhacademinha (explicarei mais à frente do que se trata), falei sobre a importância de pensarmos as potências das epistemologias de Mães Negras. Tempos depois, pude começar a pesquisar e produzir a partir de pessoas que escrevem suas experiências considerando esses atravessamentos e compreendi que reivindicar esse conhecimento é muito mais do que sua importância pela dimensão da representação. Produções de pessoas negras que maternam, nos oferecem insumos por terem olhares específicos comprometidos com um todo.

Quando aponto que essas pessoas nos oferecem um repertório robusto por terem um ponto de vista atravessado por múltiplos marcadores, quero dizer que quando uma mãe negra discorre sobre o amor, por exemplo, ela considera em suas perspectivas os reflexos dos múltiplos atravessamentos sociais dele não só no seu corpo, mas em toda a comunidade (Gonzalez, 2020). Esse ponto de vista, muito específico, permite que essas pessoas reflitam sobre opressões de lugares descentralizados, partindo do reconhecimento de que seus pares são impactados social, cultural, material e psicologicamente. Digo isso por compreender que os estudos a respeito das maternidades negras, conduzidos historicamente por homens brancos, carregam reproduções estigmatizadas que desconsideram as complexidades dessas experiências. Em consequência dessa universalização, temos uma generalização que reverbera material e simbolicamente imagens de mães que, em uma sociedade atravessada pelo machismo, racismo e outros marcadores, tenham rostos de mulheres-heteros-cis brancas. O produto, portanto, dessa generalização é o silenciamento e a anulação da pluralidade de existências.

Sim, estou escolhendo iniciar esse diálogo em tom de defesa a respeito dos impactos dessa pesquisa e da sua importância social e acadêmica, por acreditar que tão importante quanto o reconhecimento do problema, hipótese, objetivos e metodologias, é sabermos dos engajamentos que atravessam essas categorias básicas da investigação. Portanto, alocar as epistemologias a partir das corporeidades de mulheres negras atravessadas por experiências de maternagens solo, é potente por compreender os reflexos coletivos contidos em suas dinâmicas de atuação nas mídias digitais.

Uma das reflexões que me trouxeram ao mestrado consistia na observação de que a imagem da mãe que se cria no inconsciente da população quando é pronunciada a palavra não é a da pessoa negra e de que o processo de invisibilização ocorre desde as campanhas do mês de maio até as discussões de cunho político, quando são tratadas as políticas públicas.

Contudo, recentemente, houve um crescimento nas reflexões nas plataformas digitais em relação ao combate à romantização da Maternagem. O que é justo, afinal, reconhece-se a sobrecarga, no mínimo emocional, a que mães são submetidas no processo de criação das suas filhas e filhos. Isso porque o sistema patriarcal delega às mães a manutenção do bem-estar psicológico e, por vezes, material de suas casas - como é o caso das nossas sujeitas.

No entanto, há um problema com o levante da pauta “Maternidade Real”: a generalização da categoria “mãe”. Frequentemente são pouco representadas as realidades de pessoas que experienciam de maneira muito particular o processo de Maternagem. Como consequência dessa invisibilização, têm-se o esvaziamento de discussões que podem vir a culminar, por exemplo, em ausência de políticas públicas das mais diversas ordens voltadas ao público afro materno, capazes de reparar mazelas e garantir o acesso a direitos. Afinal, a generalização de indivíduos, em uma sociedade machista, tem rosto de homem; A generalização entre mães, em uma sociedade racista, tem o rosto de uma mulher branca. O produto, portanto, da generalização é a anulação de narrativas que podem contribuir para uma sociedade mais igualitária e justa.

Dessa forma, é importante dizer que tenho me despedido cada vez mais da perspectiva de que é possível pensarmos as dinâmicas sociais de maneira uníssona. Esse movimento de observação presente em minhas análises sobre as Maternagens Negras é crucial para que possamos caminhar nos desgarrando da universalização das categorias sociais. Assim, como muitas pesquisas que me antecedem, não tenho a intenção de generalizar existências e falar de suas subjetividades a partir de uma única narrativa. Por isso, sustentarei durante essa pesquisa a pluralidade ortográfica do “s”, como forma de reconhecer que existem experiências diversas e que a pesquisa não tem a intenção de contribuir com generalizações ou reduções de questões de tamanha complexidade.

Portanto, para pensarmos na construção das Maternagens Negras, na sociedade brasileira, é importante considerarmos os fatores históricos. Quando se trata de pessoas negras no período escravocrata, por exemplo, estudos a respeito da temática relatam a destituição, sobretudo, da humanidade. Em se tratando das maternidades, dentro de um contexto de um sistema de exploração racial, é importante considerar a impossibilidade das mães negras constituírem seus próprios laços afetivos e reprodutivos de maneira digna. Sendo delegadas, em regra, para suprimento das famílias colonizadoras. No entanto, apesar de reconhecer que a regra pressupõe a noção de relação com a norma, existiram/existem pontos fora da curva, a partir de movimentos de resistência. Com isso, quero dizer que apesar de terem sido construídas sob a égide de um passado escravocrata que anulou a humanidade não só dessas

mães, como de famílias inteiras, esse aspecto não engloba ou reduz toda a gama de agenciamentos do que somos e do que fazemos.

Sendo assim, em minhas observações midiáticas, pude notar que mães negras, por serem marcadas historicamente por especificidades em suas trajetórias, se deparam com uma realidade virtual que alavanca estéticas e narrativas que não condizem necessariamente com suas respectivas experiências. Assim, na tentativa de se fazer ouvir e contribuir com a diversificação dos debates no *Instagram*, inicia-se a empreitada na produção de conteúdos interseccionais por mães negras que possuem suas experiências atravessadas pela condição de serem solo. A Interseccionalidade, portanto, ocupa lugar fulcral para o nosso objetivo geral, que é compreender de que maneira mulheres negras estão Autodefinindo suas maternagens solo, no *Instagram*.

Logo, a partir do reconhecimento da Interseccionalidade, pensada inicialmente pela intelectual estadunidense Kimberlé Crenshaw, em 1989, como uma articulação analítica e metodológica proposta pelas feministas negras, perceberemos que ela recupera as bagagens ancestrais perdidas (Akotirene, 2018) para localizar não só a experiência do racismo, como também o compilado de atravessamentos outros nas produções dessas mães. Essa relacionalidade das opressões faz emergir uma forma específica de experienciar as dinâmicas sociais, a partir das categorias de gênero, raça, classe e maternagem solo.

Partindo de um passado escravocrata que serve de base para a construção e cristalização de estigmas que estão nas e para além das representações, e que atuam na manutenção de lugares historicamente atribuídos às Maternagens Negras, é possível perceber como essas opressões estruturam as afetividades dessas corpos. Dessa maneira, a autodefinição emerge como possibilidade de ruptura e enfrentamento a essas cristalizações, desafiando as formas hegemônicas de validação do conhecimento político e tensionando os lugares previamente estabelecidos para essas mulheres na sociedade. A autodefinição, ao ampliar as perspectivas de experiências, também permite que mães negras se inscrevam a partir de outros elementos e se mobilizem considerando suas complexidades. Esse processo de autodefinição, para nossa investigação, se torna um importante instrumento de remanejamento de consciência, pois ao se posicionarem enquanto definidoras de si, mães negras fazem emergir um fenômeno de memória partilhada coletivamente, no *Instagram*, a partir de suas produções. Dessa maneira, com o objetivo de apresentar o desenvolvimento desta pesquisa, além das considerações finais, o trabalho está dividido em 3 capítulos além da introdução e das considerações finais, que serão sumariados na sequência.

O primeiro capítulo desta investigação intitulado “Maternagens negras: conceituações e caminhos de Autodefinição” se debruça em contextualizar a construção histórica da Maternagem, compreendendo seus atravessamentos sociais numa perspectiva racializada. Nessa escrita, tivemos o cuidado de pensá-la para além dos atravessamentos de dores, compreendendo que as experiências de pessoas negras também são atravessadas por outros afetos. Me apoio nas reflexões produzidas Elisabeth Badinter (1985) com a apresentação da maternidade enquanto produto de construções históricas, considerando suas limitações teóricas ao levar em consideração experiências de pessoas negras dentro das suas respectivas maternidades. Para isso, articulo as contribuições de Fabiana Carneiro da Silva (2018) e Mileia Almeida (2022), na tentativa de pensarmos as especificidades dessas experiências a partir do marcador racial. Além disso, convoco a intelectual Patricia Hill Collins a partir dos conceitos de Imagens de Controle, por compreendermos que se tratam de tentativas de cristalizações de sujeitas, e da Autodefinição, enquanto movimentos potentes de possíveis rupturas de normas opressoras. Neste capítulo aponto para a constatação das famílias monoparentais de mulheres negras e as afetividades (Grossberg, 2015) que permeiam essas experiências, levando em consideração que elas não se iniciam ou se encerram sob o paradigma das dores. Pois conformar as nossas existências a partir dos traumas e dores desconsidera uma trajetória transatlântica regressa e as nossas possibilidades de reinvenções. A autodefinição, ao ampliar as perspectivas de experiências, também permite que mães negras se inscrevam a partir de outros afetos e se mobilizem considerando suas complexidades.

Já o segundo capítulo, “Maternagens Solo no *Instagram*: entre as Teorias e Metodologias” apresenta nas quatro seções os percursos e escolhas metodológicas. Dedico neste capítulo, um espaço para apresentar a plataforma de maneira crítica e para explicitar o porquê de tê-la escolhido para pesquisar. Além disso, percorro as teorias que circundam a Interseccionalidade e justifico a escolha dela como elemento que ampara esta pesquisa não só conceitualmente, mas também metodológica e analiticamente. Neste trabalho, reconheço o *Instagram* como um ambiente de grande popularidade e potência para trocas materiais e simbólicas dessas mães negras. Sendo assim, para esta pesquisa, é fundamental reconhecer que se trata de um dispositivo com dinâmicas próprias que estruturam comportamentos e está longe de ser um mero facilitador de comunicação, a plataforma, estendendo a argumentação de Jesús Martín-Barbero (2009) a esta pesquisa, molda a circulação de informações, a construção de identidades e a atribuição de significado. Ao aplicar essa perspectiva ao contexto da presença de mães negras no *Instagram*, esta investigação busca entender a

produção simbólica e significativa de fenômenos capazes de gerar rupturas nos modos em que são estruturadas as maternagens negras.

É neste capítulo que também discorro a respeito de como se deu meu adentramento na plataforma com o intuito investigativo e de como construí os caminhos operacionais para viabilizá-la. Para isso, sustento o uso do perfil @mainhacademica como ferramenta investigativa e espaço de trocas e produção de conhecimento situado. Nele, além de pontuar o percurso metodológico, detalharei os motivos pelos quais optamos por uma metodologia que considera o “afetar-se” enquanto instrumento potente investigativo. Ademais, considerando as articulações entre as abordagens pelas lentes da Interseccionalidade das perspectivas de Tecnicidade pensada por Jesús Martín-Barbero, para observação desses fenômenos dissidentes de maternidades negras no comunicacional. Um olhar interseccional, nos fará considerar a interseccionalidade enquanto categoria teórico-metodológica, capaz de sustentar as análises levando em consideração que avenidas de opressão em relacionalidade podem produzir fenômenos que encaminham mães negras a experienciarem lugares específicos dentro do trato parental. Para isso, consideramos as produções de intelectuais negras, como Kimberlé Williams Crenshaw (1991), Patricia Hill Collins (2020) e Lélia Gonzalez (2020) e Carla Akotirene (2019), que refletem a importância e indispensabilidade da ferramenta.

No capítulo analítico, intitulado “Ser Mainha é barril, Solo então: Maternagem e Autodefinição no *Instagram*” irei me debruçar nas análises dos perfis e produções selecionadas das 3 sujeitas escolhidas para a pesquisa, que são elas Aline Barbosa, Joyce Salvador e Lorena Ifè. A Aline Barbosa (@maecrespa) é uma gaúcha, mãe solo de quatro filhos e criadora de conteúdo e sua narrativa se concentra na reivindicação do autocuidado como um elemento crucial em sua trajetória materna. Enquanto a carioca Joyce Salvador, mãe solo do Lay e Akim, recorre em suas produções acerca da sobrecarga, invisibilidades e respiros necessários. Por fim, temos a Lorena Ifè, baiana e mãe do Ifè, que aborda a importância do amor na vida de mulheres negras que são mães.

Nesse capítulo discorro sobre os materiais selecionados nos respectivos perfis e sustentarei como a autodefinição se elabora nas dinâmicas virtuais das influenciadoras e dos pontos de aproximações entre elas. A hipótese que orienta esta investigação é a de que, por meio de suas produções, essas mulheres constroem movimentos de rompimento com estigmas, reivindicando novas formas de narrar e viver a maternagem negra e solo, a partir de suas próprias andanças.

Nas considerações finais, estão alinhavadas considerações a partir dos resultados dessas análises enquanto pesquisadora que não se coloca distante das minhas Sujeitas de

Pesquisa. Minha própria experiência como usuária do *Instagram* desde a adolescência e minha vivência como mãe solo de uma criança afetada pelo racismo me conectam diretamente com elas. A proximidade com a temática mobilizou meus afetos e me fez revisitar situações as quais me atravessam dolorosamente da mesma maneira que pude gozar nesse processo de escrita de alegrias ao me reconhecer enquanto mãe do fim do mundo, que transgride, se enfurece e autodefine suas andanças.

Feitas as considerações preliminares, convido vocês a degustarem das existências de mulheres negras e mães solo que precisaram fissurar a própria existência para materializar cada letra contida aqui.

1. MATERNAGENS NEGRAS: CONCEITUAÇÕES E CAMINHOS DE AUTODEFINIÇÃO

Às mães
que nos alimentaram de poemas
até que nas nossas barrigas
não houvesse espaço para dúvidas sobre
nós mesmas,
Obrigada.

(Upile Chisala - eu destilo melanina e mel)
a Aisha¹ que não deixa faltar vontade de viver em
nossa mesa posta.
(Carla Alexsandra Souza)

Importa, antes de tudo, para nós, considerarmos que não temos pretensões generalistas a respeito das Maternagens Negras. Isso implica, principalmente, dismantlar a ideia do romântico, biológico ou até mesmo uníssono no que tange às experiências de pessoas negras que maternam. Portanto, dentro dessa necessidade de compreensão de que a parentalidade transpassa o biológico, optamos por alocar nossa investigação sob a perspectiva da Maternagem, em detrimento a de Maternidade, por se distanciar de um conceito tradicionalmente atrelado à biologia e às normas patriarcais e essa escolha seguirá com sua fundamentação nos parágrafos que seguem.

A partir disso, parece-me, portanto, interessante desenvolver os pontos que fundamentaram a escolha que aqui entra em curso, neste ponto de maneira introdutória e no tópico que segue, de forma mais aprofundada. Segundo Maria Collier de Mendonça (2021), referência nos estudos em torno da Maternidade e Maternagem, através das articulações propostas pela Andrea O'Reilly, em Feminismo Matricêntrico a Maternidade compreende as agências biológicas e os significados institucionais, simbólicos e culturais que circundam o trato parental. Apoiada nos estudos de Andrea O'Reilly (2013), a intelectual considera alguns pontos que sustentam a concepção do que ela chama de Maternidade Patriarcal, que são eles: essencialização, privatização, individualização, naturalização, biologização, normalização, especialização, intensificação, idealização e despolitização da maternidade.

A essencialização posiciona a maternidade como fundamento da identidade feminina. A privatização situa o trabalho materno exclusivamente nas esferas reprodutiva e doméstica. De maneira similar, a individualização transforma a maternagem em um trabalho de responsabilidade individual, centrado, unicamente, na figura da mãe. A naturalização pressupõe que a maternidade seja natural para as

¹ O abraço que recebi das águas doces de Oxum, me fizeram perceber, sentir e saber que de você viriam fluxos de vida, filha. Minha escrita vem das fertilidades dos nossos Oris.

mulheres, inferindo que todas nós, mulheres, já nascemos sabendo como maternar “naturalmente”. Isto reforça o entendimento da maternagem como um trabalho guiado por “instintos” e “hábitos”, que não exige o uso da inteligência nem o aprimoramento de diversas habilidades e qualificações. A biologização enfatiza laços sanguíneos, posicionando a mãe biológica como a mãe autêntica e “real”. A normalização limita e restringe as identidades e práticas maternas ao modelo específico da família nuclear, no qual a mãe é a esposa e principal cuidadora dos filhos(as), enquanto seu marido encarna o papel de provedor econômico. Enquanto a especialização defende que a criação dos filhos(as) seja guiada por especialistas, tornando as práticas de maternagem extremamente demandantes, em termos de gastos de energia, dinheiro e esforços maternos. A idealização estabelece modelos maternos inatingíveis, os quais reforçam as expectativas das mães sobre si mesmas e da sociedade sobre as mães. Por fim, a despolitização da maternidade caracteriza a criação e a educação dos(as) filhos(as) como atividades privadas, sem relações nem implicações sociopolíticas. (Mendonça, 2021, p. 61-62)

Em contrapartida, a Maternagem, aciona a concepção de ação contínua, que não necessariamente se inicia ou se encerra no biológico e que se atravessa com experiências sociais, culturais e históricas. Além disso, pode ser desempenhada por outros atores sociais. Isso significa dizer, que essa concepção parental considera outros aspectos dentro da própria construção social nas relações de cuidado e que se refere a uma noção de prática social corriqueira e contínua no exercício do cuidado de outrem. Segundo O'Reilly (2016), foi a Sara Ruddick (1989) quem primeiro teorizou a transição do substantivo “Mãe” para o verbo “Maternar”. Para essa investigação, faz muito sentido a escolha da Maternagem, pois a perspectiva capta ações que podem ser desenvolvidas e apreendidas de maneira desnaturalizada. Da mesma forma que quando tratamos de contextos racializados pela negritude, importa dizer que nossas experiências são marcadas historicamente por cuidados de ordem coletiva, podendo avós, tias e amigas desempenharem as dinâmicas do zelo que normalmente são atribuídas a outra pessoa.

Embora parta do reconhecimento desse tronco comum de entendimento sobre a Maternagem, é ainda mais importante pensá-la de maneira plural, evitando nuances de romantismos. Nossas sujeitas de pesquisa experienciam de maneiras específicas suas respectivas maternagens e fazem isso de maneira solo. Significa dizer que elas podem contar ou não com a colaboração de outras agentes nessa experiência, fazendo emergir uma linha tênue entre a divisão desses cuidados e a existência de uma solidão, de fato.

Dessa forma, reconheço, a partir das limitações científicas que não é possível dar conta desses múltiplos agenciamentos e me proponho em dialogar com as três possíveis maternidades negras experienciadas por Aline Barbosa, Lorena Ifê e Joyce Salvador, procurando pistas que nos encaminhem às buscas do comum (ou não) entre elas, que evidenciem processos de transformação em curso, através da Autodefinição pensada por Patricia Hill Collins, em Pensamento Feminista Negro (2019), através de uma práxis

feminista negra interseccional. As influenciadoras Sujeitas da pesquisa, residentes em três diferentes regiões do país Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro e Bahia respectivamente, foram selecionadas ao pensar seus atravessamentos interseccionais com marcadores comuns, como a Maternagem Solo e é através dessas experiências que pude perceber suas aproximações e distanciamentos.

Para a socióloga estadunidense, a Autodefinição vem como uma maneira de enfrentar Imagens cristalizadas socialmente de pessoas negras. Essas Imagens se baseiam em uma ideologia ocidentalizada e binarista que estrutura o racismo e o sexismo, e que, portanto, imprime na sociedade um aglomerado de percepções de determinado grupo dominante sobre outros. Importante enfatizar o caráter fundamental que a binariedade ocupa na estruturação dessas imagens que localizam corpos em oposições, a partir de sua objetificação. Esse movimento de objetificação é fundamental para o processo de formação das diferenças, por meio de suas respectivas oposições. Portanto, as categorias colocadas enquanto oponentes, como Cultura x Natureza, Homem x Mulher, Branco x Negro, que dão base aos pensamentos ocidentais nos estudos das sociedades, se refletem, por sua vez, na cristalização dessas Imagens de Controle. Aqui, uma parte não é simplesmente diferente de sua contraparte; é inerentemente oposta a seu outro, pois “[...] no pensamento binário, um elemento é objetificado como o Outro e visto como um objeto a ser manipulado e controlado” (Collins, 2019, p. 137).

Essa construção e perpetuação de maneira tão estratégica, volátil e duradoura, pode ser explicada pelo fato de historicamente, mulheres negras terem sido excluídas das posições de liderança e de poder, e isso, de certa maneira, inviabilizar a construção de um olhar de dignidade e humanidade para com o imagético e prático dessas corpos fazendo com que os interesses das elites brancocêntricas permeiassem a cultura popular e as políticas públicas, pois

Como parte de uma ideologia generalizada de dominação, as imagens estereotipadas da condição de mulher negra assumem um significado especial. Dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder, grupos de elite no exercício do poder manipulam ideias sobre a condição de mulher negra. Para tal, exploram símbolos já existentes, ou criam novos. (Collins, 2019, p. 149-150)

Dessa forma, a conformação do lugar de subordinação destinado às mulheres negras e sua exclusão das “posições de poder nas principais instituições levou à valorização das ideias e dos interesses da elite masculina branca e à correspondente supressão de ideias e interesses das mulheres negras no mundo acadêmico tradicional” (Collins, 2019, p.36).

Pensar as Imagens de Controle impostas às mulheres negras, em concomitância aos processos de suas respectivas objetificações, também nos oferece insumos para analisar de quais maneiras as opressões de raça, gênero, sexualidade e classe podem se entrecruzar. Para isso, precisamos considerar, principalmente, que elas se tratam de uma tecnologia complexa que pode criar formas distintas a partir do seu respectivo contexto, afinal, essas imagens são dinâmicas e cambiantes e cada uma é um ponto de partida para abordarmos novas formas de controle em um contexto transnacional no qual a comercialização de imagens no mercado internacional tem sido cada vez mais importante (Collins, 2019).

Dessa maneira, é a partir de uma perspectiva ocidental, binária e brancocêntrica, que os símbolos que buscam restringir as experiências de mulheres negras e que também atuam de modo a conformar as reverberações das consequências do racismo e do sexismo, também irão perpassar pela dimensão de como as mães negras são visualizadas e nomeadas pelos grupos dominantes. Para a intelectual, seja através da retratação pela imagem da mammy, exemplo de lealdade e obediência para famílias brancas; da matriarca, exemplo de punição e raiva para famílias negras; da mãe dependente do Estado, exemplo de mulheres negras pobres que fazem uso dos benefícios sociais; ou da imagem da gostosa ou *hoochie*, que se refere às mulheres que trocam favores sexuais para suprir as necessidades econômicas de suas famílias, existem movimentos de conformação que amparam justificativas das opressões sofridas por mulheres negras. Essas imagens, apesar de trazerem nuances de semelhanças com as experienciadas por mães negras, em nosso país, encontram sua base de investigação nos olhares norte americanos. Além disso, nossa investigação não se dedica à análise de possíveis Imagens reverberadas no contexto brasileiro, apesar do reconhecimento da existência de estigmas de cristalização dessas corpos. Dessa forma, partirei desse reconhecimento para embasar os processos de enfrentamento aos estigmas proposto por essas mães pesquisadas. Sendo assim, vou me ater em focar menos as Imagens e me dedicar aos processos existentes de Autodefinição, que de maneira a ser adensada nos tópicos que seguem, se refere ao ato de desafiar estigmas sociais que resultaram em imagens estereotipadas de mulheres negras.

Ao analisar as representações de pessoas negras nas mídias de massa, bell hooks (2009) nos faz refletir como as imagens construídas por mentes brancas que não se despiram do racismo, ou por pessoas, que em linhas gerais enxergam o mundo pelas lentes supremacistas da branquitude, configuram cristalizações das noções da falta de complexidade nas vidas de pessoas negras. Essa construção culmina, para a intelectual, na compreensão de que a alguns grupos sociais é tirada a possibilidade de reflexões e análises críticas sofisticadas. É nessa relação de codependência entre dominação e representação que

estabelece-se uma conformação de lugares sociais, pois

Existe uma conexão direta e persistente entre a manutenção do patriarcado supremacista branco nessa sociedade e a naturalização de imagens específicas na mídia de massa, representações de raça e negritude que apoiam e mantêm a opressão, a exploração e a dominação de todas as pessoas negras em diversos aspectos. Muito antes da supremacia branca chegar ao litoral do que hoje chamamos Estados Unidos, eles construíram imagens da negritude e de pessoas negras que sustentam e reforçam as próprias noções de superioridade racial, seu imperialismo político, seu desejo de dominar e escravizar. Da escravidão em diante, os supremacistas brancos reconheceram que controlar as imagens é central para a manutenção de qualquer sistema de dominação racial. (hooks, 2009, p 29-30)

Contudo, Collins também nos apresenta a noção de ruptura e enfrentamento às Imagens de Controle, através do movimento de Autodefinição vivenciado por essas corpos. Essa prática, envolve desafiar o processo de validação do conhecimento político que resultou em Imagens estereotipadas externamente definidas da condição feminina afro-americana (Collins, 2016, p.102). Dentre as maneiras de se promover essa movimentação, a intelectual destaca o fato de que se por um lado, as escolas, as mídias, as agências governamentais e outras instituições de comunicação reproduzem essas imagens de controle, por outro lado, podemos perceber que mulheres negras tradicionalmente utilizam as redes familiares e as instituições da comunidade negra como espaços para combatê-las (Collins, 2019, p. 205), e, portanto

A insistência quanto à autodefinição das mulheres negras remodela o diálogo inteiro. Saímos de um diálogo que tenta determinar a precisão técnica de uma imagem para outro que ressalta a dinâmica do poder que fundamenta o próprio processo de definição em si. Feministas negras têm questionado não apenas o que tem sido dito sobre mulheres negras, mas também a credibilidade e as intenções daqueles que detêm o poder de definir. Quando mulheres negras definem a si próprias, claramente rejeitam a suposição irrefletida de que aqueles que estão em posições de se arrogarem a autoridade de descreverem e analisarem a realidade têm o direito de estarem nessas posições. Independentemente do conteúdo de fato das autodefinições de mulheres negras, o ato de insistir na autodefinição dessas mulheres valida o poder de mulheres negras enquanto sujeitos humanos (Collins, 2016, p. 103-104)

Esse processo de Autodefinição se torna um importante instrumento de remanejamento de consciência, pois ao se posicionarem enquanto definidoras de si, culminando num fenômeno de memória partilhada coletivamente, mulheres negras que foram objetificadas e alocadas historicamente enquanto o Outro a partir do “verdadeiro sujeito”, que seriam os homens brancos, transcendem e irrompem contra a norma imposta e propõem fissuras a partir da noção de insustentabilidade das próprias imagens estigmatizadas. Afinal, se as mulheres negras se recusaram a aceitar o seu status prescrito de “outro” por excelência, então toda a justificativa para esse tipo de dominação torna-se contestada (Collins, 2016, p.106).

Trabalhar com foco nas Maternagens Negras, sob a perspectiva feminista negra de

enfrentamento a essas Imagens de Controle, faz muito sentido para essa pesquisa por sugerir pistas de que as pessoas negras que maternam podem enunciar a partir de suas práticas, experiências próprias de atuação, rejeitando, atualizando, reavaliano e autodefinindo suas respectivas práticas. Pensar as Imagens de Controle como ferramentas de manutenção do *status quo* de grupos dominantes, convida também ao centro das reflexões o movimentos de resistência propostos por esses corpos.

Ademais, parece-me interessante iniciar esta empreitada definindo o que compreendo tanto por Pessoa Negra como pela de Mãe. De antemão, coaduno com algumas vertentes científicas que as apontam enquanto categorias sócio-políticas. Digo isso por entender que toda corpa/corpo/corpe que se mostra como agente de ação na construção de si mesmo e de contribuição para a construção de si feita pelo outro (no caso de quem se cuida), seja no sentido fisiológico (o dar banho, oferecer o que comer e vestir, acalantar prantos), ou no social (educar, mostrar caminhos, acompanhar processos de crescimento), é por si só capaz de movimentar dinâmicas sociais e as engrenagens na sociedade.

Por isso que, dentro de uma perspectiva do comunicacional, faz muito sentido pensar a construção dessas dinâmicas como formas também de sobrevivência, já que há um movimento contrário aos estigmas impressos nesses corpos/corpas/corpes, com as movimentações de outras inscrições do mundo, a partir da potência política que é a autodefinição, em mídias digitais.

1.1 PESSOAS NEGRAS QUE MATERNAM: CONCEITUAÇÕES E UM APANHADO HISTÓRICO

“É preciso uma aldeia inteira para educar uma criança”

(Provérbio Africano)

No projeto apresentado por mim para o processo seletivo do Mestrado, utilizei a expressão “mulheres negras que são mães” e, naquele momento da escrita, parecia fazer sentido. Entretanto, os mergulhos acadêmicos me fizeram repensá-la e modificá-la para “pessoas que são mães”, por compreender a importância de observarmos a magnitude de possibilidades das Maternagens furando a bolha, não só do biológico, consanguíneo, como também da cisgeneridade. É um diálogo que se encontra em fase de construção, mas se trata

de uma escolha que tem feito sentido pelas minhas andanças, embora minhas sujeitas de pesquisa ocupem o lugar da cisgeneridade.

Digo isso com entusiasmo, por dividir com vocês a sorte que foi ter encontrado em meu percurso até aqui, pessoas² e literaturas que não só me desestabilizaram, como também me propulsionaram, e contribuíram com a maturação do meu olhar através de suas lentes, sobre posições outras no que tange a maternidade. A expressão “Pessoas que Maternam” se refere a uma perspectiva que também possibilita quebras de cristalizações ocidentalizadas, transpassando as construções de parentalidade em formatos generificados.

Essa alteração apresenta-se, portanto, enquanto um movimento cuidadoso de enfrentamento ao pagamento de outras existências, a exemplo das Maternagens Trans. Apesar de reconhecer que minhas sujeitas de pesquisa compartilham de experiências cis-gêneras, importa, para uma posicionalidade política e acadêmica apontar existências transgressoras dessas experiências.

Defendendo que gênero não só é construído socialmente como também historicamente, Oyèrónké Oyěwùmí ao se debruçar sobre as limitações das traduções conceituais das perspectivas dominantes na literatura ocidental no que se refere a outros contextos geográficos, traça uma rota que lança importantes reflexões em “Matripotência: Ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas”. Para a intelectual,

As palavras Ìyá ou Yèyè são normalmente traduzidas como a palavra inglesa “mother”, que significa mãe. Essa tradução é altamente problemática porque distorce o significado original de Ìyá no contexto iorubá, deixando de captar o significado central do termo, porque abordagens teóricas dominantes da maternidade — feministas e não feministas — representaram a instituição como generificada. A partir dessa perspectiva, a maternidade é uma instituição generificada paradigmática (Oyèwùmí, 2016, p. 2)

Um dos apontamentos da intelectual consiste em dizer que essa compreensão generificada de mundo contribui para a articulação da formatação dos lugares sociais de uma família a partir do gênero e que, portanto, não pode ser a régua única capaz de mensurar toda a amplitude das famílias em outras sociedades, uma vez que

Distinções de gênero são fundantes do estabelecimento e funcionamento deste tipo de família. Assim, o gênero é o princípio organizador fundamental da família, e as distinções de gênero são a fonte primária de hierarquia e opressão dentro da família nuclear. Da mesma forma, a mesmice de gênero é a principal fonte de identificação e solidariedade neste tipo de família. (Oyèwùmí, 2004, p.4)

Assim, as contribuições de Oyèwùmí fazem emergir no bojo das suas conceituações a noção de que a generificação da Maternagem reflete nas dinâmicas sociais a noção e

² Importante mencionar que marco importante no meu processo de desestabilização das Maternagens Negras, se deu no encontro com Isis Broken (@isisbroken), mãe trans progenitora, que dentre tantas coisas despertou em mim o olhar múltiplo para com outras tantas possibilidades de maternar.

perspectiva de mães delimitadas ao ambiente doméstico, restritas às categorias de mulher-hetero-cis e esposas. Isso faz com que todas as experiências que não dialogam com essa formatação sejam desconsideradas e colocadas à margem dos olhares sociais.

Para Mendonça (2021), por Mãe, compreende-se a sujeita que destina sua energia material e vital ao exercício da maternagem, podendo se referir a qualquer pessoa que desempenhe o trabalho de maternidade como parte importante de sua vida. Responsável por uma virada de chave do ponto de vista prático e conceitual, O'Reilly (2016 *apud* Mendonça, 2021) propôs duas categorias contrapostas de análises: Maternidade e Maternagem. Para ela, a primeira engessaria nos moldes patriarcais as concepções do que viria a ser uma mãe, enquanto a segunda seria capaz de explodir e acionar outros aspectos para além do biológico e determinista.

O'Reilly (2013) observa que os dez pressupostos ideológicos, anteriormente apresentados, estruturam e mantêm a maternidade como instituição patriarcal. Desse modo, eles enfraquecem a importância da maternagem, desvalorizam socialmente o trabalho materno e, ainda, promovem modelos maternos inatingíveis. Consequentemente, sobrecarregam as mães e reforçam, nelas, sentimento de culpa, cansaço físico e estresse psicológico. (Collier, 2021, p.63)

Posicionar as maternidades a partir das lentes do gênero, exclusivamente, consistiria num erro de caráter, não só epistemológico, como também influenciaria nas dimensões das construções familiares. Como referência importante a respeito dos estudos ocidentais em torno das Maternidades, temos o livro “Um amor conquistado: o mito do amor materno” de Elisabeth Badinter, lançado na década de 80. Badinter (1985, p.25), perpassando por uma construção histórica desse amor materno, formula a concepção da não universalidade e atemporalidade do seu entendimento. Ou seja, reconhece-se uma construção social específica, imersa em um contexto patriarcal, que na produção de sua escrita informa que Mãe seria “a mulher casada que tem filhos legítimos” e que socialmente se trata de uma categoria relativa e tridimensional. Essa dimensão compreende a sujeita Mãe enquanto resultado ou estando necessariamente em relação com o agrupamento de suas aspirações particulares, as provenientes de sua relação com o pai do filho e a com o próprio filho a partir da necessidade de supri-las.

Os pensamentos da filósofa lançam mão de reflexões importantes que efervesceram dentro do feminismo francês, que tinha, entre suas pautas, a maternidade enquanto uma categoria social construída socialmente por mãos fundamentalistas religiosas. Assim sendo, a combinação da religião, que se pautava no romântico e divino, com a ciência, que se baseava no biológico enquanto sustentador da própria estrutura familiar, culminava, para Badinter,

num desarranjo funcional e servia como forma de enquadramento e cerceamento de possibilidades dessas corpos que maternavam, pois

(...) os defensores do amor materno ‘imutável quanto ao fundo’ são evidentemente os que postulam a existência de uma natureza humana que só se modifica na ‘superfície’. A cultura não passa de um epifenômeno. Aos seus olhos, a maternidade e o amor que a acompanha estariam inscritos desde toda a eternidade na natureza feminina. Desse ponto de vista, uma mulher é feita para ser mãe, e mais, uma boa mãe. Toda exceção à norma será necessariamente analisada em termos de exceções patológicas. A mãe indiferente é um desafio lançado à natureza, a a-normal por excelência. (Badinter, 1985, p.15)

Por conseguinte, a estruturação desse projeto de maternidade é compreendida como parte de um movimento conjunto das instituições sociais interessadas em padronizar esses corpos. O endosso formulado por Milena Freire de Oliveira Cruz *et al*(2020), complementa que, para Badinter:

O conceito de cuidado e afeto, a priori, não era algo amplamente difundido; o instinto materno aparecia apenas como um mito e a preocupação com a criação dos filhos beirava o desinteresse. A mulher como mãe, tal como compreendemos hoje, foi criada conjuntamente pela Igreja e pela sociedade com objetivo de lapidar e reformular a ideia da maternidade, como forma de controlar sexualmente mulheres, transformando a figura da mãe em uma imagem pura, santificada e idealizada. (Oliveira-Cruz, M *et al.* 2020, p.3)

Sua contribuição acadêmica percorreu caminhos históricos, a respeito de alguns estigmas sobre maternidades, dentro de uma perspectiva europeia. Se por um lado, existe uma pressão a respeito dos essencialismos do papel social, por outro lado a “nova mãe” que surge no emergir dessas reflexões é moldada para a necessidade do estabelecimento de proximidade do vínculo afetivo com suas crianças através de práticas do cuidado, a exemplo do aleitamento, sob a justificativa de “retorno à boa natureza”. Essa crença estava respaldada no aparato religioso, que compreendia a amamentação como parte da organização da natureza divina e de que, portanto, o seu abandono poderia configurar uma ação pecaminosa contra Deus, uma ação imoral. Além disso,

O primeiro índice de uma mudança do comportamento materno é, certamente, a vontade nova de aleitar ela própria o filho, e só a ele, com exclusão de qualquer outro. Pois, se é verdade que as camponesas, em sua grande maioria, sempre amamentaram os filhos, também é certo que muitas delas aceitaram dividir, mesmo desigualmente, o seu leite com um pequeno estranho, a fim de obter um rendimento. Pensamos, com E. Shorter, que devem ser consideradas como "modernas as mães que só amamentam o próprio filho, recusando-se a aceitar outros, seja porque sua presença colocaria em perigo a saúde de seu próprio filho, privando-o de parte do leite materno, seja porque ela constituiria uma intrusão indesejável no seio da vida privada da unidade doméstica". (Badinter, 1985, p.202)

É importante considerar que a experiência de mulheres negras em sua relação com a amamentação se dá de maneira diferente em nosso país e isso tem como base nosso passado escravista que perpassou por dinâmicas de violência. Afinal, as escravizadas eram obrigadas a

cuidar dos filhos de seus senhores, enquanto seus filhos recém-nascidos eram arrancados delas para que houvesse uma dedicação exclusiva às crianças brancas, amamentando e educando-as. E “aquelas que não aceitassem eram cordialmente torturadas ou simplesmente liquidadas” (Gonzalez, 2020, p.184).

A partir dessas reflexões, sem dúvidas, muitas foram as contribuições da intelectual a respeito desses corpos maternantes. No percurso dessas discussões, por exemplo, em linhas gerais, a autora chega à conclusão de que é fictícia a ideia de que existe instinto materno, por compreender que o papel dos cuidados aos filhos extrapola o biológico e pode ser exercido também pelo pai. A mesma lógica se refere ao sentimento “inerentemente materno”, uma vez que Badinter também o aloca em um lugar de causalidade, podendo ele existir ou não.

Contudo, ainda que a autora seja referência nos estudos a respeito da Maternidade, contribuindo para a (des)construção de um olhar universalista sobre o que viria a ser “mãe”, se faz necessário o reconhecimento de limitações dentro de perspectivas que sejam geográficas, raciais ou de classe, no que tange ao alcance das corpos por ela percebidas. Aponto, portanto, para a ausência do olhar, dentro de sua escrita, a respeito das nossas experiências tão específicas, pensando pelas perspectivas afro diaspóricas. Dessa forma, referenciando O'Reilly (2016), a autora evidencia que

A categoria de mãe é distinta da categoria de mulher: muitos dos problemas que as mães enfrentam - sociais, econômicos, políticos, culturais e psicológicos - são específicos para seu trabalho e identidade como mães. Em outras palavras, as mães não vivem simplesmente como mulheres, mas como mulheres mães, assim como as mulheres negras não vivem simplesmente como mulheres, mas como mulheres racializadas. (O'reilly, 2016 apud Collier, 2021, p. 64)

Partindo de uma concepção censitária que considera-se pessoas negras aquelas que se autodeclararam pretas e pardas, empregada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística de 2022, essa pesquisa também se apoiará em conceitos elaborados pelas ciências sociais. Uma visão filosófica brasileira trazida pela intelectual Sueli Carneiro aponta que grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso (Carneiro, 2004, p.119)

O que poderia ser considerado como história ou reminiscências do período colonial permanece, entretanto, vivo no imaginário social e adquire novos contornos e funções em uma ordem social supostamente democrática, que mantém intactas as relações de gênero segundo a cor ou a raça instituídas no período da escravidão. As mulheres negras tiveram uma experiência histórica diferenciada que o discurso clássico sobre a opressão da mulher não tem reconhecido, assim como não tem dado

conta da diferença qualitativa que o efeito da opressão sofrida teve e ainda tem na identidade feminina das mulheres negras. (Carneiro, 2001, p.1)

Em “Maternidades Subalternas”, a intelectual Mileia Almeida (2022) percorre um trajeto intelectual periférico que rearticula algumas concepções estabelecidas no bojo das lutas e estudos feministas consolidadas, a partir do Ocidente e do Norte Global, em torno dos significados e papéis de gênero imbricados ao conceito de Maternagem. No artigo em questão, ao referenciar o livro de Badinter, Almeida (2022), aponta para a importância de pensarmos que a romantização e biologização maternas contrapostas na obra em questão, apesar de relevante, não faz juz às experiências vividas por pessoas negras, já que existe um processo de desumanização nesses atravessamentos:

Para pensar as maternidades imbricadas em relações de gênero, raça e classe, é preciso ir além, e compreender os processos de desumanização das mulheres nos contextos coloniais. O mito do amor materno, ainda que fosse universalizante das experiências femininas, não correspondia na prática às políticas empreendidas em relação às mulheres racializadas, dificilmente confinadas ao espaço doméstico. (Almeida, 2022, p.91)

Em vídeo publicado, em seu canal no youtube, a intelectual Aza Njeri, discute com sua convidada, a vereadora do estado do Rio de Janeiro e idealizadora do projeto Mãe & Mais Thais Ferreira, referência dentro da comunidade negra brasileira, sobre algumas noções de Maternagens. De acordo com Thaís, a principal diferença entre Maternidade e Maternagem é que essa se trata do ato biológico de se tornar mãe, seja de filhos nascidos vivos ou não. Enquanto a Maternagem se refere ao exercício diário de construção de vínculo com um indivíduo, sem que necessariamente seja sobre um filho gerado biologicamente por essas pessoas. Para ela, maternar é um ato saudável e muito poderoso” que, quando percebida de maneira racializada, transpassa experiências do individual e se ampara numa vivência coletiva de cuidados. Dessa maneira

Uma forma bem didática e simples, como a gente fala, Maternidade a gente entende que o ato biológico se tornar mãe. Então, se o seu filho nasceu ou você está gestando, você está passando por um processo de maternidade que com seu filho vivo ou não, devemos também respeitar as mulheres mães que perdem seus filhos ainda na gestação ou pouco após o parto. E aí você vai ser mãe. Aí pronto, é aquela coisa, quando nasce um filho, nasce uma mãe. Isso é a Maternidade. Agora a Maternagem vem do exercício diário que é construir esse vínculo com esse outro indivíduo, que é um indivíduo, que é uma pessoa, que não apenas é o seu filho. Então laço de maternar ele tem a ver com o ambiente que a gente vai criar para aquela criança com as formas que a gente vai encontrar para passar todos e também para que ele seja que ele possa se desenvolver de forma autônoma. (Aza Njeri/ Thais Ferreira, 2020, 2:15 - 3:03min)

Considerar as singularidades dessas respectivas vivências, nos movimenta para um encontro necessário com as teorias da interseccionalidade, já que são os acionamentos

advindos desses entrecruzamentos de avenidas³ identitárias que fazem emergir, nos casos das Maternagens Negras, modos específicos das suas experiências, afinal os

(...) grupos de mulheres indígenas e grupos de mulheres negras, por exemplo, possuem demandas específicas que, essencialmente, não podem ser tratadas, exclusivamente, sob a rubrica da questão de gênero se esta não levar em conta as especificidades que definem o ser mulher neste e naquele caso. (Carneiro, 2004, p.119)

Isso porque, quando penso na construção histórica da Maternagem Negra, na sociedade brasileira é importante considerar os aspectos da colonialidade nas cristalizações dos estigmas. Quando se trata de corpos/corpos/corpes negres nesse período histórico o que a literatura relata é a retirada, sobretudo, da humanidade. Como processo dessa retirada de empatia, solidariedade e direitos, têm-se vidas violadas e aniquiladas das mais diversas maneiras. Foi no processo de violência sexual, por muitos romantizado como o que daria origem a uma sociedade democraticamente racial, que pessoas negras escravizadas serviram de ferramentas produtoras de corpos funcionais para o trabalho escravo e de fonte de sustentação das famílias dos senhores, tendo suas corporeidades exploradas das mais diversas maneiras.

Essa trajetória, de certa forma, distingue, separa e realoca as experiências dentro das perspectivas raciais partindo das lentes das Maternagens, em diáspora. E da mesma maneira que separa as vivências, também aponta para a necessidade de trilharmos caminhos diferentes nas construções das pautas, dentro dos movimentos de reivindicações, no bojo das questões sociais, pois, como diz Fabiana Carneiro da Silva (2018),

Davis identifica uma ideologia da “feminilidade” que surge com a industrialização no século XIX e afasta cada vez mais a mulher branca da esfera do mundo do trabalho produtivo. Mulher (branca) torna-se, segundo ela, sinônimo de “mãe” e “dona de casa”. Contudo, isso não se aplica às mulheres negras, já que: “A exaltação ideológica da maternidade – tão popular no século XIX – não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiriam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram ‘reprodutoras’ – animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar” (Silva, 2018, p. 253)

Segundo Silva (2018), Conceição Evaristo é uma das precursoras responsáveis por chamar atenção para a quase ausência da representação da Maternagem da mulher negra no campo literário do nosso país. Em seu livro *OMINÍBÚ: maternidade negra em um defeito de cor*, a pesquisadora referencia a Evaristo dizendo que:

A representação literária da mulher negra, ainda ancorada nas imagens de seu passado escravo, de corpo-procriação e/ou corpo objeto de prazer do macho senhor,

³ A perspectiva de avenidas que acionarei neste trabalho está embasada na formulação teórica da intelectual Carla Akotirene (2018) que em seu livro publicado para a coleção *Feminismos Plurais*, articula o conceito de Interseccionalidade ao entendimento de que ela se refere ao cruzamento dessas avenidas ou marcadores.

não desenha para ela a imagem de mulher-mãe, perfil desenhado para as mulheres brancas em geral. Personagens negras como Rita Baiana, Gabriela, e outras não são construídas como mulheres que geram descendência. Observando que o imaginário sobre a mulher na cultura ocidental constrói-se na dialética do bem e do mal, do anjo e demônio, cujas figuras símbolos são Eva e Maria, e que o corpo da mulher se salva pela maternidade, a ausência de tal representação para a mulher negra acaba por fixar a mulher negra no lugar de um mal não redimido. (Silva, 2028 p.249)

Lembro-me de ter conhecido Conceição Evaristo pessoalmente, em 2015, numa atividade promovida em Vitória da Conquista, na Bahia. Na época, uma universitária de 20 anos, com muitos acionamentos de reconhecimento da minha própria identidade de gênero e raça, não me sentia tocada pela maternidade da maneira como sou hoje. Nem se eu quisesse poderia. Mas ouvi, na ocasião, sobre as Escrivivências contidas em “Olhos d’água” e na época, me resguardei entendendo os aspectos de suas experiências particulares presentes em sua obra e sobre como seu corpo feminino preto baila abruptamente pelos salões da literatura.

Contudo, recentemente, pude reencontrar suas palavras a partir de outros lugares. Lugares que os trinta anos, a Maternagem Solo e a pesquisa me possibilitam. Trago essa dimensão para a nossa roda por ter esse encontro marcado por muitas reflexões que os quinze contos fazem emergir ao reivindicar letra após letra, palavra após palavra, página após página que as vivências particulares das Anas Davengas, Marias e Natalinas pelo seu traçado histórico e social precisam ser levadas em consideração dentro das nossas andanças.

Dessa forma, partindo de uma concepção histórica, devemos insistir na consideração de que pessoas negras têm suas vivências atravessadas por um passado não muito longínquo escravocrata. E que a forma como se estruturam as suas diversas formações, sobretudo familiares, carrega essas nuances de violência. Isso não seria diferente com as pessoas negras que maternam. Não é incomum, ainda hoje, nos depararmos com relatos sobre pessoas negras que experienciam rotinas enquanto Domésticas em famílias brancas de classe média e que são imputadas aos fenômenos de hereditariedades nesses espaços. Essa percepção de que corpos negros são propriedades a serem transferidas de geração em geração é abordada de maneira robustecida no episódio do *podcast* Quadro de Empregada chamado “Trabalhadoras Domésticas ou Propriedades Transferíveis?” Segundo Janaína Costa, apresentadora e, na época da gravação, Mestranda e Babá,

[...]é como se a gente fosse uma bem, um tipo de escravo, de certa forma, que o dono morre e pode deixar em testamento, que acontece em muitos casos, que tem uma visão romantizada de que pessoas no Brasil se enchem pra dizer “eu tenho uma empregada que foi babá dos meus filhos”, “eu tenho uma babá que está na minha família há gerações”. (Costa, 2022, 4:00)

Essas questões fomentam uma série de reverberações na maneira de pessoas negras viverem suas próprias Maternagens, sem dúvidas partem de um processo doloroso e histórico. Pois enquanto pessoas negras eram obrigadas a servirem de fonte de nutrição e afeto para os

filhos da branquitude, suas próprias crias eram vendidas e violentadas.

É dessa forma que o fato de a mulher negra ter tido a família branca como um espaço de exercício de sua maternidade ao longo do século XIX não é problematizado pela literatura organizada em torno do projeto de construção nacional, que, ao contrário disso, reforça simbolicamente a obstrução da possibilidade de as mulheres negras constituírem seus próprios laços afetivos e reprodutivos. (Silva, 2018, p. 248)

Aqui, contudo, abro parênteses para dizer que por mais distante que queira passar do aspecto determinista ou romântico sobre as dimensões do aleitamento materno, é de suma importância considerarmos seus desnivelamentos. Por exemplo, se por um lado os debates sobre a essencialidade da prática circulam pelos corredores da classe média branca, por outro lado tem-se o fato da maioria das pessoas negras e não brancas que amamentam, passarem por dificuldades no que é básico: no direito, por exemplo, à licença maternidade. Dentre tantas causas dessa disparidade, podemos considerar a presença em maior número em condições informais de trabalho. Sobre esse histórico, Lorena Féres da Silva Telles (2018) aponta que,

Mulheres brancas das elites delegaram o aleitamento de seus bebês a suas cativas, prática comum a todas as sociedades escravistas do Atlântico. A crença na fragilidade das mães brancas e de seu leite, considerado fraco em oposição ao mito da robustez e da abundância de leite entre as mulheres negras e africanas, concorreu para a adoção da prática que se tornou disseminada nas fazendas e centros urbanos da Colônia e do Império. (Telles, 2018, p.102)

Dessa forma, é importante reconhecer que a Maternagem Negra atual foi construída sob a égide de um passado escravocrata que anulou a humanidade não só dessas mães, como de famílias inteiras. O que se tem hoje, são reminiscências desse passado, afinal como disse anteriormente, quantas pessoas negras gozam do direito à licença-maternidade? Quantas pessoas negras precisam delegar a terceiros os cuidados dos próprios filhos para dedicarem-se aos filhos dos patrões? Quantas pessoas negras continuam a chefiar famílias inteiras de maneira solo? Quantas pessoas negras se despedem de suas crianças sem saber se os encontrarão no retorno à casa? Sobre isso, Lélia Gonzalez diz que

A situação da mulher negra hoje não é muito diferente de seu passado de escravidão. Enquanto negra e mulher, é objeto de dois tipos de desigualdades que fazem dela o setor mais inferiorizado da sociedade brasileira. Enquanto trabalhadora, continua a desempenhar as funções modernizadas da escrava do eito, da mesma mucama da escrava de ganho. Enquanto mãe e companheira, continua aí, sozinha, a batalhar o sustento dos filhos enquanto o companheiro, objeto da violência policial, está morto ou na prisão, ou então desempregado e vítima do alcoolismo. Mas seu espírito quilombola não a deixa soçobrar (Gonzalez, 1981, p. 114).

Logo, não há como ignorar que as mesmas amarras racistas presentes em nosso cotidiano também não estejam reverberadas nas vidas dessas corpos já que "a escravidão violentou nossos direitos, nossa língua, cultura, religião, nossa vida, enfim, nossos valores

civilizatórios” (Piedade, 2017, p.19).

Portanto, considerar as disparidades entre as experiências das maternidades, a partir de um viés histórico, nos permite reconhecer a solidez de uma engenharia política complexa capaz de estruturar relações de grupos marginalizados socialmente. Uma outra reflexão sugerida por Angela Davis (2016) em *Mulheres, Raça e Classe* é de que,

A exaltação ideológica da maternidade –tão popular no século XIX –não se estendia às escravas. Na verdade, aos olhos de seus proprietários, elas não eram realmente mães; eram apenas instrumentos que garantiam a ampliação da força de trabalho escrava. Elas eram “reprodutoras” –animais cujo valor monetário podia ser calculado com precisão a partir de sua capacidade de se multiplicar (Davis, 2016, p. 19)

Embora tenha ressaltado que esta investigação não irá se propor ao aprofundamento das Imagens de Controle pensadas por Collins, é importante considerarmos que a perspectiva histórica a respeito da construção que considera os impactos da colonização na Maternagem, provoca a necessidade de falarmos das Maternagens Negras e as representações destas, a partir de diálogos mencionados anteriormente. Para Silva (2018)

Somando-se ao estereótipo da “mulata”, a “mãe preta” configura a outra forma com que a mulher negra foi principalmente representada pela literatura alçada à condição de nacional no Brasil. Em ambas as representações, tolhe-se a possibilidade de que essa mulher seja representada subjetivamente enquanto mãe, na medida em que, num dos casos ela é estéril (conforme indica o termo “mula”, do qual deriva “mulata”, que se refere à espécie resultante do cruzamento entre um cavalo e um jumento) e, no outro, sua relação com o próprio filho é invisibilizada. Ainda, a inserção do elemento “preta” como caracterizador da ideia (tão essencializada) de “mãe” demarca com intensidade a racialização e a posição subalterna atribuída à mulher negra, formalizando, como veremos a seguir, um sistema em que a justaposição dos dois termos gera um curto circuito semântico. (Silva, 2018, p.245)

Patricia Hill Collins (2019) observou, num contexto estadunidense, imagens de controle baseadas nas representações da Mammy, da Matriarca, da Mãe Dependente do Estado (Welfare Mother) e da Hoochie Mama. Todas elas reverberadas pela classe dominante como forma de assentar estruturas sociais baseadas em espectro de violências e poder além de dar margem a conformidades de lugares de subalternidades de determinado grupo, que neste caso, seria o de mães negras. Segundo a intelectual, a *mammy* se refere à imagem da serviçal leal e obediente criada para respaldar o confinamento das mulheres negras ao serviço doméstico. Ela seria responsável pelos cuidados dos filhos e das famílias brancas, melhor do que o dos seus próprios (Collins, 2019, p.140) e isso gera a ambiguidade de que, embora esteja inserida num contexto dotada de certa autoridade em meio à branquitude, também se trata de uma corpa docilizada e compreendida como passiva e subordinada. É possível indicar a existência de uma relação com essa imagem de controle, por exemplo, no caso da “mãe preta”, dentro do contexto brasileiro.

Como já disse, é possível observar e compreender que estigmas não recaem apenas no contexto do norte global, e isso me leva a refletir e apontar mais uma vez sobre a importância de racializarmos nossas discussões dentro das Maternidades. Um dos argumentos que mais justificaram a necessidade da existência dos feminismos negros surgiu quando mulheres brancas, com filhos, pleiteavam o direito de trabalharem fora de suas casas. Pessoas negras sempre estiveram fora dos seus próprios espaços domésticos, inclusive, por tempo suficiente para sequer conviverem cotidianamente com seus próprios filhos, em detrimento da exploração de suas corpas através dos cuidados das famílias dessas próprias mulheres brancas. Como exigir que pessoas que passam mais tempo distantes de suas famílias ocupem o lugar da *mammy* para suas crianças? A figura da *mammy* requer presença para se efetivar. Como exigir presença de quem não tem escolha sobre se ausentar? Levando-se em consideração, inclusive, o tipo e a qualidade dessas presenças, pois o adoecimento imposto pela exaustão das múltiplas jornadas de trabalho às quais estão submetidas, culminam no desgaste e em impossibilidades.

Por outro lado, encontramos a figura da Matriarca que, por sua vez, representava a figura materna no seio familiar negro. Enquanto as *mammies* representavam bondade e afeto, as matriarcas eram adjetivadas como punitivas, maldosas e negligentes.

Por passarem muito tempo longe de casa, as mães negras que trabalhavam fora não conseguiam supervisionar adequadamente as filhas e os filhos e, assim, contribuíam de modo relevante para o fracasso escolar das crianças. Consideradas excessivamente agressivas e não femininas, as matriarcas negras eram supostamente castradoras de seus amantes e maridos. Da perspectiva do grupo dominante, a matriarca representava uma *mammy* fracassada. (Collins, 2019, p. 145)

A Mãe Dependente do Estado pode estar relacionada às mães que acessam programas sociais do governo. Essa imagem é construída a partir de um viés de classe, desenvolvida para mulheres negras pobres da classe trabalhadora que fazem uso dos benefícios sociais a que têm direito por lei (Collins, 2019). É uma compreensão que se espelha no passado colonial que pensava mães negras por uma perspectiva econômica. Para os colonizadores, mulheres escravizadas que engravidavam eram vistas como procriadoras cuja prole representaria fonte de renda, a partir de sua comercialização. Importante perceber como essa imagem de controle reverbera crenças de que ter filhos e receber auxílio governamental significa comodismo dentro de uma sociedade capitalista e meritocrata. Essa imagem surge portanto de uma necessidade de controlar a fecundidade de mulheres negras.

Essa imagem de controle, essencialmente uma versão atualizada da imagem da mulher procriadora inventada durante a escravidão, fornece uma justificativa ideológica para as tentativas de atrelar a fecundidade das mulheres negras às necessidades de uma economia política em transformação. Durante a escravidão, a

imagem da mulher procriadora retratava as mulheres negras como mais adequadas para ter filhos que as brancas. (Collins, 2019, p.150)

A última imagem de controle se refere às *hoochie mamas*, relacionadas às formas de cristalizar a sexualidade das mulheres negras que ocupam essa base de opressões. A *hoochie* é construída como uma mulher cujo apetite sexual é, na melhor das hipóteses, inadequado e, na pior, insaciável (Collins, 2019, p. 157). Sem dúvidas que essa última colabora com a tessitura dos encontros das avenidas de gênero, raça, classe e sexualidade. A *hoochie* aparece como limítrofe no que se refere às experiências das maternidades. Inclusive a própria *hoochie* se opõe à *mammy*, que é trabalhada enquanto corpo assexuado e que, portanto, estaria pronta para maternar famílias brancas, longe dos desejos sexuais. Essa imagem, ao ridicularizar ou excluir experiências sexuais de mulheres negras, propõe como deve ser seguida a norma. Ocupar as margens significa, de alguma maneira, estabelecer limites com o Outro.

Analisar e reconhecer o que nos distancia e nos aproxima é, para além de exercício analítico, uma responsabilidade política e social indispensável dentro das pesquisas acadêmicas sobre sujeitas que maternam. Ou seja, entendo que ponderar a existência das demandas maternas nas produções acadêmicas se faz essencial para um compromisso a ser firmado com as transformações sociais. Entretanto, fazer emergir dentro dessas discussões as especificidades vivenciadas por pessoas negras e não brancas é também urgente. Caso contrário, continuaremos a ter nossas humanidades negligenciadas, não só dentro de um aspecto individual, considerando as especificidades das nossas construções familiares e, por consequência, nossos direitos reprodutivos e maternos rejeitados.

Mencionei antes a importância de Conceição Evaristo, no meu processo de maturação através de sua obra, Olhos D'água. E apesar de ter percorrido esse tópico abordando a formação das nossas dores, por outro lado, a escritora, em sua obra, também localiza as dinâmicas da cura a partir de uma vida costurada a “linhas de ferro”. Aí, eu tomo a ousadia, de imprimir meu pensamento de fuga das perspectivas românticas que existem nas concepções do que significa dizer que apesar da dor, a resiliência fomenta outras formas de alocações. Receio que essas narrativas colaborem com o entendimento de que a dor nos faz fortes e aguerridas. As dores compõem nossas existências, mas não dão conta de toda a complexidade advinda delas. Há um quê de cicatriz falante, mas também outros quês afetivos atuantes, na maneira inventiva e criativa de nossas existências. Pois como assertivamente nos diz Wendi Yu *et al* ao discorrer em seu artigo “Amar é suficiente? Afetos e gênero nas disputas por legitimidade e tradição em AmarElo – É tudo pra ontem”, a partir do verso contido na canção AmarElo “permita que eu fale, não as minhas cicatrizes”:

Será que é possível que eu fale e não as minhas cicatrizes? Acho que não. Nem sei se há uma eu para além das cicatrizes, uma eu essencial, intocada. Na verdade, ao menos em mim, sei que não há. Elas não são coadjuvantes ou figurantes, elas são parte indissociável de quem sou. Sou cheia delas, físicas ou não. Não tem como eu falar sem elas, porque elas trazem consigo muitas das palavras que configuram meu vocabulário. Se de fato existe uma eu para dizer alguma coisa aqui, ela é uma mostra, cheia de cicatrizes entre os pedaços costurados. Isso não quer dizer que eu não entenda a potência desse pedido: não quero ser definida por mazelas, não quero que nossas vidas se resumam à sobrevivência. Não quero que os termos dos algozes sejam usados para nos descrever. (Yu, 2021, p. 3)

Reivindico essa possibilidade em minha escrita, pois apesar da maternagem solo, por vezes dialogar com marcadores sociais da dor, existir para além dela é, portanto, reconhecer sua existência e ao mesmo tempo pluralizar afetos que nos permitem insurgir em outros sentidos.

1.2 PARENTALIDADES NEGRAS: MATERNAGENS SOLO TÊM COR

Considere colocar o “solteira” acompanhando
qualquer outra parentalidade e
você então verá que avó solteira
pai solteiro
primo solteiro
não existem.
“mãe não é estado civil”

Me disse Joyce Salvador em uma de nossas
trocas.

(Carla Alexsandra Souza)

A primeira consideração a se fazer neste tópico é que uma das reivindicações no bojo das discussões a respeito de algumas maternidades se refere ao uso do termo “solo” em contraposição ao que historicamente se definia como “solteira”. O pleito se fundamenta na perspectiva de que a parentalidade não é estado civil. E não é mesmo. Percebamos no exemplo contido na epígrafe que abre este tópico a respeito de um dos meus diálogos com a Joyce Salvador. A parentalidade em geral é compreendida para além do estado civil, o que ainda insiste em se atrelar a essa condição é o lugar da mãe. A denominação “mãe solteira” tem seu uso baseado na ideia de fracasso da instituição casamento e portanto familiar, dentro de moldes tradicionais e conservadores. A Maternagem condicionada ao estado civil leva a crer

que existe um contexto de dependência para existir: uma mãe de sucesso, é, portanto, uma mãe casada.

No entanto, o que precisamos observar, quando pensamos em cuidados de filhos e sua divisão, é que mesmo casada, a mãe ainda ocupa socialmente o lugar das obrigações pelo zelo. Relacionamentos, portanto, não são sinônimos de divisão de trabalho no que tange às dimensões dos cuidados com crianças. Dessa forma, historicamente pensada e usada de maneira pejorativa, a “mãe solteira” dá espaço para o uso político da “maternidade solo”. Referindo-se aos lares monoparentais chefiados por mães que estão encumbidas dos deveres e manutenção afetiva, emocional, psicológica e financeira de suas famílias.

Lembro-me de um dia, quando criança, ouvir da minha avó que “filho é da mãe” e “quem pariu Mateus que o balance”. Matutei por anos o que haveria de ser “um filho da mãe”. “E o pai? O filho não é responsabilidade do pai também?”. Depois disso, em outras fases da vida, ouvi as mesmas expressões de outras pessoas - e não foram poucas as vezes. Essa perspectiva compartilhada em muitas rodas de conversas entre mães é interessante e nos dá possibilidades de refleti-la. Primeiro sugere a noção de que, independentemente do estado civil, a mãe ocupa socialmente a responsabilidade pela manutenção do bem estar físico, psicológico, e em lares específicos, até material. Segundo que nos permite pensar que a Maternagem Solo pode vir a se tornar uma posição de solidão cruel a ser ocupada por pessoas que experienciam as dinâmicas de serem mantenedoras majoritárias ou exclusivas de suas famílias.

Essa reflexão, me encaminha para a segunda consideração a ser feita. A maternagem negra solo é uma Instituição Social colocada aqui com a devida centralidade por compreender que minhas sujeitas de pesquisa compartilham desse lugar socialmente. Centralizá-las chama minha atenção para o cuidado necessário no que se refere ao reconhecimento de que existem muitas formas de se Maternar de maneira solo, a partir dos resultados quantitativos revelados pelo Instituto Brasileiro de Economia, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), em que foi constatado o aumento no número de mães solo no Brasil, na última década. Entre 2012 e 2022, foram mais 1,7 milhão de mulheres chefiando sozinhas famílias inteiras, sendo 90% mães negras. Além disso, famílias formadas por essas mães também representam o grupo com maior incidência de pobreza no Brasil, com 72,2% - sendo que dentro deste grupo, 22,6% estão na extrema pobreza. Refletir sobre essa estatística requer um cuidado histórico com a sua construção. Por isso, reforço a necessidade de repercutir sua pluralidade, uma vez que é um termo em construção e por consequência em disputa.

Fazendo uma rápida busca em qualquer plataforma de pesquisa, perceberemos sua

conceituação caminhando para o que já é partilhado pela sociedade sem que se tenha muitas problematizações a respeito. A mãe solo é vista como a pessoa responsável que, de maneira integral ou majoritária, desempenha os cuidados com seus filhos e filhas. Essa compreensão embasa projetos de lei que auxiliam, por exemplo, pessoas nessas condições sociais. Acontece que pensar a pluralidade dessas experiências traz à baila a necessidade de validarmos outras maneiras de vivê-las.

A Maternagem Solo é, portanto, um conceito em disputa que gera reflexões. Pois estamos considerando para essa escrita, a existência de outras maternagens que contam com apoio financeiro dos genitores e em alguns casos o estabelecimento de convivência com suas crias, mas que são atravessadas por outras situações que são muito específicas das mães solo. Por exemplo, o reconhecimento de que a maior parte das decisões e responsabilidades sobre os filhos e filhas ainda lhes pertencem e situações de violências psicológicas que a própria proximidade com os genitores pode reverberar, marcam experiências de mães que lutam por sua saúde emocional. Além disso, acusações de alienação parental e ameaças de tomada de guarda são alguns pontos que podem marcar as vivências de quem materna de maneira solo independentemente de como se dão as dinâmicas financeiras e emocionais da família. Em Mãe solo com Pai presente, Carla Santos Santiago, discute sobre como as definições tão disseminadas dessa maternagem não dão conta de outras experiências. A autora, apesar de ter sua parentalidade dividida materialmente, aponta para a sobrecarga com as tomadas de decisões que recaem sobre a mãe dentro dessa relação familiar,

O retorno do pai sobre esse gerenciamento magistral são frases do tipo: “Ótimo! Decida o que for melhor”, “Perfeito, qual a sua preferência?”, “Muito interessante... Me avise o que eu preciso fazer”. Quem já aprendeu sobre carga mental, sabe o que vou concluir aqui. O divórcio já havia acontecido, mas a carga mental não foi embora com ele, porque a dinâmica do pai permanecia a mesma da época do matrimônio. Sutilmente, ele me deixou tomar todas as decisões sozinha, e a urgência da vida me fez seguir nesse ritmo e assumir tudo, sendo resguardada por uma leve sombra de “apoio” paterno. (Santiago, 2023)

Partir desse reconhecimento é muito fundamental, pois coaduna com a perspectiva de que criar alguém, vai muito além do dinheiro, embora ele dite caminhos de possibilidades de acesso ao bem viver. A presença, a partilha, a saúde mental dessa mãe, também precisa ser considerada quando pensamos em conceituação de algo tão importante como as Maternagens Solo, pois independentemente de como se dão essas dinâmicas, há experimentação de abandonos, culpa e julgamentos em certa medida, justamente pela sociedade apontar como dissociável, e portanto falhas, famílias monoparentais. Daí faz tanto sentido a opinião tão popular dita tantas vezes pela minha avó de que “quem pariu Mateus que balance”.

Através das questões raciais, podemos perceber que a estruturação pelos grupos da

elite dominante sobre as das famílias negras, quando analisadas a partir da colonização, se deu de maneira a fazer perpetuar a instabilidade da criação e estabelecimento de laços parentais.

A deterioração do acesso ao homem negro, no seu papel de paternidade, corrompe os limites do tempo, atravessando o período de escravização; era uma das premissas do sistema escravagista brasileiro a divisão dos negros chegados em terras brasileiras, impedidos da convivência com seus pares, sendo levados para diferentes lugares, já que, como parte do processo de escravização, havia a não vinculação parental (Bageston, A e Araújo, J. 2023. p.68)

Portanto, o fato de mães negras ocuparem o ranking de Maternagens Solo precisa estar atrelado ao fato de pais negros terem suas masculinidades espelhadas no ideal inalcançável da branquitude. Embora a paternidade não deva ser vista apenas como um fenômeno de contribuição financeira, um interessante exercício sobre isso, se faz ao pensarmos no papel de provedor que dentro de um contexto de desumanização e precarização se fez utópico para os corpos negros, pois

A construção colonial dessa masculinidade afetará não só o sujeito individualmente, mas também coletivamente, em todos os tipos de relações afetivas que desenvolver ao longo da vida seja como filho, como companheiro ou como pai. Olhando, por exemplo, para a realidade da paternidade no Brasil, existem diversos casos de pais que abandonam seus filhos, filhos esses que são cuidados pela avó ou pela mãe, o que é mais comum. (Nascimento e Silva, 2020, p. 217)

Para hooks (2019), as pessoas negras que desejavam se assentar em papéis de gênero, no século XIX, descobriram sua impossibilidade dada a realidade que se impunha numa economia branca racista que queria continuar a explorar o trabalho negro. O desmantelamento das famílias negras incitado pela colonização tem reverberações históricas. Lidar com os riscos e as práticas das ausências e afastamentos de familiares constituiu fenômeno traumático que precisou de reelaborações para a sobrevivência desses grupos. É o que Isabel Reis (2016), referência nas reflexões sobre as famílias escravizadas no contexto brasileiro, afirmou em seus estudos. Para a intelectual, as experiências de vida familiar dos africanos e seus descendentes podem ser facilmente associadas à resistência negra ao sistema escravista, já que muitos foram os movimentos de desagregação por parte do sistema escravocrata

a questão da recriação do padrão de vida familiar entre os negros no período da escravidão pode ser evidenciada a partir das várias formas de parentesco simbólico ou ritual, para além das relações de compadrio, temos as “famílias-de-santo”, as irmandades religiosas negras, os grupos étnicos (nações), dos “parentescos” forjados na trilha do tráfico, a exemplo do malungo. O negro utilizou-se dessas relações, além da família extensa, a fim de articular uma rede de solidariedades que lhe proporcionasse maior amparo, ainda mais que a família sanguínea imediata estava permanentemente sob ameaça de desagregação. (Reis, 2010, p.119)

Atravessar os marcadores raciais a essa questão faz muito sentido pois historicamente podemos perceber lares chefiados por mulheres negras de maneira compulsória, sem apoio dos pais. E, embora, se perceba a construção, nem sempre voluntária, dessas redes de

colaboração com avós, tias, vizinhas, em prol da dinamização dos cuidados com as crias, não há como desconhecer a implicação dessa ausência de apoio.

Pensar esta pesquisa a partir das sujeitas que vivenciam e exploram suas respectivas condições de maternagem solo, em seus perfis, partindo da reivindicação das existências dos seus afetos, permite-nos caminhar no sentido de valorização dessas experiências. Isso se faz concreto, no processo de entender que, embora a situação das maternagens solo possua contornos de dor, invisibilidades e ausências, também pode fazer emergir atualizações que dão conta do amparo e de outros afetos.

1.3 MATERNAGENS NEGRAS PARA ALÉM DAS DORES NUM ATO DE TRANSGRESSÃO

Mãe é vento que não acaba, é água que não para,
é tempo que espirala.

Meu primeiro território foi o corpo infinito de
Noy⁴

(Carla Alexsandra Souza)

Não posso pausar dores, mas posso percebê-las em coexistência com outros afetos. Quando entrei no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da UFRB, pensei em posicionar minha investigação na Dororidade enquanto categoria conceitual capaz de traduzir as motivações que conectam as mães negras. Em minha primeira produção para o mestrado intitulada *Maternidades Pretas nos Reels*, o Enfrentamento às Imagens de Controle e a Criação De Dissenso, publicada nos Anais do Intercom 2023, discorri brevemente sobre como meu contato com minha orientadora, Jussara Maia, fomentou novos olhares para a minha investigação. E foi a partir dos nossos encontros que pudemos elaborar juntas que entender a dor como central das relações de pessoas negras, requer um certo cuidado. Passei, então, a perceber que é possível considerar uma gama de afetos capazes de mobilizar nossas relações enquanto pessoas afetadas por diversas experiências. Assim reconheço a dor enquanto fenômeno presente da dimensão dos afetos e da memória, que pode transpassar corpos geracionalmente, pois como derrama ryane leão,

⁴ Obrigada por sonhar meus sonhos comigo e partilhar a vida ao meu lado. Você, mãe, é minha melhor amiga.

herdei da minha mãe a coragem
para me erguer e prosseguir
e também os seus fantasmas
quando choro as lágrimas vertem por duas (...)
Sankofa - ryane leão

Mas não só, o reconhecimento de que somos seres complexos e que nossa história não deve ser reduzida à colonialidade vem acompanhado da constatação de que existem estruturas que atravessam o atlântico e que dentro de um movimento do tempo espiralar, nos permite (re)invenções, pois

(...) herdei da minha mãe
as garras que se prendem ao que se quer
eu amo tudo o que ela criptografa
e quando descubro estão em mim
seus sinais, desejos e fuga
Sankofa - ryane leão

Portanto, não há linearidade, não há nada de novo, há uma circularidade a partir do que se é possível. Quando penso no amor e na autodefinição, não quero com isso dizer que é uma novidade, tampouco que é uníssono. É importante frisar, pois assim como essencializava as experiências de pessoas negras a partir de suas dores, também enxergava nessas maternidades negras autodefinidas ou como grandes novidades ou como espelhos que refletiam possibilidades “do fazer igual” às estruturações brancas. A maturidade me fez elaborar nos aspectos cognitivos e da experiência própria que nós, pessoas negras atravessadas pela diáspora, não podemos nos colocar como pessoas que estão fazendo algo novo, pois isso reduz o acúmulo de possibilidades das construções de afetos que vieram antes da colonização. Além disso, tira de nós agências e autonomias de re(existências).

Pensar os movimentos que giram no entorno das Maternagens Negras de maneira fixa e rígida é um equívoco que culmina na conformação das nossas existências a partir das dores e desconsidera nossa trajetória transatlântica regressa e as reinvenções, a partir dessas memórias. Então, se por um lado o tempo ocidental nos ensinou a linha da vida com início, meio e fim, carregamos a circularidade do tempo com possibilidades da fluidez e atravessamentos de todos eles dentro de um território: nossas corpos. Foi bom nesse percurso ter me encontrado com a pesquisadora que viria se tornar uma grande amiga de Mestrado e das encruzilhadas do Recôncavo, Débora Melo. Ela me apresentou com alegria os Voltejos de Leda Maria Martins que lindamente discorre em Performances do Tempo Espiralar que

Espiralar é o que, no meu entendimento, melhor ilustra essa percepção, concepção e experiência. As composições que se seguem visam contribuir para a ideia de que o tempo pode ser ontologicamente experimentado como movimentos de reversibilidade, dilatação e contenção, não linearidade, descontinuidade, contração e descontração, simultaneidade das instâncias presente, passado e futuro, como experiências ontológica e cosmológica que tem como princípio básico do corpo não

o repouso, como em Aristóteles, mas sim, o movimento. Nas temporalidades curvas, tempo e memória são imagens que se refletem. (Martins, 2021, p. 23)

Me apoio na ideia de que as formas de afetos agenciadas por nós, não são novas numa perspectiva cronológica ocidental, ao contrário, parto em consonância com a percepção de que os como a Jurema Werneck (2010) nos ensina a respeito dos nossos passos virem de longe e de que nossos afetos também. A novidade pra gente é a readaptação e não o “fazer” algo que jamais foi feito. Seguimos reconhecendo, acima de tudo, reconhecendo a amefricanidade que nos constitui, pois “reconhecê-la é, em última instância, reconhecer um gigantesco trabalho de dinâmica cultural que não nos leva para o lado do Atlântico, mas que nos traz de lá e nos transforma no que somos hoje” (Gonzalez, 2020).

Por isso que, a partir das trajetórias percorridas até aqui, é importante para mim, enquanto pesquisadora e corpa que materna, apontar que nesta investigação, penso nas possibilidades de caminhos analíticos que considerem os múltiplos afetos que atravessam nossas corporeidades. Afetos estes considerados enquanto ferramentas de cura e de retomada de agências, considerando o tempo espiralado, como bem nos ensina Martins (2023), de modo a não se pensar em novas ordens somente, mas perceber a trajetória dos afetos antes e para além do processo colonizatório. Pois se a dor e os traumas são capazes de criar memórias e imprimir formas de se viver, o amor e a cura também podem reivindicar esse lugar e colaborar para atualizações importantes nas constituições das maternidades solo negras.

Esses afetos, quando em suspensão, se referem às inscrições que permitem que essas maternagens reivindiquem os aspectos de sua própria humanidade, através de suas respectivas contribuições para a formação de dinâmicas sociais. Pois se não há um reconhecimento em nossa sociedade a respeito das atuações dessas agentes para as questões econômicas, sociais e culturais do nosso país, há uma destituição de potencialidades e, portanto, de funcionalidades humanas. Mas o que pessoas negras que maternam estão fazendo quando contrariam essa lógica de desumanização, se não fissuras em ordens de aniquilação? Contrariar esta premissa ocidentalizada é transgredir.

Decerto, pensar as práticas maternas de pessoas negras para além dos estigmas é colocar essas atuações na conta da transgressão. E por isso faço o movimento de pensar as dobras temporais nesta análise. No processo de amadurecimento da escrita, a partir das orientações, pude refletir que a transgressão é sobre enfrentamento e rompimento com a ordem da branquitude. E minha preocupação, quando pensei em descentralizar a Dor da minha pesquisa, era justamente tirar de evidência os aspectos colonizadores de nossa investigação. Mas isso me permitiu algumas pistas de que, apesar da transgressão ser sobre

fissuras no modo como fomos, enquanto sociedade, estruturados, o ato e a forma de transgredir está para além. As tecnologias utilizadas, não necessariamente partem de um modelo hegemônico baseado na brancura das relações. E, além disso, ao transgredir, as mães negras, convidam toda a sua comunidade para a dança da insubmissão, pois, adaptando a essa escrita os dizeres de Angela Davis (2017) a respeito das mulheres negras, quando a mãe negra se movimenta, toda a estrutura da sociedade se movimenta com ela, ora

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela

A minha voz ainda
ecoa versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade

Vozes Mulheres - Conceição Evaristo

Tenho pra mim que a voz da sua filha recolhe todas as vozes, de fato... inclusive, as que gritam barulhentemente tempos antes dos porões, pois como diz Elza Soares: “para quem sabe olhar/ a flor também é Ferida aberta” (Soares, 2002).

1.4 MERGULHOS PROFUNDOS NOS AFETOS: IMERSÃO NO OLHAR DE AISHA

Eu danço a dança das tuas marés

Eu danço a tua dança

Eu danço a tua dança, ai, ai, ai

Você maremoto, você maré mansa

Você poça d'água, ai, ai, ai

Bom Mesmo É Estar Debaixo D'água - Luedji Luna

Em meados de Outubro de 2020, lembro-me de estar muito reflexiva sobre meu primeiro ano sendo mãe. A travessia interminável pelo puerpério somado aos fatos de estar morando em outra cidade longe da minha mãe, enfrentando todos os medos da Pandemia do Covid-19 me causou alvoroços. Refletia se minha caminhada até ali tinha valido a pena. Questionei e fui questionada por vezes a respeito do meu desempenho enquanto mãe, na época esposa e mulher. Só que minhas reflexões raramente eram solitárias. Comigo, ao meu lado, no meu colo, nos meus braços, deleitava o olhar de Aisha. Minha filha, não enquanto posse, nem como extensão, mas enquanto semelhante. Uma menina negra que presenciei o nascimento acolheu por vezes incontáveis a mãe que também viu nascer.

As pessoas costumam elogiar o seu olhar. Dizem ser penetrante e doce. Eu sempre senti isso, mas nunca consegui adjetivá-lo. Talvez por compreender nele oceanos de possibilidades. O fato é que em meio a tantas reflexões, sempre que nossos olhares se encontravam, os alvoroços se conformavam. Penso que se por um lado, eu estava/estou aprendendo a ser sua mãe, ela por outro, vivia/vive o que deve ser filha. Então, penso que de certa maneira, nossos olhares estavam espelhados, sintonizados e em relação direta de conformidades. E foram nesses mergulhos contínuos que encontrei Luedji Luna que cantava, na época, seu lançamento Bom Mesmo É Estar Debaixo D'água. Um álbum que enuncia o amor enquanto ação, para além de prática, também humanizante nas vidas de pessoas negras.

Em 2023, parece que de maneira a prosseguir mergulhos, ela, juntamente com Linn da Quebrada, Aza Njeri, Mayra Andrade e Winnie Bueno, nos diz, em “O que é o amor”, que “se a gente pensar amor na lente romântica /se a gente pensar amor numa lente europeia / numa lente branca / a gente nunca vai se entender como pessoas que amam e como pessoas que são amadas”. E eu concordo. Por isso, aqui invoco os afetos vivenciados por pessoas negras que são mães a partir de um olhar interseccional por compreender que só assim podemos traçar rotas de humanização e validação das auto definições emergidas a partir disso.

Para pensar os afetos, apoiarei essa investigação nas perspectivas percorridas pelos estudos culturais articuladas pelo intelectual Lawrence Grossberg, segundo o qual, desvincula a noção de emoção como sinônimo de afetos propondo uma articulação que compreende alguns sentimentos, não como tradução simplificada do conceito, mas como fronteiras políticas. Em outras palavras, isso significa dizer que o conceito transpassa a explicação enunciada pelo senso comum e se complexifica ao abraçar as perspectivas dos sentimentos como paixão e medo, mas se reelaborando dentro de uma expectativa da dimensão política. Dessa maneira, defenderei que as experiências culturais advindas dos atravessamentos interseccionais vivenciados por mães solo negras como gênero, raça e classe se aglutinam e mobilizam afetos – enquanto modos de engajamentos que deixam ver mapas de importância (Grossberg, 2010, 2018; Gomes, Antunes, 2019).

Os afetos elaborados por Grossberg estão profundamente respaldados nas teorias filosóficas e científicas de Espinoza/Deleuze, Guattari, Gramsci, Williams e Hoggart e nos ilumina na compreensão de que sua estruturação conceitual não se deriva de fonte única de conhecimento ou que se conecta de maneira coerente. Ao contrário, Grossberg (2015) explica sua teoria a partir da metáfora de um “rizoma” por se tratar de uma rede subterrânea de caules e raízes que se conectam de maneiras não lineares. O intelectual se apropria dessa imagem para ilustrar que o conjunto de ideias que ele se debruça não se trata de um sistema homogêneo e coerente com uma única origem ou até mesmo sentido:

Este rizoma heterogêneo abrange uma ampla gama de questões, posições, suposições e argumentos às vezes muito diferentes, às vezes relacionados e frequentemente sobrepostos. Qualquer coisa que se afirme como sendo uma ideia comum é suscetível de ser demasiado geral ou específico. No entanto, o rizoma a que me refiro muitas vezes se baseia em leituras pós-deleuzianas de Espinoza, Whitehead, Simondon, William James etc. e na apropriação de novos trabalhos científicos sobre ciências cognitivas, de informação, quânticas e moleculares/evolutivas. (mais deve surgir a respeito disso). (Grossberg, 2015, p 29-30)

Dessa forma, ao elaborar os afetos a partir dessa rede plural filosófica e científica, Grossberg (2015) assume o desafio de articular pensamentos que observam de distintas maneiras os fenômenos culturais e por consequência os afetos. Os afetos pensados, por exemplo, a partir das perspectivas filosóficas espinoziana nos conduz para o entendimento de que não se trata de um sentimento subjetivo, mas sim a capacidade de afetar e ser afetado (Espinoza, 2009; Deleuze, 2002). Da mesma maneira que o afeto, assume a função política por se tornar, um campo de forças onde relações de poder se manifestam e podem ser desafiadas à luz de Deleuze. Caminhando por essa perspectiva, delineia-se também a possibilidade de se pensar a partir da articulação proposta pelo intelectual com as reflexões de Raymond Williams a partir da estrutura de sentimento, que aponta para a noção de que os

afetos são moldados e canalizados por forças culturais e históricas, e que, portanto, não se tratam de meras elaborações individuais, mas sim de formas coletivas de sentir que estão ligadas a condições sociais e materiais que diz respeito à complexidade das “relações entre materialidades econômicas, estruturas sociais e políticas” (Gomes, 2011, pg. 37). Para o estudioso,

o próprio significado do afeto foge da capacidade virtual (conforme afirma Espinosa, ninguém sabe o que um corpo pode fazer), para uma descrição dos impactos reais de um corpo sobre outro (sensações), para a defesa do imediatismo da agência (a equação de agência e efetividade), para um trato das dimensões experienciais (mesmo que não subjetivas) da vida humana e das relações (Grossberg, 2015, p. 37)

Fazendo referência ao intelectual, os autores de “Territorialidades e masculinidades em crise e catástrofe: disputas étnico-raciais em Baco e Djonga”, discutem de maneira interseccional as masculinidades negras a partir de dois rappers nacionais, considerando suas mobilizações identitárias, engajamentos políticos e consequentemente afetivos. Segundo os pesquisadores, para o intelectual, o afeto

[...] é uma dimensão ou ingrediente essencial das desordens da experiência humana [...]. Como plano do signicado, o afeto é o produto contingente de eventos, contradições e lutas humanas e não humanas. Varia ao longo do tempo e local e é distribuído de forma desigual [...]. Se o signicado é como fazemos “sentido” com o que está acontecendo, afeto é a energia que permeia todas as nossas experiências e dene como é viver um momento. Como o signicado, o afeto é sempre constituído no espaço entre individualidade e sociabilidade, entre consciência e materialidade, entre o cognoscível e o ainda não-articulado [...] engloba uma variedade de maneiras pelas quais “sentimos” o mundo [...] incluindo humores, emoções, mapas do que importa e com o que se importa, prazeres, desejos, paixões, sentimentos (Grossberg, 2010a, apud Gonçalves; Farias; Andrade, 2020, p. 364)

Em sua obra ensaísta, basilar para os estudo culturais, intitulada “*Bringing It All Back Home*” (1998), o autor reúne escritos que abordam tanto as perspectivas histórica sobre a origem dos estudos culturais quanto uma análise do seu estado e das suas possíveis direções futuras, além disso ele nos diz que “o afeto deve ser entendido como um plano estruturado de efeitos que definem uma dimensão da existência humana; além disso, uma estrutura que é produto em andamento das lutas pelo controle da conduta das pessoas” (Grossberg, 1998, p. 28, apud Santos, 2019, p. 49).

Importa dizer que compreendo os afetos nessa dimensão, enquanto uma forma estratégica de rompimento com o estigma de que mães negras são passivas frente à colonização dos seus corpos, negligentes, e raivosas nas dinâmicas consigo mesmas e com seus pares., pois eles se situam como molas propulsoras nos engajamentos e nas maneiras como as mães negras se reorientam e escrevem suas trajetórias. Continuando a caminhar pelas elaborações de Thiago Santos (2019), baseado nas produções de Grossberg, dialogamos com três dimensões dos afetos que serão caras para essa investigação já que me disponho a

reivindicar que as mobilizações do olhar investigativo para com fenômenos aqui centralizados que ganham corpo nos capítulos analíticos percorrem por caminhos afetivos que possui resvala nos fatores culturais a partir das experiências oriundas da interseccionalidade e são estes:

1) ontológica, em torno da potencialidade de afetar e ser afetado; 2) o real como afetivo, recuperando a tradição explicitada nos parágrafos anteriores de que corpos agem sobre outros corpos (incluindo efeitos discursivos); 3) afeto como formação afetiva, como regimes de paixões (Santos, 2019, p.50)

Aqui reconhecerei que a potencialidade de afetar e ser afetada, dentro dessa dimensão ontológica, não se dá de maneira generalizada, mas sim que a posição social dessas mães influenciadoras reelabora essa potencialidade e pode gerar interferências na maneira com que elas produzem seus conteúdos, as pautas acionadas em seus perfis, até mesmo como ocorre os movimentos de recepção por parte de suas seguidoras e como produzem suas autodefinições. Concordando, portanto, com a noção mobilizadora também pensada pela pesquisadora Isadora Cardinalli (2021) de que

O que nos sustenta são as alianças afetivas dessa nossa constelação e coletividade, são as trocas e variações na sensibilidade, o engajamento crítico, a consciência das nossas resistências diante dos poderes que reduzem a potência da vida e a coragem para reinventar o que somos, o que fazemos e como vivemos. Essa forma acolhedora, amorosa e generosa intrínseca a como compreendemos as relações, a criação, o corpo, a arte, a cultura e a subjetividade, nos faz problematizar e pousar reflexivamente nas atividades humanas. (Cardinalli, 2021, p.11)

Dessa maneira, dentro de um compromisso interseccional, parto da compreensão de que estruturas sociais e ideológicas moldam as experiências afetivas das nossas sujeitas e de como o próprio afeto pode vir a ser um motor de articulações dentro dos movimentos de confronto aos estigmas historicamente construídos sobre as mães pretas. A representação de mãe preta, por participar ativamente das dinâmicas familiares de pessoas brancas, é lida como aquela que ama incondicionalmente o Outro e que em nome desse amor, não abre mão de rompimentos desses laços, que para além de trabalhistas, exploratórios, também são pautados em afetos. No entanto, Lélia Gonzalez, rebate a ideia da existência dessa permissibilidade, a partir do estigma de Mãe Preta, dizendo que

De acordo com opiniões meio apressadas, a “mãe preta” representaria o tipo acabado da negra acomodada, que passivamente aceitou a escravidão e a ela correspondeu da maneira mais cristã, oferecendo a face ao inimigo. Acho que não dá para aceitar isso como verdadeiro, sobretudo quando se leva em conta que sua realidade foi vivida com muita dor e humilhação. E justamente por isso não se pode deixar de considerar que a “mãe preta” também desenvolveu as suas formas de resistência: a resistência passiva, cuja dinâmica deve ser encarada com mais profundidade. (Gonzalez, 2020, p.180)

Essa tecnologia de sobrevivência, foi chamada por Gonzalez (2020) de Resistência Passiva. Para a intelectual amefricana, esse fazer resistência “pelas beiradas” contribuiu com a construção da identidade nacional brasileira, uma vez que

Enquanto escravizada, ela foi dirigida para diferentes tipos de trabalho, que iam desde aquele no campo (plantação de cana, de café etc.) até o trabalho doméstico. No primeiro caso, enquanto escrava do eito, ela estimulou os companheiros para a revolta, a fuga e a formação de quilombos. Enquanto habitante destes últimos, ela participou, como em Palmares, das lutas contra as expedições militares destinadas à sua destruição, nunca deixando de educar seus filhos dentro do espírito antiescravista, anticolonialista e antirracista. Em termos de trabalho doméstico, vamos encontrá-la na função de mucama e/ou ama de leite. Nessas circunstâncias, ela mantinha um contato direto com seus senhores, assim como com tudo aquilo que tal contato implicava (desde a violência sexual e os castigos até a reprodução da ideologia senhorial). Mas foi justamente a partir daí que ela fez a cabeça do dominador, sobretudo ao exercer a função materna enquanto “mãe preta”. (Gonzalez, 2020, p. 180)

Compreender que fomos/somos responsáveis pela manutenção dessas dinâmicas de propagação de saberes é reconhecer, antes de tudo, que muito do que somos é amparado até hoje pelas maternidades negras imbuídas desse papel, conscientes ou não. E se somos responsáveis pela (des)estruturação de uma sociedade, fomentando e articulando formas de ser e estar no mundo, cultural, social e econômica, de comunidades inteiras, precisamos reconhecer conceitual e politicamente as maternidades negras enquanto instituições sociais - que de maneira sociológica podemos pensar para além de uma materialidade, mas por vias de suas relacionalidade e possibilidade de articulação.

Assim, concordo que não há como pensar essas Maternagens sem considerar os estigmas que alimentam e conformam as desigualdades que embasam as desigualdades do nosso país de maneira complexa e ampla. Ao elaborar reflexões que nos ajudam a compreender como as imagens de controle de homens, mulheres e crianças negras, foram construídas em nossa sociedade, Gonzalez também nos mostrou como os movimentos de contra narrativas e de autodefinição foram necessários para a construção de um modo de ser atualizado. Para Cardoso (2014),

Lélia Gonzalez, ao valorizar a resistência desenvolvida pela “mãe preta”, no período escravista, muitas vezes, realizada através da negociação, assegurando com a ação sua sobrevivência, a de sua prole e a de seus parceiros, evidencia o movimento do sujeito resistindo à objetificação que lhe é imposta. Dito em outras palavras, a autora ilumina as estratégias desenvolvidas pelas mulheres negras escravizadas para enfrentar o processo de dominação/exploração que procurava mantê-las como outro/escravo/objeto. (Cardoso, 2014, p. 976)

Contudo, também concordo com Audre Lorde quando, em conferência intitulada “The Master’s Tool Will Never Dismantle The Master’s House”⁵ (1979), afirmou ser necessário reconfigurar as ferramentas de enfrentamento ao racismo, pois “as ferramentas do senhor nunca derrubaram a casa grande. Elas podem nos permitir vencê-lo durante certo tempo em seu próprio jogo, mas nunca deixarão provocar uma mudança autêntica”. Isso significa dizer que pessoas negras que maternam tiveram que desenvolver de maneira peculiar suas articulações, inclusive do ponto que nos interessam: as trocas afetivas. O próprio toque pode romper com essa lógica de desamor criado pelo racismo científico. Pensem em como durante todo o processo de cuidado, diálogos de resistência também podem e são tramados. Lembro-me de que quando minha falecida avó Dona Lita, tirava um tempo dentro de suas dinâmicas de cuidados com a casa, com os outros netos e companheiro, para cuidar dos meus cabelos, era uma das formas do seu corpo amefricano dizer que me amava. O toque pra nós é caro! O olhar nos olhos também. Não é à toa que Olhos d’água é sobre essa busca de compreensão do que há atrás dos olhos úmidos de uma mãe.

O que aqui defendo, portanto, é que os corpos de pessoas negras que maternam, se inscrevem numa realidade como possibilidades de rearticulação coletiva a partir dos afetos acionados por suas experiências. No entanto, apesar de falar e considerar, afetos em pluralidade, reconheço também as limitações de não dar conta de todas as suas agências afetivas. E apesar de não haver, corporificação única dos afetos, será a partir da percepção da reivindicação das agências afetivas em comum entre elas que apontarei suas formas de presenças e existências partindo das suas respectivas corporeidades numa sociedade atravessada por tantas avenidas de opressão.

Em uma de suas aulas do mestrado ministrada por Itania Gomes⁶, ela me disse que “o afeto move nossas agendas”. Gomes e Antunes, ao articularem as reflexões de Grossberg, informam que “o afeto tem sido compreendido por ele como algo que organiza, disciplina, mobiliza e coloca nossa atenção, volição, humor e paixão” (Gomes e Antunes, 2019, p.15). Nesse mesmo sentido, em produção recente a respeito das paisagens afetivas que colaboraram para a ascensão de narrativas da extrema direita no contexto norte americano, o autor explora o papel de emoções como ansiedade, alienação e narcisismo na formação das ações políticas

⁵ Texto publicado pelo Portal Geledés no dia 10/07/2013. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-negras-as-ferramentas-do-mestre-nunca-irao-desmantelar-a-casa-do-mestr>. Acesso no dia 05 de abril de 2025.

⁶ Itania Gomes ainda causa rebuliços importantes nas minhas reflexões. Sua travessia na minha pesquisa se dá de maneira circular, sempre retornando, mas nunca com a mesma roupagem. Daí a sua potência. Ela dá um jeito de aparecer sempre em minhas andanças para dizer que “Nem toda presença é existência”. Isso lança meu olhar constantemente para as maternidades negras que são autorizadas a viver presenças.

daquele contexto. Nesse sentido, o intelectual conceituou o afeto como “uma dimensão essencial da desordem da experiência humana (Grossberg, 2018, p. 10-11), o Devo concordar e questionar que se os afetos são capazes de mobilizar, movimentar e tirar da inércia nossas perspectivas, como se comportam as pessoas que historicamente são desautorizadas a experienciar os mesmos? Aqui, devo dizer que não autorizar não significa para nós impossibilidade de vivenciar.

Portanto, se há cristalizações e cerceamento do que podemos ser e sentir, há uma configuração que retroalimenta as normas do que podemos fazer. Por isso a importância pra essa investigação acadêmica de suspender os afetos como práticas não só individuais, como também coletivas. Quando rompemos com esses estigmas afetivos, subvertemos ordens, em coletivo.

Em diálogo com essa subversão, temos o pensamento de Beatriz Nascimento (2020, p.268) que diz ser possível se falar do amor para pessoas negras, no contexto da sociedade brasileira, sem que seja dentro de uma lógica sexualizada. Para ela, é necessário existir uma desmistificação do conceito de amor, para que este possa significar mecanismo de transformação e dinamização social e cultural. Embora o amor não seja sentimento único catalisador político de nossa investigação, nesse caso, podemos nos apoiar nele para localizar as maternidades negras que se atualizam por via dele e de outros sentimentos como sendo (trans)atlânticas, pois afetos foram forjados nessa travessia - e continuam sendo atualizados.

Outra perspectiva muito bem quista entre estudiosos do Amor enquanto potência, se encontra nas análises presentes da intelectual negra bell hooks. Em Tudo Sobre o Amor (2020), a norte-americana o compreende enquanto ação que além de desembocar em reverberações coletivas, de certa maneira é curativa ao dizer que nossa recuperação está no ato e na arte de amar. Aqui, de maneira ampliada, ela relaciona o amor em suas mais diversas concepções que não só as de cunho conjugal e romântico. O amor enquanto ato político e revolucionário colabora para que as dinâmicas familiares, por exemplo, se dêem de uma maneira chamada pela autora de ética.

Compreendo, portanto, que esse amor enquanto possibilidade curativa não se realiza a partir de um processo romântico. É inevitável que pessoas que estão reencontrando em suas subjetividades formas de se conectar ou de habitar o outro, lidem com tensões ora proposta por dinâmicas do adoecimento patriarcal, ora por pressões perpetradas pela sociedade, que incansavelmente nos lembra do seu interesse a nosso respeito. O amor, a paixão, a raiva, o medo são conflitantes e barulhentos. E a ferida, antes de cicatrizar, coça, incomoda. Os afetos,

que estamos convidando para dançar precisa transpor o que nos foi ensinado enquanto impossibilidade.

Ao longo deste primeiro capítulo, olhei para a Maternagem Negra como uma experiência tecida no cotidiano, marcada por memórias, afetos e atravessamentos históricos e sociais que incidem diretamente sobre a forma como as pessoas negras vivem e ressignificam o cuidado. Portanto, mais do que um conceito, ela emerge como prática viva, construída na resistência, na coletividade e na reafirmação da vida frente aos desafios interseccionalmente impostos. Reconhecer essas experiências implica escutar as vozes que narram o maternar a partir de outros lugares, rompendo com modelos únicos e normativos de maternidade. A partir desse entendimento, abrem-se caminhos para refletirmos sobre os espaços onde essas narrativas tornam-se possíveis. Nesse sentido, o próximo capítulo volta-se às Mídias Digitais como territórios de encontro, partilha e construção de redes afetivas, nos quais mulheres negras têm produzido sentidos sobre a maternagem, transformando vivências individuais em experiências coletivas, políticas e comunicáveis.

De tudo o que essa investigação pode ser, eu prefiro me ater agora, ao que ela não é. Ela não é unidade de medida para conclusões, ou pelo menos não é minha intenção. As páginas que seguirão podem oferecer suporte para outras reflexões sobre algumas maternidades negras que irrompem com lógicas estigmatizadas que desumanizam famílias inteiras, a partir da anulação dos seus afetos. Então, acredito que agora, enfim, possamos dar continuidade às nossas investigações, com a sensibilidade e compromisso que lhes são devidos, considerando as limitações que a materialidade impõe. Como início de abordagem, os afetos enquanto presenças possuem caráter de movimento e é a partir, através e com eles que podemos conceber um caminho possível de existência - e esse caminho, como consideramos anteriormente, não é linear. É na espiralidade que retomamos pontos de partidas sem fim. Se por um lado Renato Nogueira nos dá pistas de que o amor não combina com estagnação (Nogueira, 2020, p.134), ousar dizer que sua movimentação é também circular.

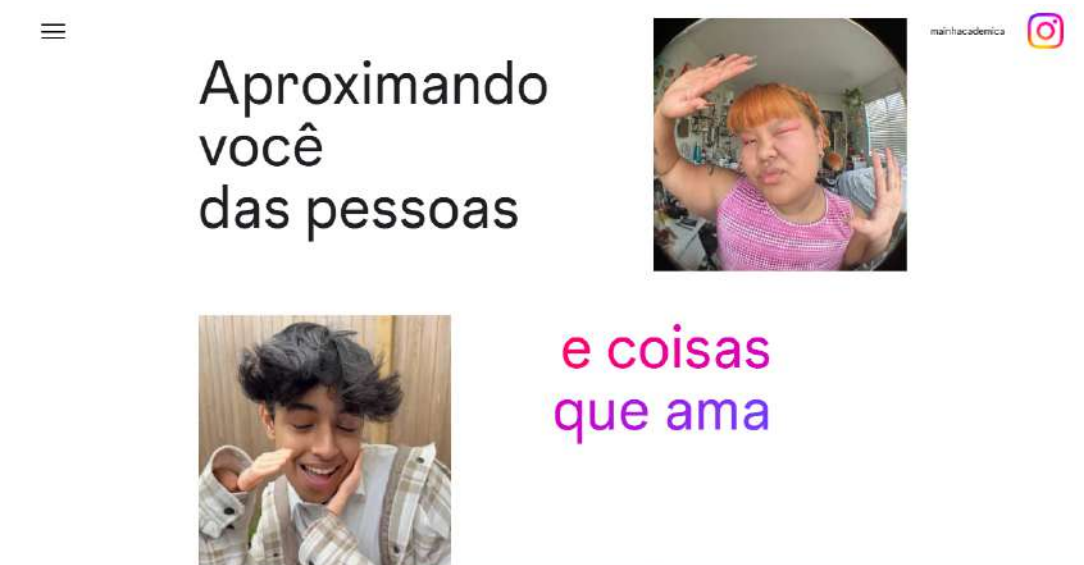
2. MATERNAGENS SOLO NO *INSTAGRAM*: ENTRE AS TEORIAS E METODOLOGIAS

Não há nada de novo, mas atualizações existem. Quem disser que rede de apoio é coisa recente é porque não sabe o que é comer pirão de água e carne do sol, no piso vermelho encerado da sua avó, enquanto sua mãe trabalhava por dias fora. Regionalismos à parte, a coisa ficou sofisticada, o piso vermelho, virou cimento queimado, o pirão caiu no esquecimento e o que era comunidade, virou “rede de solidariedade”. Pois é, a conexão entre mães para trocar sobre maternagem é coisa antiga. Além disso, pesquisas já foram, ou estão sendo feitas sobre inscrições de corpos na ambiência digital. Consequentemente, reconhece-se a existência de organizações coletivas de pessoas nessas mídias. Esse tópico se dedicou a explicitar como se deu o percurso metodológico escolhido para iluminar as análises dessas construções.

2.1 *INSTAGRAM*: “APROXIMANDO VOCÊ DAS PESSOAS E COISAS QUE AMA”

Nesse tópico foi apresentado o *Instagram* enquanto espaço de socialização e troca, de maneira a localizá-lo enquanto uma mídia digital que colabora com a produção das nossas sujeitas, tendo em vista que a plataforma possui dinâmicas próprias de articulação e que, como outras tantas (a exemplo do *Youtube*, *Facebook* e *TikTok*) serve também de manutenção das expectativas mercadológicas de uma sociedade capitalista. Contudo, em uma pesquisa que centraliza os afetos a partir das experiências interseccionais de influenciadoras negras que são mães, lanço mão do compromisso investigativo de pensar essas andanças de maneira relacional e complexa e não associadas, apenas a uma tecnologia, como se esta fosse responsável pelo seus agenciamentos.

Figura 1: Captura da página principal do site realizada em Fevereiro de 2025.



A rede social, desenvolvida pelo norte-americano Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger, surgiu em outubro de 2010. Durante esse tempo, a rede social se modificou, se complexificou, absorveu as demandas do mercado e o que era sobre “uma maneira divertida e peculiar para compartilhar sua vida com os amigos através de uma série de imagens. Tirar uma foto com o seu celular, em seguida, escolher um filtro para transformar a imagem em uma memória para manter por perto sempre” (Freitas, 2017, p.60) ou uma plataforma que funcionava como um grande mural para expor fotos e vídeos com legendas que permitia texto de tamanhos razoáveis, passou a oferecer mecanismos de interações capazes de gerar uma maneira muito específica de socialização. Para reforçar a premissa de que se trata de uma rede social capaz de aproximar pessoas que se amam e interesses afetivos (Figura 1), em sua descrição da plataforma a Meta diz:

Crie e compartilhe fotos, histórias e vídeos com amigos que você ama. Pequenos momentos levam a grandes amizades. Compartilhe os seus no *Instagram*. — Da Meta Conecte-se com amigos, encontre outros fãs e veja o que as pessoas ao seu redor estão fazendo e curtindo. Explore seus interesses e publique o que está acontecendo na sua vida, desde momentos diários a grandes eventos. Compartilhe o que você está fazendo e curtindo. - Mantenha contato com amigos em qualquer lugar com o Stories e as Notas que desaparecem após 24 horas. - Inicie bate-papos em grupo e compartilhe momentos sem filtro com seus Amigos Próximos. - Compartilhe lembranças de eventos recentes ou viagens no Feed. - Transforme sua vida em um filme e descubra vídeos curtos e envolventes no *Instagram* com o Reels. - Personalize suas publicações com modelos exclusivos, música, figurinhas e filtros. Aprofunde-se nos seus interesses. - Assista a vídeo dos seus criadores de conteúdo favoritos e descubra novos conteúdos personalizados de acordo com seus interesses. Inspire-se com fotos e vídeos de novas contas no Explorar. Descubra marcas e pequenas empresas e compre produtos que são relevantes para seu estilo pessoal. (Aplicativo *Instagram*, 2025)

Dessa forma, ainda que comumente se faça uma apresentação de maneira resumida de que o *Instagram* se trata apenas de uma maneira simplificada e lúdica de compartilhar mídias, a ferramenta se revela como algo muito mais complexo ao alcance das mãos. Estando disponível em dispositivos como *tablets* e *smartphones* e em versão *web* cujo recursos são limitados.

Portanto, ratifico, antes de tudo, que é caro para essa investigação o reconhecimento de que o *Instagram* se trata de um dispositivo com dinâmicas próprias capazes de estruturar condutas. A partir da própria enunciação de que a mídia seria o ambiente perfeito para aproximações afetivas, podemos observar que as próprias articulações de interesses (quem posta, o que posta como posta) e de conexões (quem consome, quando consome e suas respostas aos estímulos) não se dão de maneira despretensiosa. Ou seja, aqui compreendemos, à luz de Jesús Martín-Barbero (2009), que a plataforma não se trata de mero mediador que apenas facilita a comunicação, mas também estrutura a forma como as informações circulam, como as identidades são construídas e como o significado é atribuído aos conteúdos, afinal assim como as outras mediações, “a tecnicidade está no mesmo nível de identidade, coletividade – e é muito importante a fonética. Ligo tecnicidade ao que está se movendo na direção da identidade” (Martín-Barbero, 2009). Partindo da noção de que a “tecnicidade não é da ordem do instrumento, e sim dos saberes, da constituição de práticas produtoras de inovações discursivas, dos modos de percepção social” (Lopes, 2018, p. 20-21), que Maria Immacolata Vassallo de Lopes localiza a sua dimensão enquanto parte crucial do processo do comunicacional e não como acessório da comunicação, afinal

Reconhecer a envergadura que a tecnicidade tem hoje, não mais como instrumento, mas incrustada na estrutura mesma do conhecimento e da vida cotidiana, é uma pista metodológica forte que nos dá Martín-Barbero. (Lopes, 2018, p. 21)

Nessa mesma direção, em “Antropológica do Espelho”, Muniz Sodré (2002) nos apresenta de maneira consistente elementos constitutivos do fazer Comunicacional. Dentre os pontos trabalhados pelo intelectual, têm-se os impactos advindos do ethos digital para as relações sociais. O ethos ocupa o lugar de responsabilidade pela manutenção das identidades individuais e coletivas de determinado grupo social. Para ele, as mídias estruturam ou reestruturam as percepções e cognições, fazendo parte da paisagem, dentro de uma agenda coletiva. Em se tratando das digitais, se faz crer que constituem um novo tipo de formalização da vida social, que implica uma outra dimensão da realidade e, portanto, de formas novas de perceber, pensar e contabilizar o real (Sodré, 2002, p.16).

No pensamento do autor, o ambiente virtual se caracteriza por um modo específico de produção de sentidos, que reorganiza a experiência social a partir de novas formas de percepção e cognição. Nessa lógica, plataformas como o *Instagram* não apenas veiculam conteúdos, mas estruturam seus dispositivos e funcionalidades de modo a orientar práticas e interações, afetando as formas costumeiras de sociabilidade e fomentando construções coletivas de afeto.

2.2 MÍDIAS E MATERNAGENS

Gostaria de ressaltar que quando me dedico a, de maneira abrangente, escrever sobre as presenças das Maternagens na estrutura midiática, sobretudo em 1ª pessoa, não estou falando de corpos negros. Esse modelo que não se baseia nas mulheres negras serve de banquete para esvaziamento e silenciamento de experiências, pois o rosto que se imagina no tocante às pautas sobre mães, não é o delas, mas sim o da branquitude.

Portanto, muitos dos estudos que pude ter contato a respeito dessas narrativas e que me utilizei para articulações teóricas, por vezes, não levaram em consideração esses marcadores, a exemplo do artigo das autoras Ana Luiza Figueiredo Souza e Beatriz Polivanov intitulado “Ninguém fala do lado assustador de ser mãe: testemunho no Facebook enquanto ruptura de performances idealizadas da maternidade”, que faz uma análise exploratória de uma postagem da Julia Rocha a respeito do perigo das romantizações a respeito da Maternidade.

Nessa mesma linha de pensamento e em diálogo com o que foi dito por O'Reilly (2016), a Maternidade foi silenciada e abafada dentro dos movimentos de mulheres por anos e na tentativa de validação e inserção da pauta, na agenda de atuação, pessoas se articulam, nesse caso nas mídias, para propor discussões a respeito.

Seguindo uma tendência de maior complexidade dos debates e a emergência de perspectivas mais politizadas sobre as questões de gênero nas redes sociais digitais nos últimos anos, a maternidade também tem sido problematizada em comunidades e fóruns virtuais. Assim, a evidente contradição entre o recorte idealizado da maternidade propagado nas redes sociais digitais e as tantas dificuldades, dúvidas e pressões que são experimentadas pelas mães em seu cotidiano, têm sido alvo de diversas críticas e testemunhos que vêm circulando na rede sob a reivindicação de expressar/debater a “maternidade real”. (Oliveira-Cruz, Conrad, 2022, p.5)

Dessa forma, se por um lado, ao estudar sobre os modos como algumas mães utilizavam as Mídias Digitais, Carvalho (2012) tomou nota de uma transição entre as esferas

públicas e privadas, considerando que essas discussões que emergem desse tensionamento, tem permitido que tais sujeitas, mães, se coloquem na esfera pública, em busca de um empoderamento que ultrapasse as fronteiras do lar; Adriana Braga, ao discutir Maternidades e Mídias digitais, informa que a interação feminina a partir do acesso às mídias digitais, faz com que protagonizem um lugar renovado de expressão, uma vez que “a atividade comunicacional online motivou muitas mulheres a criarem seus próprios perfis, páginas e canais nos sites de redes sociais tematizando a experiência pessoal com a maternidade e assuntos relacionados” (Braga, 2021, p.25). Contudo, é importante considerar, que entre o público e o privado, as experiências das Maternagens Negras ocupam o não lugar. Isso porque, essas corpos ainda carregam impossibilidades de existências e a Maternagem se aloca nessa fresta.

Não há como desconsiderar a existência de uma dinâmica dentro das plataformas digitais que promove e incita a demonstração de um estado de espírito positivo e de conquistas associadas à felicidade intimamente relacionada às representações pessoais nas Mídias. Sobre isso, Fernanda Carrera (2014) trabalha o conceito de Imperativo da Felicidade que alude a existência nas mídias digitais de uma busca incessante por um estado de espírito que traduz realizações em torno do que é propagado enquanto felicidade entre os usuários. Nessa reflexão, há uma proposta de muitos caminhos para corresponder a essa pressão social, seja de maneira física, intelectual, afetiva, psicológica, espiritual ou social (Freitas, 2017, p.53). Daí decorrem as atitudes e criações de conteúdos que, ao menos, transmitam uma ideia de realização e bem estar sob a rubrica do *lifestyle*⁷.

Contudo, ainda que as plataformas digitais estimulem dinâmicas focadas na exibição de experiências idealizadas e na valorização de um estado constante de felicidade, é necessário considerar que esses espaços também são apropriados por sujeitas que produzem deslocamentos significativos em relação às narrativas hegemônicas. Para Ana de Miguel e Montserrat Boix (2013), a internet se converteu em um elemento importante para difundir informações, trocar opiniões, coordenar estratégias e realizar ações com a intenção de construir uma sociedade mais justa e igualitária. Embora não estejam necessariamente organizadas, estratégica e intencionalmente, para propor ações de cunho social, influenciadoras digitais negras utilizam dos seus perfis para articularem suas próprias narrativas de maneira a autodefinirem suas respectivas maternagens.

⁷ Em português, traduzimos para “estilo de vida”. Quando pensamos em criadores de conteúdo que falam sobre determinada maneira de viver, agir, vestir, comer, pensar, estamos justamente pensando suas organizações a partir dessa rubrica.

Entretanto, como já dissemos, dentro de uma perspectiva do pensar mães negras enquanto agentes de mobilizações nas mídias digitais, a partir dos afetos, envolve considerar a perspectiva do fazer comunicacional para além dos veículos midiáticos. Ainda em *Antropológica do Espelho*, Sodré (2002, p.234) argumenta que o objeto fundamental da comunicação humana não são os meios em si, mas sim a vinculação, como um elemento constitutivo da comunicação. Esse elemento constitui-se como eixo articulador de práticas estratégicas destinadas à promoção ou à preservação dos laços sociais, materializadas em iniciativas de natureza comunitarista ou coletiva. Essas ações de vinculação possuem natureza basicamente sociável e deixam claro que comunicação não se confina/restringe à atividade midiática. Isso quer dizer que a presença dessas influenciadoras, no *Instagram*, está em relação com os fluxos propostos por suas corporeidades para além do contexto midiático virtual.

Vinculação, entretanto, é muito mais do que um simples processo interativo, porque pressupõe a inserção social do sujeito desde a dimensão imaginária (imagens latentes e manifestas) até a liberação frente às orientações práticas de conduta, isto é, os valores. Aqui se faz necessariamente presente o sentido ético-político do bem comum. Isto torna a questão comunicacional política e cientificamente maior do que a que se constitui exclusivamente a partir da esfera midiática (Sodré, 2002, p.223-224)

Nesse sentido, dentro do contexto das mídias e da comunicação, Martín-Barbero (1987) é outro intelectual que também destaca que as tecnologias de comunicação não são apenas instrumentos, mas condições estruturais de nossas interações sociais. Ou seja, a tecnologia de comunicação influencia, em grande parte, a construção de identidades, a maneira como a informação circula e as formas de mediação cultural. Para isso, considerarei os aspectos advindos da tecnicidade e a maneira como ela molda as relações de comunicação, uma vez que as mídias tornam-se mediadoras que controlam como as mensagens são transmitidas, o que pode ser dito e como será interpretado.

O autor propõe uma virada de chave interessante ao considerar os fenômenos culturais dentro das análises comunicacionais. Dessa forma, dentre os elementos comunicacionais pensados pelo intelectual, a construção discursiva é tida como parte de um processo social e cultural que não apenas reflete, como também constrói significados dentro de uma sociedade. Ao questionar a limitação do olhar nos estudos comunicacionais ao não reconhecer os efeitos estruturantes da cultura, o intelectual enuncia que

se ao modelo semiótico, à análise centrada em mensagens e códigos, faltou um arsenal de conceitos capaz de abarcar o campo e demarcá-lo sem amálgamas, a delimitação operada pelo modelo informacional deixa de fora coisas demais. Não somente a questão do sentido, mas também a do poder. Fica de fora toda a gama de perguntas que vêm da informação como processo de comportamento coletivo. Fica de fora o conflito de interesses em jogo na luta por produzir, acumular ou veicular

informações e, por conseguinte, os problemas da desinformação e do controle. Ao deixar de fora da análise as condições sociais de produção do sentido, o modelo informacional elimina a análise das lutas pela hegemonia, isto é, pelo discurso que "articula" o sentido de uma sociedade. (Martín-Barbero, 1987, p.280)

Foi possível se perceber que cada sujeita desta investigação apresentou experiências singulares que orientam suas dinâmicas no contexto da Maternagem Solo. No percurso metodológico, tornou-se relevante identificar em que momentos e contextos essas experiências se articulavam à construção de sentidos relacionados às suas vivências, de modo a permitir uma aproximação consistente com a perspectiva interseccional que orienta a investigação. Dessa forma, além desses embasamentos analíticos, as análises que seguem, se apoiam em Martín-Barbero (1997) para observar como as produções das mães escolhidas interagem com suas experiências interseccionais, conceito debruçado na seção seguinte, fazendo emergir configurações outras de sentido, a partir da suas reflexões acerca do Mapa das Mutações (Figura 2):

Figura 2: Mapa das Mutações de Jesús Martín-Barbero



O mapa proposto pelo intelectual, constitui uma abordagem teórico-metodológica fundamental para compreender os processos comunicacionais a partir das práticas culturais dos sujeitos. Contrastando às visões centradas nos meios ou nas mensagens, Barbero (1997) desloca o foco da análise para as mediações, percebidas como instâncias socioculturais que articulam, de maneira dinâmica e histórica, as relações entre os meios de comunicação, as instituições e os repertórios simbólicos dos públicos. Para o autor, essas mediações são atravessadas por conflitos, negociações e atualizações, que evidenciam que o sentido não é estruturado de maneira unidirecional, mas atravessado pelas dinâmicas das experiências dos indivíduos.

Dessa maneira, por considerar que no contexto da maternagem solo, especialmente entre mulheres negras que atuam nas plataformas digitais, essas mediações se materializam em atravessamentos como raça, gênero, classe, religião, laços comunitários e experiências

parentais, nesse mapa proposto pelo intelectual, nos interessa a compreensão dos processos comunicacionais sob o prisma cultural emergido do fluxo entre Identidade e Tecnicidade. Afinal, o fato da tecnicidade estar no mesmo nível de identidade, coletividade (Martín-Barbero, 2009) nos faz perceber que o *Instagram* não se trata apenas de um meio, de uma técnica a ser esmiuçada, mas sim de um sistema com organização que assim como em outros espaços, também ocorre uma disputa de narrativas. Essas duas novas mediações, em relação, se articulam como fundamentais na contemporaneidade (Jacks; Schmitz, 2018, p.124). Dessa maneira, enquanto “mediação estratégica”,

A tecnicidade é menos assunto de aparatos que de operadores perceptivos e destrezas discursivas. Confundir a comunicação com as técnicas e os meios resulta tão deformador como pensar que eles sejam exteriores e acessórios à (verdade da) comunicação. (Martín-Barbero, 2018, p. 18)

Dando a devida relevância à tecnicidade, o intelectual reconhece que na comunicação e em relação com as tecnologias permite a construção de novas linguagens, que a transformam de instrumento pontual em ecossistema cultural. Os meios digitais com suas potencialidades convergentes em relação a outros meios culminam em contaminação e desestabilização de estatutos já reconhecidos, criando o que Martín-Barbero vai denominar de formas mestiças da comunicação (Jacks; Schmitz, 2018, p. 125).

Além disso, ao propor o deslocamento da análise comunicacional para o campo das mediações, Martín-Barbero contribui para uma compreensão da identidade como processo relacional e historicamente situado, atravessado por práticas culturais, institucionais e afetivas. Nesse sentido, a interseccionalidade amplia essa compreensão ao evidenciar que raça, gênero, classe e outros marcadores sociais se articulam nas experiências de mães negras e estruturam tanto os sistemas de opressão quanto os modos de resistência. O fato de se entrecruzarem e gerarem afetividades faz com que seja crucial considerar essa complexidade na análise das vivências e práticas comunicacionais. No caso das pessoas negras que experienciam a maternagem solo e que atuam nas plataformas digitais, essas mediações interseccionais não apenas moldam suas experiências, mas também estruturam as formas como suas vozes emergem.

Dessa maneira, o mapa proposto pelo intelectual nos ofereceu aparatos para elaborarmos a maneira como os afetos se reconfiguram de maneira não linear, na sociedade, e como, em nosso caso de estudo, as mídias digitais, alteram o modo como as ideologias circulam e se consolidam através das experiências de nossas influenciadoras. Apoiei essa investigação nas teorias do intelectual por compreender que nos ajuda na

elaboração dos mapeamentos de como as mediações dialogam com as experiências refletidas no comunicacional, reverberando em possibilidades afetivas.

Interessa-nos portanto, a observação de uma realidade tradicional redescrita através das novas ordens contidas nas reconfigurações propostas e advindas das relações entre indivíduo e mundo virtual. Dessa maneira,

As redes sociais digitais expandem as possibilidades das práticas comunicacionais de diversos grupos, que tanto constroem quanto se apropriam de sentidos sobre a maternidade à medida em que compartilham informações, criam e consomem diferentes conteúdos online. Nessa circulação, existe um processo de identificação com algumas mães que se destacam na rede, cujos perfis passam a ser seguidos, e que repercutem entre as demais internautas. (Braga, 2021, p.48)

As produções a respeito das maternagens negras através de influenciadoras, no mundo digital tem feito surgir cada vez mais discussões generificadas e racializadas. Segundo Rocha (2017, apud Fernandes, 2019), “as redes têm facilitado o acesso à informação e a interação entre pessoas, mesmo que desconhecidas, e isso tem contribuído para que mais mulheres entendam e se identifiquem com o feminismo”.

Dentre os estudos que pude ter contato a respeito das mães na ambiência digital, sem dúvidas que o realizado por Ana Luiza de Figueiredo Souza e Beatriz Brandão Polivanov, somado aos outros aqui mencionados, me trouxe reflexões importantes. As autoras analisaram um relato feito pela médica, mãe e cantora Júlia Rocha, sobre sua então recém maternagem. Acontece que em meados de 2017, os aspectos advindos da “Maternidade Real” ainda eram tímidos. Por isso, chamou tanta atenção a atitude de uma mãe em questionar fantasias e romantizações das narrativas a respeito da maternidade. É importante reconhecer que o lugar de contemplação e valorização da maternidade nas mídias não se restringe à internet.

A narrativa do “padecer no paraíso” atravessa gerações e, não à toa, também se faz presente nessas narrativas midiáticas digitais. A grande virada está no questionamento feito por Ana Luiza, sobretudo num contexto em que a própria construção da plataforma engaja afetos de alegrias e padrões, por vezes, inalcançáveis de existências. Em se tratando das corpas que experienciam a Maternidade, há a predominância da necessidade de demonstrar situações e sentimentos felizes, em uma perspectiva que articula satisfação e eficácia na experiência materna de um modo geral (Figueiredo Souza; Polivanov, 2019).

Considerando que a Maternagem Negra, por vezes sequer é apontada enquanto possibilidade de ser, pensar essa representação dentro das mídias, precisa ser interseccionalizada, pois a Maternagem enquanto sinônimo de glória, num contexto marcado por reflexos escravocratas não nos cabe. Exceto quando falamos de amamentar e educar a branquitude com nossos seios fartos de colostros culturais. Está aqui um desafio para as

pesquisas que se dedicam a pensar a temática: se precisamos pensar a interseccionalidade nos atravessamentos teóricos e analíticos, com a parte metodológica não seria diferente.

2.3 ALINHAVANDO A INTERSECCIONALIDADE

Ser negra e mulher no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão.
(Lélia González, 2018, p. 44)

Quando considerei a Interseccionalidade para essa investigação, compreendi, em meu percurso metodológico, que se trata de uma escolha conceitual que iluminou e desembocou minhas perspectivas metodológicas. Isso significa dizer que, além de me oferecer possibilidades de embasar teoricamente a presente pesquisa, também me permitiu trilhar um caminho que lançou o meu olhar para os atravessamentos das minhas Sujeitas de Pesquisa.

Antes de tomar o corpo conceitual e a nomenclatura familiarizada através das reflexões de feministas negras do norte global, na década de 80 como Kimberlé Crenshaw (1989), em "*Desmarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics*", bell hooks (1981) em "*Ain't I a woman? Black women and feminism*" e Angela Davis (1981), em "*Women, Race and Class*" é importantíssimo reconhecer que também já considerávamos os atravessamentos das experiências de raça, classe e gênero, no contexto brasileiro.

Lélia Gonzalez foi uma das principais pensadoras e ativistas brasileiras a abordar questões relacionadas à interseccionalidade, especialmente no contexto das mulheres negras. Ela discutiu como as opressões de raça e gênero se entrelaçam e afetam as experiências de mulheres negras de uma forma única. Dentre tantas considerações, ela destacou que a experiência das mulheres negras no Brasil não poderia ser compreendida apenas a partir de uma perspectiva feminista branca ou de uma perspectiva racial isolada. A intelectual, em produções como "Racismo e Sexismo na cultura brasileira" (1984), "A categoria político-cultural de amefricanidade" (1988) e "Por um feminismo afro-latino-americano" (2011), argumentou que as mulheres negras enfrentam uma realidade de dupla ou até tripla opressão: por serem mulheres, por serem negras e, muitas vezes, por virem de camadas

sociais mais pobres. A intelectual teceu uma crítica ao feminismo em voga, no Brasil, ao apontar para as suas limitações por focar seus esforços na compreensão dos impactos do marcador de gênero como atenuante das desigualdades de experiências, pois

Apesar das suas contribuições fundamentais para a discussão da discriminação pela orientação sexual, não aconteceu o mesmo com outros tipos de discriminação, tão grave como a sofrida pela mulher: a de caráter racial. Aqui, nos reportamos ao feminismo norte-americano, a relação foi inversa; ele foi consequência de importantes contribuições do movimento negro. (González, 2020, p.13).

A cunhadora do conceito de “amefricanidade”⁸ desenvolve seu pensamento a respeito da importância do olhar para os marcadores sociais por compreender que para nós “[...] a conscientização da opressão ocorre, antes de qualquer coisa, pela racial. Exploração de classe e discriminação racial constituem os elementos básicos da luta comum de homens e mulheres pertencentes a uma etnia subordinada” (Gonzalez, 2020, p. 18). Nessa mesma obra, a intelectual prossegue destacando um erro fulcral decorrente dos apagamentos de experiências em grupos ativistas. Como é o caso do movimento negro, que naquele contexto, excluía as dinâmicas de gênero, e como já mencionado, os movimentos feministas, que evitavam debates raciais, ambos contribuindo, assim, para os apagamentos das experiências das mulheres negras.

Anos após o início das discussões trazidas por Gonzalez, esse conceito que se torna basilar para o encaminhamento metodológico dessa investigação foi apresentado pela intelectual negra Kimberlé Crenshaw, em artigo publicado no ano de 1989, intitulado “Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: uma crítica feminista negra da doutrina antidiscriminação, teoria feminista e políticas antirracistas”. Para a intelectual, as análises que visibilizavam gênero ou raça enquanto categorias unitárias e separadas reforçavam possíveis apagamentos teóricos e metodológicos a respeito das mulheres negras. A socióloga Bruna Cristina Jaquetto Pereira (2021, p.447), em seu artigo “Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade”, à luz de Crenshaw considera que, nesse contexto “as análises tradicionais sobre a discriminação racial privilegiariam homens e pessoas negras das classes altas, e as apreciações da discriminação “por sexo” teriam por foco mulheres brancas e de classes privilegiadas”.

Anos mais tarde, em “Mapeando as margens: interseccionalidade, política identitária e violência contra as mulheres negras”, a estadunidense continua suas reflexões abordando

⁸. Em linhas gerais, a intelectual destacou o conceito enquanto uma categoria político-cultural que propõe um olhar crítico e inovador para a formação histórico-cultural do Brasil a partir das relações entre África e da América. Essa articulação possibilita o reconhecimento das descendências, tanto dos africanos trazidos no tráfico de escravos, como daqueles que chegaram à América antes dos colonizadores. Esse conceito é trabalhado pela intelectual em produções como “A categoria político-cultural de amefricanidade”, lançada em 1988.

sobre como as políticas de proteção e atendimento aos casos de violência de gênero não davam conta dos atravessamentos de raça em seus marcadores. Podemos considerar, portanto, que ela, além de precursora nos estudos interseccionais, foi também quem primeiro apontou a base científica da interseccionalidade enquanto método capaz de uma eficaz aplicação, em políticas com intuito de reparação social. Segundo a jurista,

Desde então, o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, o sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. (Crenshaw, 1991, p. 54)

Ao discorrer sobre como se deu a incorporação dos direitos das mulheres na agenda dos direitos humanos, a jurista informa que havia certa dificuldade na identificação dos problemas enquanto passíveis de soluções dentro de uma agenda geral. Isso porque, quando as mulheres passavam por violações às quais os homens também eram submetidos, havia o entendimento de que ali havia uma contravenção. Contudo, se a violação tivesse caráter de gênero (ser forçada a engravidar, por exemplo), a articulação de uma proteção e solução era dificultada. Justamente por esse caráter universal e positivista que marca esse início do que seria o “humano”,

Assim, tanto as questões de gênero como as raciais têm lidado com a diferença. O desafio é incorporar a questão de gênero à prática dos direitos humanos e a questão racial ao gênero. Isso significa que precisamos compreender que homens e mulheres podem experimentar situações de racismo de maneiras especificamente relacionadas ao seu gênero. As mulheres devem ser protegidas quando são vítimas de discriminação racial, da mesma maneira que os homens, e devem ser protegidas quando sofrem discriminação de gênero/racial de maneiras diferentes. Da mesma forma, quando mulheres negras sofrem discriminação de gênero, iguais às sofridas pelas mulheres dominantes, devem ser protegidas, assim quando experimentam discriminações raciais que as brancas freqüentemente não experimentam. Esse é o desafio da interseccionalidade. (Crenshaw, 1991, p.9)

A complexidade da interação entre gênero e raça, conforme apontado anteriormente, evidencia a necessidade de uma abordagem teórica que considere simultaneamente diferentes sistemas de opressão. Nesse sentido, Crenshaw (2002) define a interseccionalidade como uma forma de compreender as consequências estruturais e dinâmicas que surgem da interação entre eixos como racismo, patriarcado e opressão de classe. Para a autora, esses sistemas interagem de modo a produzir desigualdades que afetam de maneira específica grupos sociais diversos, sendo necessário considerar como políticas públicas e ações institucionais podem reforçar ou atenuar essas formas complexas de desempoderamento.

Pereira (2021), ainda baseada nas perspectivas de Crenshaw, destaca que a Interseccionalidade se trata de um conceito teórico-metodológico de grande densidade e que,

na mesma medida, necessita de um olhar específico para sua aplicabilidade diante de sua característica volátil e abrangente. Segundo a pesquisadora, a norte-americana

afirma que os eixos de discriminação e de subordinação são historicamente constituídos e não operam igualmente em todos os tempos e lugares. A autora também alega que aqueles que se sobressaem e combinam-se em cada contexto variam. Por isso, defende que a interseccionalidade seja utilizada para a construção de modelos provisórios, que produzam análises contextuais e “de baixo para cima”, ou seja, que partam da realidade de grupos marginalizados e vulneráveis em uma dada sociedade para a apreensão de categorias de discriminação relevantes, evitando-se assim a imposição de categorias analíticas a uma dada situação. (Pereira, 2021, p. 448)

Recentemente, propondo um diálogo com a pioneira nos estudos, Carla Akotirene (2018), em sua obra *Interseccionalidade*, contribui com as reflexões das feministas engajadas nas pesquisas sobre o cruzamento de avenidas identitárias ao dizer que ela nos permite “enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar as mulheres negras, já que reproduz o racismo” (Akotirene, 2018, p. 19) ou no fato do movimento negro desconsiderar os aspectos de gênero que aplacam o nosso grupo. Dessa forma,

o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. Conforme dissemos, é o padrão colonial moderno o responsável pela promoção dos racismos e sexismos institucionais contra identidades produzidas durante a interação das estruturas, que seguem atravessando os expedientes do Direito moderno, discriminadas à dignidade humana e às leis antidiscriminação. (Akotirene. 2018. p59)

A interseccionalidade aciona, portanto, de modo analítico, metodológico e prático, a composição dos sistemas de opressões que permeiam as experiências das corpos na sociedade. Para essa investigação, é crucial reconhecer e entrecruzar essas experiências, pois serão elas que comporão possibilidades que aproximam as Maternagens Solo quando analisadas, sob o prisma racial. E para isso, optei por caminhar com as contribuições de Collins (2020), que nos ampara de maneira robusta desde o conceito chave trabalhado no capítulo anterior de *Autodefinição*, como no que iremos delinear em toda a escrita que aqui se faz, considerando os aspectos cabíveis da Interseccionalidade. Segundo a autora,

Muitos estudos interseccionais partem da suposição de que a interseccionalidade é uma estrutura pronta, que pode simplesmente ser aplicada a determinado projeto de pesquisa ou programa político. No entanto, como sugerem os casos da Copa do Mundo da Fifa, da Conferência da ISA, da Conferência Mundial sobre Capitalismo Inclusivo e do movimento de mulheres negras no Brasil, o uso da interseccionalidade pode assumir várias formas. A generalização da interseccionalidade a partir de um caso particular ou das experiências de um grupo em um contexto social específico corre o risco de perder o processo de descoberta subjacente à forma como as pessoas realmente entendem e usam as estruturas interseccionais. A própria interseccionalidade está em constante processo de

construção, e esses casos ilustram diferentes maneiras de usá-la como ferramenta analítica. (Collins, 2020, p.52)

Concordando, portanto, com Collins, compreendo que não existe jeito único de se pensar a categoria conceitual e metodológica. Acredito, inclusive, que é o que a torna ainda mais potente. A Interseccionalidade nos oferece insumos variados para nos debruçarmos nas mais diversas questões. Contudo, sem querer antecipar as coisas, retomemos a compreensão da norte-americana a respeito do seu conceito. De maneira geral e em diálogo com tudo o que foi dito até aqui, ela reflete que “as relações de poder que envolvem raça, classe e gênero, por exemplo, não se manifestam como entidades distintas e mutuamente excludentes. De fato, essas categorias se sobrepõem e funcionam de maneira unificada” (Collins, 2020, p.17).

Dessa forma, o conceito e o método, quando aplicados à Maternagem Negra, revelarão como a combinação das dimensões de raça, classe e gênero produz de maneira complexa uma experiência singular e multifacetada. Como vimos no primeiro capítulo, para as mulheres negras, a Maternagem é frequentemente marcada por desafios específicos que não são abarcados por uma visão convencional de maternidade, que tende a ignorar as desigualdades raciais e sociais. Afinal, essa Maternagem não apenas enfrenta as tensões do racismo, gênero e classe separadamente, mas carrega o peso dos atravessamentos, concomitantemente. A figura dessa mãe, muitas vezes, é estigmatizada e desvalorizada, tanto pela marginalização de sua identidade racial quanto pela sobrecarga de responsabilidades impostas pelo sistema patriarcal. Aplicar a Interseccionalidade a uma investigação qualitativa sobre Maternagem Solo negra envolve, portanto, considerar as múltiplas dimensões que influenciam as experiências das mulheres negras nesse contexto, como o gênero, a raça, a classe social, e as dinâmicas de poder.

Em uma investigação qualitativa, o objetivo é entender em profundidade as experiências e significados atribuídos pelas próprias participantes. A interseccionalidade me ofereceu, portanto, repertório para analisar como as pessoas negras experienciam autodefinição em relação a essas avenidas de coalizão. As sujeitas da pesquisa, se autodefinem através da própria narrativa. Elas falam de si. Elas reivindicam lugares e afetos. Elas produzem narrativas e elaboram sentidos. Nesse processo de narrativa própria, busquei por materiais nos quais elas expressassem nitidamente o reconhecimento de viverem nuances de serem mães negras solo. A @joyceksalvador e a @maecrespa, por exemplo, já se definem nas suas bios⁹, contudo, nem todos os materiais que elas produzem são sobre a temática. No

⁹ A bio do *Instagram* é uma pequena parte que permite descrição do perfil da usuária e se localiza logo abaixo do nome de usuário (@) e do nome do perfil. Trata-se de um espaço que suporta até 150 caracteres onde é

caso da @lorenaife, diferentemente das outras mães, em sua bio, não consta a informação quanto à especificidade de sua Maternagem. Tive a ciência da sua experiência através dos seus conteúdos. Dessa forma, procurei nas publicações dos respectivos *feeds* e destaques, postagens que tivessem relação com o conteúdo, para ao fim da observação selecionar o que seria acionado na relação com as experiências que são culturalmente atribuídas à maternagem negra e que sustentam as práticas de autodefinição dessas mães.

Dessa forma, após selecionar os perfis a serem investigados, dediquei-me a analisar os conteúdos produzidos por elas. Neste universo de produções, considerei não abordar os de cunho publicitário, embora tenham relação com a Maternagem acionada por elas e que façam parte de um eixo importante no que tange às suas respectivas formas de trabalho e, conseqüentemente, de subsistência. A exclusão de publicações publicitárias foi realizada com o objetivo de manter o foco da pesquisa a partir de afetos que não tivessem como plano de fundo conteúdos com o teor publicitário que são produzidos com a intenção de promover produtos, marcas ou serviços, e, portanto, possuem linguagem e performance próprias voltadas ao marketing. Como nos interessa observar a autodefinição em suas Maternagens, foi preciso pensar em materiais que estivessem para além da necessidade de influenciar a percepção do público e gerar engajamento de maneira comercial, ainda que suas existências no *Instagram* não estejam apartadas, como disse anteriormente, das lógicas capitalistas que definem o funcionamento da plataforma. Assim, como nos interessa saber o que é possível ser autodefinido num espaço tão marcado por uma lógica mercantilista. Camila Marins Silvestre, em “O consumo na rede social *Instagram*: influenciadores digitais, materialidade e sonhos”, discute de maneira assertiva a respeito dessa construção das posições a respeito de conteúdos publicitários por parte de influenciadores. Para a intelectual,

Além dos perfis que declaradamente serviam às pessoas jurídicas, observamos o surgimento dos influenciadores digitais, perfis, inicialmente, pessoais, mas com caráter cada vez mais mercadológico, cuja função se tornou encurtar o caminho para que os desejos dos seguidores se convertessem em uma compra “real”. Comparada à publicidade tradicional, este tipo de divulgação desperta curiosidade, sobretudo porque a relação “Influenciador x Seguidor” está permeada por outras variáveis que permitem compreender o consumo por diferentes perspectivas. (Silvestre, 2017, p.2)

Dessa maneira, a lógica que paira sobre as dinâmicas neoliberais de consumo, atualiza identidades e ampara esses fenômenos da comunicabilidade, instigando e estimulando os usuários a reconhecerem e se identificarem a partir das relações que se estabelecem com os produtos e com os difundidos estilos de vida propagados pela mídia, sobretudo, através da

possível fornecer informações importantes sobre o referido perfil, podendo ser utilizado como forma estratégica para atrair seguidores.

publicidade (Silvestre, 2017, p.10). Por isso, como não havia o interesse de pensar essas dinâmicas sob a lógica do consumo e considero mais cabível a esta investigação outras camadas das maternagens por elas agenciadas, a escolha dos materiais a serem analisados precisou selecionar outros materiais, partindo de outros olhares. Ao mesmo tempo, importa reconhecer que algumas dinâmicas mercadológicas não estão necessariamente inscritas nas rubricas da publicidade. A monetização dos perfis também pode se dar de maneira sutil, como no alcance de visualizações, interações ou acessos adquiridos nas publicações. Algumas dessas informações, contudo, ficam visíveis somente às proprietárias dos perfis. Dessa forma, não há como escolher conteúdos inteiramente isentos dos interesses do mercado, uma vez que, como já discutimos, a plataforma se estrutura de modo a determinar modos de atuação e performance por parte dos seus usuários. Dentre os perfis analisados, a @maecrespa, sem dúvidas, é o que mais trabalha com publicidades e foi o que mais precisei fazer recortes, seguido da @joyceksalvador, que embora trabalhe com publicidade, esse tipo de conteúdo não é o que prevalece em seu perfil, tampouco no da @lorenaife.

Para a escolha dos materiais, precisei primeiro entender sobre o que cada perfil se destinava a tratar como foco. Aqui indico que no percurso metodológico, esse foi meu maior desafio, pois como disse em parágrafos anteriores, por já ter acompanhado as influenciadoras em outros momentos, fui a campo tendo em mente o que eu gostaria de encontrar. Se assim eu mantivesse, cometeria um erro basilar metodológico. Pensaria a empiria apartada da teoria e das possibilidades dos afetos. Para a minha surpresa, os próprios materiais desestabilizaram o meu olhar e me colocaram em relação com outras possibilidades. O desafio era, dentro dos conteúdos produzidos por elas, encontrar sob o prisma da Interseccionalidade, as especificidades advindas das suas experiências que marcaram aspectos de aproximação no contexto de uma maternagem negra solo. Assim, observei que as pautas centrais dos perfis eram distintas e por isso, me dediquei a observar o indisponível, o invisível.

Caminhando pelas possibilidades do uso da interseccionalidade enquanto ferramenta analítica, Collins (2020) destaca sua aplicabilidade, como, por exemplo, para a resolução de problemas sociais e para isso, ela cita algumas políticas públicas universitárias que levam em consideração marcadores sociais capazes de alocar corpos em específicas experiências que apontam a necessidade de um olhar personalizado e atento capaz de impactar um coletivo. Com esse mesmo interesse de esmiuçar sua aplicabilidade analítica e, para nós, de modo ainda mais pertinente, ela destaca um trecho de sua produção Interseccionalidade para abordar o contexto brasileiro.

Ao analisar o movimento de mulheres negras no Brasil, a partir da edição de 2014 do Festival Latinidades, Collins aponta para como o evento articulou o cruzamento das avenidas identitárias. A escritora reconhece, antes de tudo, o poder da consciência, por parte das lideranças feministas negras, de que os mais diversos aspectos de suas vidas eram moldados pelos atravessamentos de gênero, raça e sexualidade, desde a década de 70. Isso tudo em um contexto de repressão militar no qual se exportava o mito de ser um país com democracia racial. Pensar interseccionalidade no contexto do nosso país precisa, de fato, vir acompanhado de uma análise histórica que marca o compasso da estruturação do pensamento feminista negro. De maneira prática, Collins apontou para a multiplicidade de presenças no Latinidades, com lideranças da sociedade civil e acadêmica, artistas, professores e estudantes. Dessa forma, a autora observou que “o Festival Latinidades não tratou apenas da necessidade de relação entre as divisões sociais de raça, classe, gênero, sexualidade, idade, nacionalidade e capacidade; ele também promoveu oportunidades para que essas relações se estabelecessem” (Collins, 2020, p.40).

Dentre as possibilidades analíticas de aplicação da Interseccionalidade, é possível elencar, a partir das reflexões da estadunidense a observação das desigualdades sociais, relações de poder interseccionais, contexto social, a relacionalidade, a justiça social e a complexidade, dado o seu caráter multifacetado. Segundo Collins (2020), é necessário articularmos essas possibilidades quando nos dedicamos a uma análise a respeito das Maternagens Negras sob o prisma Solo. Essa experiência dentro do contexto brasileiro é capaz de carregar elementos históricos de escravidão e colonialismo que tornam as corporeidades muito específicas e ao mesmo tempo abrangentes no que tange suas análises, sobretudo quando falamos das nossas sujeitas de pesquisa.

A interseccionalidade, conforme analisada pela intelectual, nos oferece, portanto, uma ferramenta poderosa para compreender a complexidade das desigualdades sociais e as dinâmicas de poder que surgem nas interações entre diferentes identidades sociais, como gênero, raça, classe e sexualidade. Collins (2019) destaca que a interseccionalidade permite analisar as relações de poder de forma relacional, ou seja, entendendo que as diversas formas de opressão não agem de maneira isolada, mas se cruzam e se reforçam mutuamente em contextos sociais específicos. Essa abordagem amplia a compreensão das estruturas de desigualdade, ao considerar as múltiplas camadas de discriminação que afetam grupos sociais marginalizados.

Além disso, a interseccionalidade nos convida a repensar a justiça social, ao questionar as soluções simplistas para problemas complexos, propondo uma visão mais

holística e inclusiva, que reconhece as múltiplas dimensões da experiência humana. A intelectual, assim, propõe um enfoque analítico que considera tanto as especificidades das vivências individuais quanto as conexões entre essas experiências, revelando a complexidade da luta por direitos e igualdade em um mundo marcado por relações de poder interseccionais. Sobre o uso da interseccionalidade a partir dessas dimensões analíticas, a autora nos diz que, não é possível pensar as desigualdades sociais, por exemplo, de maneira simplificada, desconsiderando as interações das múltiplas agências que operam na manutenção das disparidades que encontramos em nossos fenômenos. Afinal, essa dimensão analítica,

raramente é causada por um único fator, adiciona camadas de complexidade aos entendimentos a respeito da desigualdade social. Usar a interseccionalidade como ferramenta analítica vai muito além de ver a desigualdade social através de lentes exclusivas de raça ou classe; em vez disso, entende-se a desigualdade social através das interações entre as várias categorias de poder. (Collins, 2020, p.45)

Seguindo essa perspectiva, a autora também posiciona as relações de poder como elementos importantes que precisam estruturar uma análise interseccional, uma vez que as experiências sociais são perpassadas por dinâmicas simbólicas e materiais de poder que fazem a manutenção de hegemonias. Nesse sentido, a análise interseccional não se restringe a identificar as diferentes categorias sociais em interação, mas busca refletir sobre como as relações de poder inerentes a essas categorias se manifestam e se interagem. A exemplo disso, a intelectual destaca que,

devem ser analisadas por meio de interseções específicas – por exemplo, racismo e sexismo, ou capitalismo e heterossexismo –, bem como entre domínios de poder – a saber, estrutural, disciplinar, cultural e interpessoal. O caso da desigualdade social global mostra que as estruturas interseccionais que levam em consideração as relações de poder, principalmente aquelas que analisam como o poder do Estado nação trabalha com diferentes filosofias da social-democracia e do neoliberalismo, levantam novas questões sobre desigualdade social global. (Collins, 2020, p.46)

A Contextualização nos possibilita enxergar a Interseccionalidade de maneira a evitar generalizações, considerando que sua abrangência permite aplicabilidades a partir das especificidades acionadas dentro de uma contexto estudado. Dessa forma, como já vimos anteriormente, ela se trata de uma ferramenta flexível do ponto de vista teórico-metodológico por nos oferecer um leque de possibilidades nas ancoragens concretas. Essa dimensão,

é especialmente importante para projetos interseccionais produzidos no Sul global... Assim como o feminismo afro-brasileiro situa a interseccionalidade em um contexto brasileiro, outras expressões de interseccionalidade exigem uma contextualização semelhante. A análise da Copa do Mundo examinou os contornos globais das relações de poder interseccionais. (Collins, 2020, p.46)

A Relacionalidade aponta para o fato de que as categorias sociais não existem separadamente, mas são definidas e experienciadas em relação umas com as outras. Essa

perspectiva colabora com uma mudança radical nos pensamentos a respeito dos marcadores, que até então eram refletidos de maneira isolada. Dessa maneira, ela

abrange uma estrutura analítica que muda o foco da oposição entre as categorias (por exemplo, as diferenças entre raça e gênero) para o exame de suas interconexões. A relacionalidade assume várias formas dentro da interseccionalidade e é encontrada em termos como “coalizão”, “solidariedade”, “diálogo”, “conversa”, “interação” e “transação”. Porém, a terminologia é menos importante que enxergar como essa mudança de perspectiva com relação à relacionalidade abre novas possibilidades para a investigação e a práxis da interseccionalidade. Collins, 2020, p.46-47)

A Complexidade por sua vez, reconhece os desafios que podemos encontrar quanto ao uso de uma ferramenta cuja amplitude e potência não permite que sejam estabelecido um conceito pronto, finalizado e engessado. Embora se trate de um ponto epistemológico robusto e coerente, a intelectual faz questão de enunciar o fato de que as revisões a respeito dele são necessárias, dada a própria característica multifacetada para analisar fenômenos sociais de grande complexidade. Dessa forma, a complexidade, advém do reflexo da própria realidade que se busca compreender, afinal

Usar a interseccionalidade como ferramenta analítica é difícil, precisamente porque a própria interseccionalidade é multifacetada. Como visa a entender e analisar a complexidade do mundo, a interseccionalidade requer estratégias complexas. Interseções de raça e gênero podem apontar para a necessidade de uma análise de classes ou interseções de nação e sexualidade podem indicar a necessidade de outras categorias de análise. Tal complexidade não facilita a vida de ninguém. Ela complica o trabalho e pode ser uma fonte de frustração para acadêmicos, profissionais e ativistas de ambos os sexos. No entanto, a complexidade não é consequência do uso da interseccionalidade como ferramenta analítica, mas algo que aprofunda a análise interseccional. (Collins, 2020, p.47)

E, por fim, a intelectual destaca a relação da interseccionalidade com a Justiça Social, ao iluminar sua dimensão política e ética. Enquanto categoria que nasce no bojo das discussões feministas negras, importa considerar que não se trata apenas de uma ferramenta de análise. Importa considerarmos seu comprometimento com a transformação social e o enfrentamento às narrativas dominantes que naturalizam a desigualdade, pois ela

influenciou historicamente grande parte da investigação e da práxis críticas da interseccionalidade. O que faz com que um projeto seja interseccional crítico é sua conexão com a justiça social. No entanto, como os laços da interseccionalidade com a justiça social podem não ser evidentes, a necessidade de seguir uma agenda de justiça social como uma dimensão essencial da interseccionalidade é controversa. Muitas pessoas acreditam que os ideais sociais, como a crença na meritocracia, na justiça e na realidade da democracia, já foram alcançados. Para elas, não há crise global de desigualdade social, porque a desigualdade econômica é o resultado de uma competição justa e de instituições democráticas em pleno funcionamento. (Collins, 2020, p.48)

Dessa forma, uma aplicabilidade metodológica interseccional a partir das dimensões explicitadas acima, exige um comprometimento e olhar atento às especificidades quanto ao

uso da ferramenta. Além disso, importa ratificar que a Interseccionalidade ocupa centralidade nesta pesquisa, pois, como já vimos, assim como ela contribuiu para a estruturação teórica da minha escrita, ela também norteará tanto a coleta quanto a análise das produções de nossas influenciadoras. Ao considerar os afetos enquanto elementos do campo da experiência, coloco em relação os efeitos gerados pelos atravessamentos dos marcadores sociais nessas maternagens solo na própria produção de sentidos imbuídos nos movimentos de autodefinição.

2.4 O @MAINHACADEMICA ENQUANTO METODOLOGIA AFETIVA E INTERSECCIONAL

As formas como eu driblo ou encaro minhas andanças
são igualmente interseccionalizadas.
Não existe Carla, sem os atravessamentos
da minha pele
do meu gênero
da minha sexualidade
da minha Maternagem.
(Carla Alexsandra Souza)

Considero relevante iniciar este percurso apontando que os caminhos metodológicos que compõem esta pesquisa, e que serão detalhados ao longo desta seção, não se deram de maneira linear. Pelo contrário, foram marcados por reflexões constantes, revisitações à empiria, desconstruções e releituras teóricas, em um processo vivo e afetivamente mobilizado. Ainda assim, foi possível estruturar uma trajetória, que partiu, inicialmente, da criação de um perfil no *Instagram*, o @mainhacademica, concebido com o objetivo de concentrar, organizar e dar direcionamento às investigações conduzidas. Esse perfil, que será melhor apresentado adiante, assumiu um papel fundamental no desenvolvimento da pesquisa, não apenas como repositório de observações e interações, mas um lugar de troca e de escrita compartilhada. Nesta seção, apresento, portanto, os caminhos trilhados por essa metodologia que assume os afetos como potência e reconhece na interseccionalidade, um eixo ético-político que ilumina nosso olhar investigativo ancorado na minha experiência.

Em seguida, passei à análise e seleção de criadoras de conteúdo que abordam a temática da maternagem solo. Esse movimento partiu do reconhecimento de que, embora muitas dessas possibilidades já me fossem familiares antes mesmo do ingresso no Mestrado,

foi no amadurecimento teórico e na elaboração de artigos ao longo do Programa que identifiquei, com maior clareza, as sujeitas que fariam parte deste trabalho. A definição das participantes decorreu, portanto, de uma imersão nas produções dessas mulheres, considerando as especificidades de suas narrativas, práticas e experiências.

A etapa seguinte envolveu a comparação dos conteúdos produzidos pelas influenciadoras selecionadas, o que se mostrou essencial para a delimitação do foco investigativo. Esse processo permitiu afinar o olhar da pesquisa e reorganizar os eixos que guiaram os esforços acadêmicos subsequentes. Por fim, realizei a seleção de conteúdos que se articulassem de maneira mais direta com as pautas relacionadas à Maternagem Solo, observando a predominância de temática de cada perfil. Com isso, cabe destacar que cada influenciadora pesquisada mobiliza temáticas próprias, o que reforça a ausência de homogeneidade entre elas. O perfil de @joyceksalvador, por exemplo, apresenta uma produção significativa a respeito da sobrecarga materna, temas que se entrelaçam com as experiências de maternagem solo vividas sob a marca da negritude. Outros conteúdos (como trabalho, finanças, amor, alienação parental, pensão alimentícia e moda) também emergem com força nos perfis analisados. A partir desse universo múltiplo, busquei traçar aproximações entre os temas que pudessem dialogar de modo mais direto com os objetivos centrais da pesquisa.

Foi em Março de 2023, após iniciar o Mestrado, que dei o primeiro passo prático a respeito da Metodologia que, de fato, poderia me acompanhar nessa investigação. O que antes fazia parte de reflexões iniciáticas dentro do projeto submetido ao programa, passou a criar forma e cara. Dentre as coisas que me acompanham desde então, tem-se a necessidade de pautar minha escrita considerando os afetos enquanto possibilidade na construção do conhecimento científico. Com a Metodologia não seria diferente. Alguns dos apontamentos que embasam essa justificativa metodológica que leva em consideração os afetos (de afetar e se deixar afetar) caminha pelo reconhecimento da minha relação afetiva e assídua com a plataforma que escolhi investigar, o *Instagram*.

Importante para mim, nessas considerações iniciais a respeito da metodologia escolhida, a coragem de dizer que sou pesquisadora que não se coloca fora do que investiga. Ao contrário: sou usuária assídua do *Instagram* desde sua criação, quando ainda era adolescente. Isso significa dizer que tenho uma relação afetiva com a plataforma que acompanhou boa parte da minha construção sociopolítica enquanto mulher negra, mãe, bissexual e nordestina. Da mesma maneira, a minha relação com as sujeitas de pesquisa, parte também de um lugar de afeto e identificação, já que muito do meu maternar caminha a partir e

com os delas também. Digo isso por saber que minha pesquisa está por inteira contaminada, e aqui, penso o contágio no lugar de potência, por dinâmicas que me mobilizam e perpetram minhas experiências de maneira coletiva e politizada.

Além disso, uso esse termo também por compreender que o sentir perpassado pelas minhas experiências, carrega memórias de outras existências de mães negras, que assim como eu, partilham das especificidades de viver com marcações em uma sociedade estruturada pelas dinâmicas de uma branquitude colonial e se engajam na elaboração de oratória de mãos dadas com elas, afinal, como diz bell hooks (2019), em “Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra”

Quando nos desafiamos a falar com uma voz libertadora ameaçamos até aqueles que podem a princípio afirmar que querem ouvir as nossas palavras no ato de superar o nosso medo da fala de sermos vistas como ameaçadoras o processo de aprendizagem de falar como sujeitas participamos da luta global para acabar com a dominação. Quando acabamos com o nosso silêncio quando falamos com uma voz libertadora, nossas palavras nos conectam com qualquer pessoa que vive em silêncio em qualquer lugar. (hooks, 2019, p.55)

Contudo, esta pesquisa também se dispõe a analisar criticamente as complexidades da plataforma digital escolhida, reconhecendo suas dimensões influenciadas e conectadas ao neoliberalismo. Essa dimensão que está a serviço dos interesses de uma sistema econômico cuja dinâmicas resguardam e colaboram com a manutenção dos interesses da hegemonia de uma classe média capitalista, pois “apesar dos discursos sobre “acesso universal”, o consumo desses produtos é cada vez mais privatizado e socialmente diferenciado” (Sodré, 2002, p.18). Além disso, “na medida em que as indústrias da telefonia e da computação avançam sobre o território tradicionalmente ocupado pela radiodifusão em circuito aberto, abrem-se as vias para o redesenho do controle político dos meios de comunicação”(Sodré, 2002, p.18). Assertivamente, em uma entrevista à TV Brasil, quando questionado sobre sua teorização aprofundada contida em *Antropológica do Espelho* a respeito do conceito de *Bios* Midiático, trabalhado por Barbero (2002) enquanto tecnocomunicativo, Muniz Sodré reflete que na ética Nicômaco, Aristóteles diz que o homem da polis grega se movimenta em três esferas existenciais: a política, dos prazeres e a do conhecimento. Contudo, ele considerava a existência de uma quarta, que seria a do comércio:

Mas o *bios* do comércio não está voltado para a felicidade, para eudaimonia, para a felicidade, os outros estão. Para a integração do homem na cidade. E eu me dei conta que a mídia é esse quarto bios. A Mídia moderna. O bios que Aristóteles recusou. Porque a mídia é reboque do comércio e da tecnologia e também não está voltada para felicidade de ninguém. Mas busca uma integração do sujeito na sociedade por via do capital financeiro. (TV Brasil, 2017)

De acordo o intelectual, o fascínio da tecnologia do mercado ocasiona uma refiguração mundial pela ideologia norte-americana, caracterizando o "*Bios Midiático*" como uma forma de narrativa política, independentemente de sua pretensa despolitização. Os meios de comunicação de massa, que são centrais para a circulação de mensagens na sociedade contemporânea, são frequentemente controlados por lógicas de mercado e por interesses econômicos ligados ao sistema capitalista. Isso estrutura as narrativas, os temas e as representações que ganham visibilidade e circulação. Em sua obra, o Sodré destaca que a sagacidade dos novos aparatos midiáticos consiste justamente na invisibilidade do seus reais interesses capitalistas, já que

A astúcia das tecnologias tecnicistas consiste geralmente na tentativa de deixar visível apenas do aspecto técnico do dispositivo midiático, da "prótese", ocultando a sua dimensão societal comprometida com uma forma específica de hegemonia, onde a articulação entre democracia e mercadoria é a parte vital de estratégias corporativas. (Sodré, 2002, p. 22)

É importante destacar que a plataforma digital escolhida, tão popularizada no país, atualmente, conta com 500 mil criadoras de conteúdos digitais, quando são consideradas contas acima de 10 mil seguidores. Isso significa dizer que o Brasil ocupa o primeiro lugar no pódio de pessoas que trabalham e monetizam a partir de criação de conteúdo na rede entre os demais países, segundo a pesquisa publicada pela Nielsen no Portal do Consumidor Moderno, em 2024. Ao descrever os impactos da economia digital nos âmbitos social, econômico e cultural, o comunicólogo, reflete que

É enorme o impacto da chamada "economia digital" sobre o mundo do trabalho e sobre a cultura: na indústria, na pesquisa científica, na educação, no entretenimento, as novas variáveis transformam velozmente a vida das pessoas. Um sistema produtivo pode fragmentar-se numa escala global, organizando a divisão do trabalho segundo suas conveniências regionais ou sindicais. O comércio mundial tende a confluir para a rede cibernética, abrindo possibilidades de novos empregos e atividades rendosas. Desenha-se a partir daí a possibilidade de um novo tipo de empresa, a "empresa virtual", definida como uma estrutura híbrida de atividades organizadas, mas sem a dependência constante de decisões hierárquicas ou de canais de controle. (Sodré, 2002, p.18)

Aqui aproveito para apontar uma perspectiva pessoal que adotei como critério de escolha das minhas sujeitas. Não coloquei como fundamental a quantidade de seguidores que cada uma poderia ter, mas sim, o fato dos seus perfis serem profissionais, e portanto, abertos além de reivindicarem na bio ou em suas produções, aspectos que as localizassem enquanto pessoas negras e mães solo. A @joyceksalvador, por exemplo, é seguida por cerca de 13 mil perfis, enquanto a @lorenaifè atualmente conta com cerca de 7.018 seguidores e a @maecrespa possui uma média de 25 mil. São alcances e posições distintas, discutindo e influenciando a pauta maternagem solo em uma plataforma de grande popularidade. Da

mesma maneira, a seleção dos conteúdos a serem analisados não se deu através do número de curtidas ou de comentários, embora tenha levado em consideração a interação entre as Sujeitas, pois, tão necessário quanto os aspectos quantitativos refletidos nesses números, é a produção de sentidos por meio das narrativas construídas em suas postagens.

Assim são justificáveis o empenho e a escolha que aqui seguem em curso descritivo. Durante toda a trajetória de pesquisa, revisões teóricas foram feitas. Como parte da Metodologia, criei um perfil específico no *Instagram* com o objetivo de ser redirecionada pela plataforma às criadoras de conteúdo a respeito da temática a ser estudada. Ao seguir essas pessoas, já estava indicado em minha bio (espaço destinado a uma rápida descrição dos perfis, que é utilizado de maneira heterogênea em toda a rede) quem eu era e o meu principal objetivo com a página. Embora, meu processo de ser mãe de Aisha já tivesse me colocado em relação com algumas influenciadoras, senti a necessidade de direcionar um perfil (Figura 3) a esse tipo de produção, uma vez que o algoritmo apresentava conteúdos diversos e que não necessariamente estavam relacionados à Maternagem.

Sobre a participação de pessoas na dimensão de instigar, estimular, impactar e mobilizar outros sujeitos, consideramos para essa investigação a concepção trazida por Gladwell (2013) que compreende a existência de pessoas específicas capazes de influenciar a partir das próprias ações

Figura 3: Captura do perfil @mainhacademica com QR para acesso. Fonte: *Instagram*.



O @mainhacademica se trata de um perfil de pesquisa que não ocupa lugar de neutralidade. Por trás e atravessando as telas, existe uma mãe negra solo, que reivindica uma academia possível para outras pessoas que maternam, que interage nas postagens, movimenta a página com reflexões pessoais e que compartilha dificuldades, alegrias e possibilidades de viver. Acredito que isso tenha feito com que as pessoas, enquanto seguidores, se conectassem com as narrativas do perfil. Por essas e tantas outras reflexões que reivindico o lugar de uma investigação afetiva, pois “os afetos e a Comunicação estão muito próximos, ou seja, os afetos são comunicação: alguma coisa se comunica pelos afetos, alguma coisa está comunicada nos afetos” (Marques et al, 2017, p.23). Partindo dessa compreensão, ratifico o caráter afetivo da pesquisa como parte do modo de fazer, que inclui envolvimento, reconhecimento, deslocamentos e escuta comprometida com as experiências das sujeitas investigadas. Trata-se de reivindicar uma metodologia sensível, que valorize a presença do corpo e da emoção como componentes legítimos do conhecimento.

Dessa maneira, o perfil foi utilizado tanto como uma ferramenta para observar comportamentos e conteúdos produzidos pelas influenciadoras, quanto para compartilhar informações pertinentes ao contexto do meu mestrado e à experiência pessoal de maternagem, a fim de estabelecer uma conexão afetiva (de afetar e ser afetada) com outras pessoas que lidam com temas similares. Articulando às reflexões de Grada Kilomba, que em “Memórias de uma plantação” constrói uma análise a respeito de como o uso de uma máscara que “era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do sujeito Negro, instalado entre a língua e a mandíbula e fixado por detrás da cabeça por duas cordas, uma em torno do queixo e a outra em torno do nariz e da testa” (Grada, 2016, p.33), como forma de castigo, penso no perfil, enquanto parte dessa Metodologia engajada ao estilhaçamento das “Máscaras do Silêncio” ainda presentes em nossas psiquês. Essa máscara, que, para a autora,

[...] levanta muitas questões: por que deve a boca do sujeito Negro ser amarrada? Por que ela ou ele tem que ficar calado/a? O que poderia o sujeito Negro dizer se ela ou ele não tivesse sua boca tampada? E o que o sujeito branco teria que ouvir? Existe um medo apreensivo de que, se o/a colonizado/a falar, o/a colonizador/a terá que ouvir. Ele/ela seria forçado/a a entrar numa confrontação desconfortável com as verdades do “Outro”. Verdades que têm sido negadas, reprimidas, mantidas e guardadas como segredos. Eu gosto muito desse dito “mantido em silêncio como segredo”. Essa é uma expressão oriunda da diáspora africana e anuncia o momento em que alguém está prestes a revelar o que se presume ser um segredo. Segredos como a escravidão. Segredos como o colonialismo. Segredos como o racismo. (Kilomba, 2016, p.41)

Na contramão disso, temos perfis, seja o @mainhacademica, @maecrespa, @joyceksalvador ou @lorenaife engajados no confronto com a perspectiva de Gayatri Chakravorty Spivak (1995, apud Kilomba, 2016, p. 47) de que vozes subalternizadas não

podem tomar da palavra a partir do agenciamentos afetivos advindos de suas experiências interseccionais com a maternagem solo negra. E isso coaduna com a perspectiva de afetos que aqui abraço pois não se trata de “uma situação geral, é um afeto específico numa situação específica sobre o qual vamos tentar pensar. Ao mesmo tempo, o afeto não tem uma dimensão apenas, um sentido certo, ele toma forma, todas às vezes, numa dinâmica plural” (Marques et al, 2017, p.25).

Portanto, quando eu enquanto mulher negra e mãe solo, posiciono minha escrita a partir de um lugar partilhado que ao mesmo tempo que é individual, reflete experiências coletivas, dentro do leque de possibilidades da Interseccionalidade, estou ao mesmo tempo levando em consideração que minha escrita e o meu olhar investigativo, está à disposição das surpresas que o movimento de afetar e ser afetada permite através da própria Interseccionalidade, pois

Pensar os afetos na pesquisa envolve ter claro que fazemos pesquisa não para testar uma teoria: não vamos usar uma teoria para descrever um caso. A meu ver, a pesquisa tem três momentos, como tentamos mostrar em um livro editado com Richard Soparnot (Moriceau; Soparnot, 2019): o primeiro momento é uma exposição, um contato com o campo, contato com o que você está estudando; e vamos pensar este momento não como coleta de dados, mas como uma abertura, um acolhimento, um encontro. O segundo momento, é o movimento, em que o que você está encontrando vai fazer mudar algumas coisas, mudar o pensamento, mudar sua posição na pesquisa, mudar a teoria, pode até mudar sua vida na pesquisa. E o terceiro momento é o momento de reflexividade e de construção de um texto. Reflexividade para questionar o método, reflexividade para criar a forma de exposição, mas a reflexividade pode envolver a significação, a importância que o trabalho possui para o âmbito social, para a política, para a situação em que se insere. E os afetos, com o poder de mudar, o poder de afetar e transformar é uma potência importante nos três momentos. (Marques et al, 2017, p.26)

Além disso, em diálogo com os autores, compreendo também que deve existir o fazer investigativo que preserve as surpresas que podem decorrer do campo, já que a pesquisa nesse sentido, se estabelece como um encontro aberto e acolhedor. Essa abertura, por sua vez, pode acionar um movimento interno no pesquisador, capaz de remodelar seu pensamento, sua postura investigativa e até mesmo a própria teoria mobilizada, pois

Uma pesquisa que privilegia os afetos permite vários níveis de leitura e aponta a complexidade e riqueza da empiria. É preciso conferir aos atores pesquisados a maior parte da responsabilidade de confeccionar sua representação. O pesquisador deve aproximar-se de uma expressão mais bruta de suas falas e relatos, considerando a justeza de sua própria maneira de se expressarem e contarem a si mesmos, sem esconder os paradoxos ou contradições nas falas. (Marques et al, 2017, p.14-15)

Em minha trajetória exploratória, estabeleci contato com diversas influenciadoras digitais cujas produções, ainda que não tenham sido incorporadas diretamente como fontes principais das análises que seguirão, desempenharam papel fundamental na delimitação do objeto e no amadurecimento teórico-metodológico deste trabalho. O acompanhamento

sistemático de conteúdos publicados por mulheres como @ivipizzott, @mabrisa, @isisbroken, @nzingamaia, @maternandopretinhos, @gabidepretas, @maternidadepreta, @flaviaaleal, @maternidadesapatao, @rolmagalhaes, @duasmaesedion, @andressareis, @fepereiram, entre outras, permitiu mapear um campo discursivo marcado pela pluralidade de experiências em torno da maternagem negra considerando os atravessamentos da sexualidade, das questões de classe a partir da produção de conhecimento por mães negras no *Instagram*.

Essas interações e observações foram essenciais para identificar as temáticas recorrentes, recursos utilizados, as estratégias de engajamento e articulações afetivo-políticas presentes nesses perfis. O contato com essas criadoras de conteúdo, em sua diversidade, não apenas orientou decisões analíticas, como também iluminou reflexões que se materializaram na escrita de artigos acadêmicos ao longo do mestrado, contribuindo significativamente para o amadurecimento do meu olhar investigativo a partir das lentes interseccionais que amparam esta pesquisa.

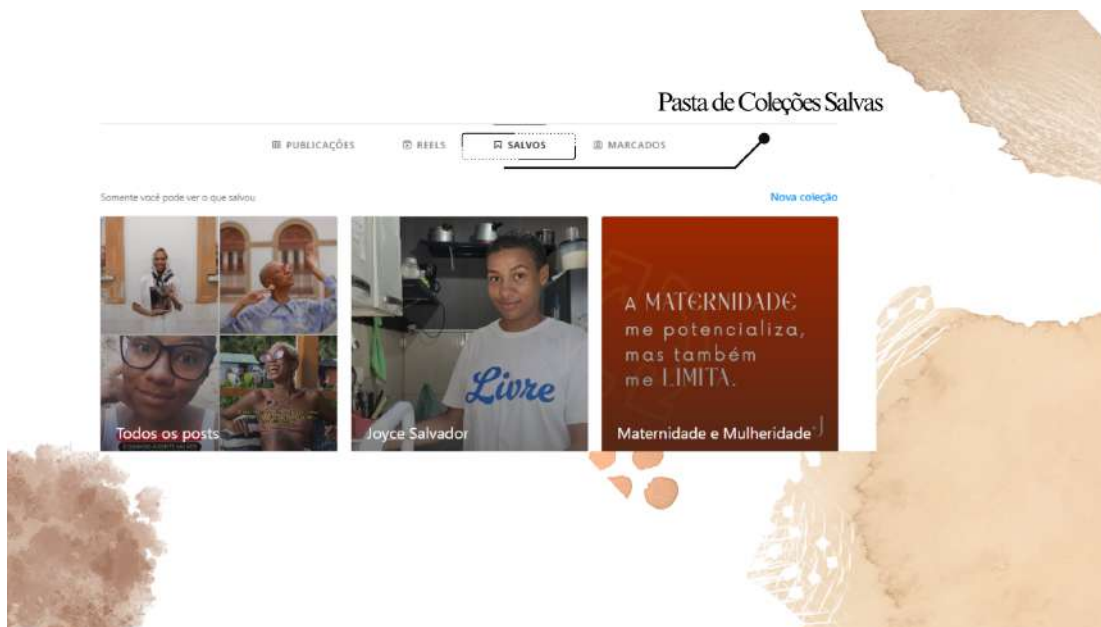
Admito também que durante esse percurso, muitas vezes não consegui me afastar do pré-estabelecido. Enquanto pesquisadora, confesso que ia ao encontro das Sujeitas, a partir de um movimento diferente ao proposto por Marques (2017) e ir a campo com as teorias já elaboradas, em busca de um determinado fenômeno que se encaixasse nelas. Essa foi a minha primeira virada de chave enquanto pesquisadora: as leituras e reflexões me encaminharam para a necessidade de compreender os processos comunicacionais acionados nos perfis que abordam as Maternagens Negras Solo, considerando sua autodefinição.

Esse foi um dos direcionamentos que precisei fazer: selecionar perfis que trabalham com a maternagem negra, dentro do leque de possibilidades do que viria ser uma mãe solo. Aqui, aproveito para apontar a importância da aproximação entre metodologia e práxis. Esse direcionamento sempre esteve bem localizado a partir da minha própria experiência de ser mulher, negra e mãe que experiência nuances do Solo. Referenciando Nancy Naples, Collins aponta para a importância de uma práxis feminista interseccional. Isso por compreender que “o ativismo ou a experiência moldam o conhecimento, um entendimento que, por vezes, se perde quando as abordagens teóricas são institucionalizadas no meio acadêmico” (Collins, 2020, p.68). Partir desse lugar de aproximação, cadencia minha escrita e aloca essa investigação na 1ª pessoa do plural. É importante centralizar o que Grada Kilomba nos ensina sobre a importância da tomada da palavra e estilhaçamento das máscaras do silêncio que por tanto tempo são utilizadas camufladas na escrita estigmatizante da branquitude. Isso porque, ao falarmos de nós mesmas, não estamos apenas posicionando existências “[...]mas rompendo

com a história do silenciamento a que foi submetida. É uma maneira de se reapropriar de seu corpo, de sua voz e de sua história” (Kilomba, 2008, p.25).

Para aglutinar os perfis que falavam sobre Maternagem Solo, priorizei os que assim se definiam em suas respectivas bios. Contudo, por se tratar de um campo que permite edições diárias, caminhei para observar as postagens das próprias criadoras de conteúdo. A intenção era a de que em minhas buscas, eu pudesse encontrar nas narrativas indicações de que elas experienciam esse contexto de maternagem. Nesse contexto, organizei os materiais que julgava pertinentes a partir de pautas acionadas nos próprios perfis como “Mães e filhos” e “Subjetividades”, em pastas específicas. Após a escolha das influenciadoras que seriam as Sujeitas da Pesquisa, criei pastas específicas para cada uma com o intuito de organizar e facilitar o acesso aos materiais possíveis de análise. Essa ferramenta, o próprio *Instagram* oferece aos seus usuários para que salvem conteúdos do feed a partir do seu interesse que considerem importantes a serem revisitados em outros momentos. Contudo, como se tratam de conteúdos online, caso as sujeitas decidissem editá-lo ou excluí-lo, interferiria no próprio processo de coleta, como foi o caso da @lorenaife, que durante o período da pesquisa, desativou seu perfil por 1 semana.

Figura 4: Captura das coleções salvas do @mainhacademica. Fonte: *Instagram*.



Em seguida, a fim de pensar os desdobramentos que as diferentes regiões do país poderiam fazer emergir, compreendi que poderia visibilizar perfis distintos geograficamente. A @joyceksalvador, sendo do Rio de Janeiro, a @lorenaife, sendo da Bahia, e a @maecrespa do Rio Grande do Sul, por exemplo, foram escolhas pensadas também dentro dessa

perspectiva. A expectativa era de perceber as diferentes formas de acionamentos que surgem das interações entre raça, classe, gênero e região nas experiências da maternagem solo. Isso incluiu observar como essas mulheres lidam com estigmas, desafios econômicos, afetividades, desigualdade no acesso a serviços de saúde e educação, além de como suas histórias de vida são moldadas por essas relações de poder. Contudo, embora os territórios ocupem lugar de importância em suas bios, essa dimensão territorial não foi propriamente alcançada nos materiais analisados, como será possível se perceber no capítulo que seguirá. Dessa forma, essas reflexões somadas às considerações do capítulo conceitual robusteceram o meu olhar para a importância de pensar a Interseccionalidade enquanto possibilidade teórica, analítica e metodológica pela potência de articulação que torna visíveis as nuances entre as três mães investigadas.

Após delinear as escolhas metodológicas que nortearam este estudo, que envolveram a criação do perfil @mainhacademica para o acompanhamento das influenciadoras, a análise comparativa de seus conteúdos sobre a maternagem solo e a seleção dos materiais que se mostraram mais pertinentes, percebo que o momento de avançar para a análise se apresenta de forma clara. Desta maneira, imbuída da perspectiva interseccional, que considero essencial para apreender a multiplicidade de fatores que moldam as vivências da maternagem solo para mulheres negras, o capítulo subsequente se concentrará na investigação das formas de autodefinição que emergem de seus conteúdos no *Instagram*. Busco, assim, articular as complexas interconexões entre raça, gênero e maternagem solo, compreendendo como essas categorias se manifestam e se negociam nas narrativas das influenciadoras investigadas, levando em consideração que essas dimensões não apenas se entrecruzam, mas também constituem a base para a (re)elaboração de posicionamentos políticos e afetivos em suas redes. Este capítulo não encerra a metodologia, mas costura a justificativa de uma escolha: a de fazer ciência com o corpo inteiro — escutando, sentindo e escrevendo a partir de onde falo.

3. SER MAINHA É BARRIL, SOLO ENTÃO: MATERNAGEM E AUTODEFINIÇÃO NO INSTAGRAM

Se as integrantes do grupo inferiorizado forem capazes de se amar mutuamente e afirmar o valor umas das outras, então todo o sistema que relega esse grupo a uma posição inferior se torna suspeito. (Collins, 2019, p. 320)

Agora que já aponte como nossas afetividades se entrelaçam coletivamente, resta perceber como Aline Barbosa, Joyce Salvador e Lorena Ifé dançam autodefinições através dos meus encontros com as com suas produções. Dessa forma, este capítulo se debruça nas narrativas por meio das formas comunicacionais observa afetos de três influenciadoras digitais negras que atuam no cenário da maternagem, no *Instagram*. Tanto a Aline Barbosa (@maecrespa), Joyce Salvador (@joyceksalvador) como a Lorena Ifé (@lorenaife), a partir da publicização de suas experiências, revelam de maneira complexa como estabelecem suas jornadas rumo à construção de suas respectivas autodefinições.

Aline Barbosa, à frente do perfil @maecrespa, oferece um universo onde sua maternagem solo se entrelaça com a importância do autocuidado. As postagens que aqui são analisadas se estabelecem enquanto um espaço de autodefinição em que a influenciadora não apenas demonstra a importância do autocuidado materno – um aspecto frequentemente negligenciado na sociedade que idealiza a abnegação feminina –, mas o faz a partir de uma perspectiva racializada.

Já Joyce Salvador, @joyceksalvador, ao se posicionar enquanto ativista, confere às publicações analisadas o tom de constante reivindicação de sua experiência materna. Dentre os assuntos mais presentes em suas produções, é possível perceber a chamada para evidenciar a importância de se pensar a maternagem solo de pessoas negras de maneira diferenciada. Somada às outras duas sujeitas, conto com Lorena Ifé, que se destaca nessa investigação por sua abordagem complexa sobre a maternagem solo e as complexas dinâmicas dos relacionamentos afetivos. Sua experiência de vida se torna propulsora de debates sobre o direito ao afeto, a sexualidade que gira em torno dessa mãe que busca a plenitude de sua existência. Juntas, essas vozes compõem um conjunto de reflexões que tensionam imagens cristalizadas sobre a maternidade negra e abrem caminhos para pensar como essas mulheres elaboram, de modo coletivo, estratégias de autodefinição por meio da criação de conteúdos interseccionalizados na plataforma. Para isso, selecionei dentre suas produções três materiais de cada perfil, para respaldar e iluminar as análises que seguem.

3.1 ALINE BARBOSA: @MAECRESPA

Preciso colocar pra fora o que sinto e o que penso,
encontrei aqui uma forma de fazer isso!
(Aline Barbosa, 2018)

A epígrafe que abre este tópico analítico foi retirada da primeira postagem do perfil da @maecrespa. Escolhi esse trecho por pensar em sua ligação com os tópicos que seguirão a partir das narrativas que irão emergir das outras mães aqui presentes. Estilhaçar amarras que cerceiam nossas vozes, pode portanto permitir que recalculemos rotas propondo narrativas em primeira pessoa. Uma das questões centrais partirá da virada de chave dessas corpos subalternas que fissuram e se apropriam das tecnologias para produzirem suas próprias narrativas num ambiente marcado pelo racismo e misoginia.

E é por perceber que a presença dessas narrativas vem acompanhada de movimentos contínuos de tensão, que se faz imprescindível dialogarmos com a constatação da Zelinda Barros (2009) sobre as disparidades de experiências de atores nas mídias digitais. A princípio, a intelectual delineou sua investigação na constatação de que, apesar do advento das novas tecnologias de informação e comunicação (TIC) terem trazido novas possibilidades de expressão política às mulheres, interconectando a partir da transposição de barreiras físicas, ainda se precisava pensar e considerar uma questão básica, dentro do contexto brasileiro: a do acesso ao próprio bem tecnológico:

Considerando a realidade brasileira, em que o acesso às novas tecnologias ainda não é realidade para uma significativa parcela da população, o primeiro desafio é assegurar às mulheres, especialmente as mulheres negras, condições de acesso às tecnologias digitais. Desta forma, se estamos ainda a caminho de assegurar condições mínimas para que a população feminina negra utilize tecnologias digitais no Brasil, é prematuro afirmar que as iniciativas que hoje temos na Internet podem ser chamadas de cyberfeministas (Barros, 2009, p. 7)

Cerca de dez anos após sua referida publicação a respeito do feminismo negro nas mídias digitais, a autora avança em suas análises destacando que investigações importantes foram e estão sendo desenvolvidas, capazes de levantar discussões robustas a respeito de como se dão as diferenças no acesso das mais diversas pessoas às tecnologias. Entretanto, mais do que pensar o acesso, a intelectual propõe que é necessário pensar nas maneiras com que mulheres, sobretudo as negras, conseguem nesse espaço marcado pelos atravessamentos de poder citados anteriormente, fixar e estabelecer dinâmicas próprias de sobrevivência:

Considerando que a diversidade populacional não é contemplada no segmento envolvido na produção tecnológica e na pesquisa sobre as tecnologias, tal cenário e os aspectos envolvidos na sua configuração merecem ser analisados e amplamente debatidos, pois, além de existir o predomínio masculino nesta área, a produção

tecnológica em contexto africano ainda é pouco conhecida, o que demanda ações para visibilizar o protagonismo histórico de africanos e afro diaspóricos no desenvolvimento de tecnologias e, contemporaneamente, estimular a participação de mais pessoas negras. É indiscutível que, para emancipar as mulheres e demais subalternizados na cultura digital, é preciso superar as barreiras de acesso, mas é fundamental também discutir o que leva as mulheres a não participarem dos espaços de pesquisa e produção tecnológica, especialmente quando sabemos que profissões como a de programador/a eram originariamente majoritariamente femininas. (Barros *Et Al*, 2022 , p. 208-209)

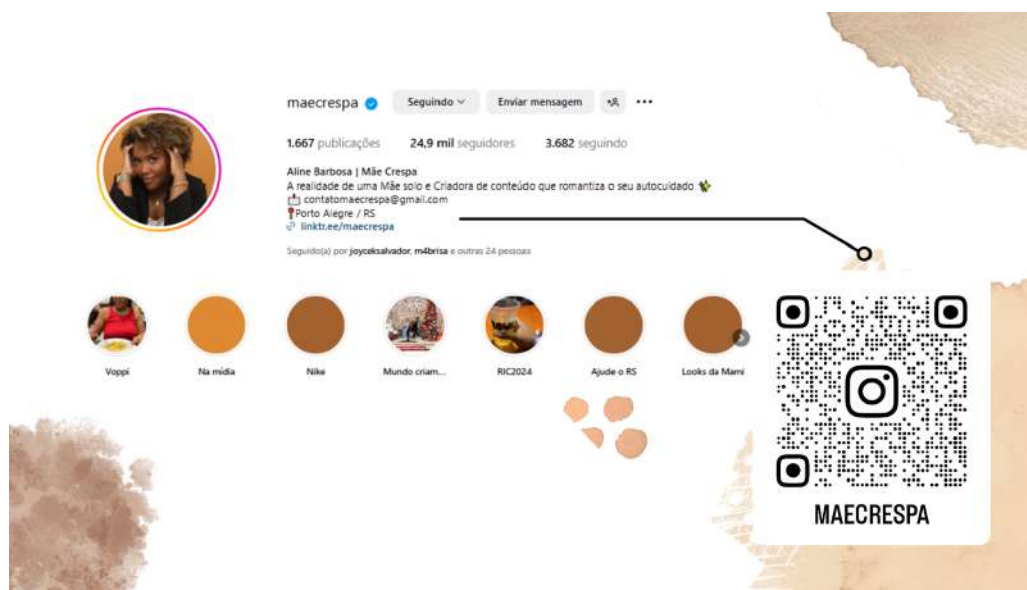
Busquei enfatizar a compreensão de que a ambiência digital absorve dinâmicas de exclusão e silenciamentos vividas fora das redes e que, portanto, em uma estrutura social racializada, as desigualdades étnico-raciais no ambiente digital se configuram em uma estruturação que faz a manutenção das dinâmicas de uma branquitude (Cardozo; Nathanson, 2022).

Quando encontrei o perfil de Aline Barbosa através da indicação de Joyce Salvador, estava buscando por mães negras das diferentes regiões do país. Uma das coisas que mais me chamaram a atenção em seu perfil, foi a maneira como os seus conteúdos se modificaram ao longo do tempo. Em suas primeiras postagens, pude perceber um caráter mais pessoalizado se aproximando de uma espécie de diário, que refletia sobre as dificuldades em ser mãe solo e os julgamentos que encontrava no exercício da Maternagem.

Algo que também observei é que entre as três sujeitas de pesquisa, ela é a que mais utiliza a plataforma de maneira a monetizar seus conteúdos através das publicidades. Como optei por não investigar as produções com esse teor, precisei fazer escolhas difíceis, pois ainda que tivessem uma abordagem explícita que suscita estruturação com intuito mercadológico, elas também falavam sobre experiências no que tange ao seu maternar.

Outra questão que pude perceber (e aqui ocupará lugar de destaque) foi a modificação instantânea no próprio processo da pesquisa, das informações contidas em sua bio que, no primeiro contato, em 10 de julho de 2024, por exemplo, apresentava a seguinte descrição: “A realidade de uma mãe solo, mulher preta e *boss*” e atualmente, 24 de fevereiro de 2025, se inscreve enquanto uma “Mãe solo e Criadora de conteúdo que romantiza o seu autocuidado” (Figura 5). Isso ratifica o caráter fluido no que tange às suas definições nas apresentações pessoais presentes em cada perfil. Contudo, como vimos através da epígrafe, a Aline sempre pensou o seu *Instagram* como forma de interlocução de sua Maternagem. O que mudou com o tempo foi a maneira que ela fazia seus enunciados e os recursos utilizados.

Figura 5: Captura do perfil da @maecrespa realizado no dia 24 de fevereiro de 2025. Fonte: *Instagram*.



O fato é que essa alteração durante meu contato empírico me iluminou para o que de predominante foi enunciado em suas produções. Como resultado desse olhar localizado, identifiquei que no dia 1 de julho de 2024, a influenciadora pontuou o que seria um marco a respeito dos seus conteúdos: a reivindicação do autocuidado enquanto elemento crucial em sua trajetória materna (Figura 6). A partir desse conteúdo, percebi que o uso do elemento comunicacional da *hashtag* seria constitutivo das publicações que seriam observadas, pois todas elas acompanham a palavras chave “#autocuidado”, incluindo a que será utilizada para inaugurar as análises do perfil da mãe crespa.

Figura 6: Captura da 1ª publicação da @maecrespa realizada no dia 12 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



Assim como as outras publicações analisadas no perfil da @maecrespa, essa (Figura 6)¹⁰ também se trata de um audiovisual em formato de *reels* e possui 335 curtidas. Em 1'42 segundos de duração, é possível perceber o protagonismo da influenciadora, que aparece bem vestida, usando roupas na cor preta e uma jaqueta jeans, indicando uma estética de elegância e descontração. Bem maquiada, Aline gesticula durante todo vídeo enquanto conversa com suas seguidoras demonstrando-se confortável diante das câmeras, enquanto segura o microfone. No audiovisual, que não se passa em apenas um cenário, mixa sua performance entre estar em pé, sentada na cadeira e em outro momento na cama dentro de um cômodo que parece ser seu quarto. Isso confere à produção uma ambiência dinâmica, despretensiosa, aconchegante e aproxima suas seguidoras das dimensões do seu cotidiano (Figura 7). Compondo esse aspecto, o vídeo utiliza de transições dinâmicas entre as cenas, em que cada uma possui um trecho com diferentes informações trazidas pela influenciadora. Esse efeito confere uma experiência diferente se o vídeo fosse feito de maneira corrida, tornando o que está sendo dito mais fluido e atrativo.

¹⁰ Publicação disponível em: </<https://www.instagram.com/p/C84kjZcxOpb/>>. Acesso no dia 16 de junho de 2025.

Figura 7: Captura de cenas da 1ª publicação @maecrespa realizada no dia 12 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



Para anunciar que o perfil, reconhecido por falar sobre maternidade, iria passar por alteração de enfoque, a influenciadora produz o audiovisual se (re)apresentando e explicando para suas seguidoras o motivo de ter sentido a necessidade de passar a produzir sobre autocuidado. Coloco a seguir, a transcrição do material:

Oie, eu sou a Aline, mas podem me chamar de mãe crespa, afinal assim que eu sou conhecida aqui nas redes sociais. Sou eu, aquela que tem quatro filhos, que sou mãe solo. Mas recentemente eu entrei em um novo ciclo, não só de idade, mas assim como todos vocês, entramos na segunda temporada de 2024. Fazem seis anos que eu trabalho com as redes sociais e desde o início eu sempre falei sobre maternidade. Com a minha mudança de ciclo, mas várias mudanças que foram ocorrendo na minha vida, eu sinto que agora, é como se eu tivesse passado por uma porta. Não sei se vocês vão me entender. Eu sinto que passei em uma porta após a maternidade e estou aprendendo, conhecendo e vivendo tudo isso. Eu sou aquela mãe que acorda cedo para arrumar lancheira, que cuida dos filhos, que cuida da casa. Mas também sou a mãe que trabalha. Sou a mãe que gosta de se divertir, sou a mãe que gosta de namorar e também sou a mãe que está aprendendo a cuidar de si mesma. A maternidade não é um ponto final na nossa vida, mas sim uma vírgula. E existe uma vida além da maternidade. E é todo esse caminho e essa redescoberta que nós vamos descobrir juntas agora, nessa segunda temporada de 2024. E aí, quem vem comigo? (Texto de transcrição do material utilizado)

Os efeitos sonoros além de se fazerem presentes no audiovisual durante as transições das cenas, aparece no momento em que a influenciadora diz que “passei uma porta”, buscando chamar a atenção para esse momento de sua vida. O *reels*, ao usar legendas, se utiliza de uma estratégia que além de tornar seu conteúdo acessível para pessoas com deficiência auditiva e oferecer possibilidade para acompanhá-lo sem necessariamente usufruir da experiência sonora, também demonstra como Aline está se autodefinindo na plataforma. Totalmente transcrita na cor branca, algumas palavras são escritas de maneiras diferentes pela influenciadora como forma de buscar a atenção de quem acompanha seu conteúdo e de se colocar como detentora de poder enunciativo da própria narrativa, exemplo disso temos as

palavras “EU”, “SOU” e “MATERNIDADE”, colocadas em caixa alta, sendo esta última, quando anunciada pela primeira vez, acompanhada de um efeito que faz com que cada letra apareça de maneira gradativa.

Uma das questões que também pude observar a partir dessa legenda foi o uso da conjunção adversativa “mas”, que em geral, é utilizada para contrastar uma informação anterior. No texto, é possível perceber sua repetição cinco vezes e embora também seja possível considerar seu uso como um vício de linguagem, não posso deixar de apontar que no trecho “eu sou aquela mãe que acorda cedo para arrumar lancheira, que cuida dos filhos, que cuida da casa. Mas também sou a mãe que trabalha. Sou a mãe que gosta de se divertir” o recurso gramatical pode sugerir uma negociação interna entre o ideal imposto sobre a maternagem e o que é reivindicado por ela em “maternidade não é um ponto final na nossa vida mas sim uma vírgula”. Essa questão evidenciou para mim que a autodefinição não é um conceito que se refere a uma prática estática e isso se justifica por sua implicância basilar na subversão de ordens que estão sob a rubrica do poder.

Outra questão a ser observada é que a fala de Aline aponta para a intersecção do autocuidado com a maternagem. Após reconhecer que cria conteúdos exclusivos sobre maternidade e que é reconhecida por isso, ela assume que vê a necessidade de pensar esse aspecto de outra forma, pois outros elementos e afazeres também constituem o seu exercício de maternagem. Ela descreve a si mesma como a mãe que cuida da casa e dos filhos, mas que também trabalha, se diverte, namora e que "está aprendendo a cuidar de si mesma". Essa enunciação rompe com a ideia de que a maternidade deve ser um exercício de abnegação e sacrifícios. Ao afirmar que "existe uma vida além da maternidade", ela repercute um sentimento de que após tornar-se mãe, existe uma movimentação, que precisa ser contínua de reencontro e redescoberta das subjetividades dessas pessoas.

Dessa maneira, depois de apresentar as razões para começar a produzir conteúdos que circundam suas práticas de autocuidado, a influenciadora, emite uma chamada de ação para as suas seguidoras “e aí, quem vem comigo?”. Essa movimentação é um interessante recurso comunicacional que não só produz engajamento ao conteúdo produzido, como também, passa uma noção de interesse por parte da Mãe Crespa em se conectar com suas seguidoras ao procurar por uma validação, apoio e envolvimento delas nessa dinâmica de transformação. O estímulo é correspondido entre os 45 comentários presentes, como é possível se perceber na amostra seguir (Figura 8):

Figura 8: Captura de comentários da 1ª publicação da @maecrespa realizada no dia 12 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



Acompanhando o audiovisual, é possível se observar (Figura 6), a legenda criada pela influenciadora, como forma de compor seu conteúdo, contendo os seguinte dizeres:

Existe uma vida após a maternidade que eu estou conhecendo e redescobrimdo muitas coisas. E se tem algo que eu estou aprendendo todos os dias, é cuidar de mim mesma.
E tinha tantos sonhos, eu era uma guria tão feliz! E agora estou reencontrando ela todos os dias
...
Julho começou e ainda dá tempo de fazer muitas coisas neste ano. Eu recalculei as rotas, planejei tudo novamente e as prioridades agora são outras!
Bora fazer acontecer e viver essa segunda temporada de 2024 comigo?
#autocuidadofeminino #mulherpreta #maesolo

Identifico em seu texto, uma narrativa que emite o saudosismo amparado pela busca constante do reencontro com os sonhos da “guria” que hoje é mãe. A possibilidade de pessoas negras sonharem é uma reivindicação da humanidade presente na narrativa de Aline, além do seu encontro com o autocuidado. Uma mãe que sonha, não vive esse anseio só. Sua rede participa do seu processo de encantamento e subjetividade. Ela, em seu texto, aponta que é possível recalculas rotas após o meio do ano e que as prioridades podem ser alteradas a qualquer momento. E mais uma vez, convida suas seguidoras para acompanharem esse novo momento vivido por ela. Além disso, as *hashtags* presentes em seu texto, como mencionei anteriormente, são elementos comunicacionais importantíssimos para a plataforma. Pois além de tratar de suas subjetividades e servirem como categorização para os sistemas de buscas, também funciona como direcionamento para seu público alvo.

Dando seguimento aos materiais de análise, selecionei o 2º conteúdo¹¹ que aqui será analisado partindo dos parâmetros já descritos nesta seção. O material, também postado em formato de vídeo nos *reels*, conta com 114 curtidas e 14 comentários (Figura 9). Diferentemente da produção analisada anteriormente, Aline Barbosa optou pela produção em um único cenário. A composição de “sua paleta de cores”, em tons marrons e beges, como ela costuma dizer em outras postagens de seu perfil, confere ao conteúdo o ar de sofisticação. Além dos acessórios dourados, a influenciadora contracenou em uma esquematização a qual está sentada atrás de uma cadeira de escritório. Além de também conter a transcrição instantânea da fala da influenciadora, dessa vez, a produção fixou o título “Bate papo com a Mami ✨” chamando atenção para esse quadro que foi criado no processo da elaboração desses novos conteúdos de autocuidado, que proporciona a experiência de início de diálogo entre a influenciadora e suas seguidoras.

Figura 9: Captura da 2ª publicação da @maecrespa realizada no dia 12 de junho de 2025. Fonte:

Instagram.



A referida produção foi feita sem mudanças de cenários, contando com alguns recortes nas pausas das falas. Essa também é uma estratégia para que os 1:34 segundos totais pareçam breves e sejam entregues mais facilmente pela plataforma. Afinal, dentre os fatores determinantes para o efetivo engajamento dos conteúdos, na plataforma, a retenção, a capacidade de um usuário assistir até o final, é um deles. Contudo, esta é uma dimensão que

¹¹ Disponível em: </<https://www.instagram.com/p/DJ1tCT6uovB/>>. Acesso em 16 de junho de 2025.

estará fora das análises por se tratar de um campo de dados que não tenho acesso enquanto seguidora. A seguir, é possível observar a transcrição do material:

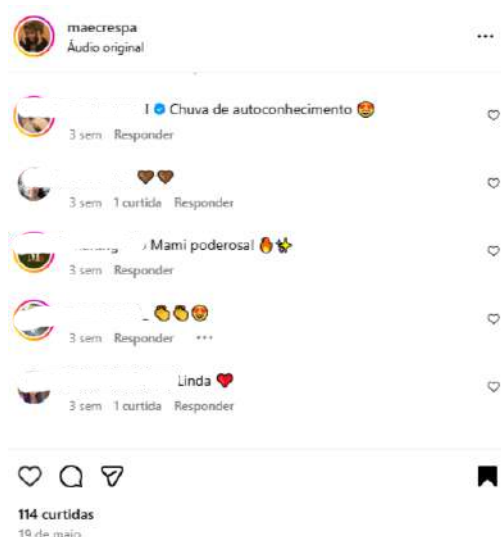
Como eu saí disso, pra isso. O meu glow up aconteceu internamente. Foi quando eu comecei a ter mais confiança em mim mesma. Foi aí que as coisas começaram a mudar. Foi também onde eu aprendi a me amar. Aprendi a amar a minha vida, aprendi a amar a pessoa que eu sou. Eu quis encontrar a minha melhor versão a cada dia. Reconhecer que além de ser mãe, eu também era uma mulher. Foi fundamental também neste processo. Hoje eu reconheço a mulher que eu sou. Eu sei que eu quero e o que eu não quero na minha vida. Claro que fazer terapia, o processo de terapia me ajudou muito também, porque fez com que eu tirasse de mim um peso que eu carregava, um peso que não era meu. E esse peso se chama culpa. E no momento que tirei toda essa culpa de cima de mim, eu me tornei uma pessoa muito mais leve. E toda a minha transformação interna refletiu na parte externa. E muitas de nós, mães, nos sentimos culpadas. Nos priorizar, colocar em primeiro lugar, porque no momento em que a gente se torna mãe, automaticamente nós saímos da nossa prioridade. Só que nos priorizar é nos colocar como prioridade. É sim, importante. Não é errado, eu sei. As gurias me contem, estão passando ou já passaram por este processo? (Texto de transcrição do material utilizado)

A partir da figura 9, é possível compreender a base que será utilizada por Aline em seu conteúdo. Ao elencar duas imagens com a perspectiva de “antes x depois” a influenciadora discorre que para se alcançar uma estética melhor (“*glow up*”), foram necessários movimentos de autodefinição que centralizavam o amor próprio em suas práticas diárias. Quando por um lado, na primeira imagem, ela se apresenta com uma performance casual e na segunda ocorre outra levando a crer certo antagonismo com ar de sofisticação e elegância, a influenciadora, inicia seu vídeo dando a entender que irá expor os passos até a chegada na linha de sucesso. De maneira fulcral, a autodefinição da Mãe Crespa parte da compreensão reiterada por ela de que além de mãe, existe uma mulher. Dessa forma, há um confronto com a noção da abnegação materna, ao demonstrar que a pessoa que materna não perde sua individualidade e seus desejos, sendo eles pontos vitais para a sua existência. A enunciação sobre a importância de se retornar ao centro da própria vida após a maternidade antecede uma chamada de ação, que também entra nessa análise enquanto ferramenta comunicacional utilizada por Aline, em algumas de suas postagens, chamando as seguidoras para uma troca.

Para além de um recurso com intuito de gerar engajamento, como já dito anteriormente, Aline se utiliza de uma gíria de sua região para dar um tom de intimidade e cumplicidade instantâneas com suas seguidoras. O “gurias”, diferentemente do “vocês”, oferece carinho que em plano de fundo compõe uma chamada para a criação de uma rede de solidariedade a qual trocas de experiências são fundamentais. Na dimensão da autodefinição, esse aspecto é muito valioso, pois há uma intencionalidade em sua construção coletiva, a partir da narrativa de outras sujeitas. Dessa forma, a indagação, que complementa a perspectiva de uma jornada contínua de autoconhecimento, produz uma aproximação das

experiências com suas seguidoras (Figura 10), que apesar de não responder, diretamente a ela, interage em sua publicação de outras formas.

Figura 10: Captura de comentários da 2ª publicação da @maecrespa realizada no dia 12 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



A legenda (Figura 9) que acompanha o que a influenciadora diz em seu *reels*, busca ratificar que o autocuidado é fundamental na vida de mulheres pretas que são mães. Apesar de utilizar em seu audiovisual suas fotos para ilustrar um processo estético de melhora, a frase "o verdadeiro glow up vai além de roupas e um cabelo" aponta para a definição central do que Aline considera ser transformação. Ela coloca em xeque o conceito de "*glow up*", geralmente associado a mudanças externas, para abordar o âmbito psicológico e emocional. Isso valida a autodefinição em que a busca pelo reconhecimento de sua identidade como mulher foram os verdadeiros motores de sua mudança. Além disso, temos as *tags* *#glowup* e *#mulhepreta* que atuam enquanto elementos de autoafirmação e direcionamento do seu conteúdo.

Os aspectos do autocuidado reivindicado em seu perfil nos remete a uma reflexão: Como corpos forjadas para cuidar do outro sob rubrica da “mãe preta” pode reivindicar o autocuidado para si? É o questionamento que também ampara nosso próximo material de análise a seguir, do perfil da @maecrespa (Figura 11).

Figura 11: Captura da 3ª postagem analisada no perfil da @maecrespa realizada no dia 10 de Março de 2025. Fonte: *Instagram*.



A publicação¹² ilustrada anteriormente e legendada “Bora deixar as mamis viver?” também se trata de uma postagem em formato de vídeo. Nela é possível observar durante todo o tempo, Aline se arrumando e se movimentando, ao colocar acessórios, como brincos e colares, enquanto elabora reflexões a respeito de experiências vividas por ela no que se refere ao seu autocuidado. Essa estratégia de comunicação é interessante, pois traz uma noção de proximidade entre a influenciadora e suas seguidoras, fazendo com que estas, de certa forma, participem de um momento importante do seu dia. Além disso, ela consegue tratar de uma temática complexa de maneira fluida, sob o prisma de algo despretensioso e informal, um verdadeiro “bate papo com a mami”. Outra questão importante em sua performance é o paralelo que a prática de se arrumar tem com o assunto que será desenvolvido por ela em seu conteúdo. Legendada e também de maneira instantânea, a postagem, embora não apresente uma mudança de cenário e efeitos sonoros, evidencia que a Mãe Crespa, também dinamiza seu *reels* com pequenos recortes nas falas e utiliza nas transições entre eles, efeitos de imagem com a perda de foco. Utilizar esse tipo de efeito ajuda a criar a conexão entre as cenas e as reflexões que estão sendo elaboradas.

¹² Disponível em: <https://www.instagram.com/p/DAZaA6UxMdg/>. Acesso em 12 de março de 2025.

Algo para observar em sua movimentação corporal, são as feições e gestualidades presentes em todo o vídeo que dão ar de discordância e, até mesmo, indignação com as críticas que giram em torno de sua maternagem (Figura 12).

Figura 12: Captura de gestualidades da 3ª postagem analisada no perfil da @maecrespa realizada no dia 13 de Junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



A enunciação promovida por Aline revela um posicionamento que confronta a desqualificação de sua maternidade, especialmente quando esta é atravessada pelas práticas de autocuidado. A narrativa expressa uma possibilidade de autodefinição que tensiona expectativas normativas sobre o ser mãe. A partir de uma plataforma predominantemente visual, como o *Instagram*, Aline marca uma postura pessoal e política, acionando elementos cruciais para a efetiva articulação de autodefinição evidenciada nesta pesquisa:

Eu não priorizo os meus filhos. E foi isso que eu escutei nesses últimos dias. A impressão que eu tenho é que quando uma mãe está dentro de casa 24 horas, está com esgotamento mental, aliás, saúde mental 0, saúde física mais zero ainda, ninguém se importa quando a mãe está lá precisando de uma ajuda. Está desesperada porque as contas no final do mês não estão fechando. Está desesperada porque os filhos estão precisando de coisas básicas e não tem. Ninguém se importa. Quando uma mãe consegue viver sua vida. Começa a cuidar de si. Até de ..., nem vou falar aqui o nome, ela é chamada. A verdade é que a sociedade não consegue aceitar uma mãe que vive sua vida além da maternidade. Várias vezes eu já falei aqui que a maternidade não é um ponto final na vida de uma mulher, mas sim, é uma vírgula. Existe sim uma vida após a maternidade e após os filhos. E uma mãe que sai pra se divertir, que vai pra academia, que faz terapia, que cuida, né, de si, ela não está sendo uma péssima mãe. Ela não está sendo menos mãe por isso. Pelo contrário, uma mãe que cuida de si, vocês podem ter certeza, que ela vai estar ali 100% para os seus filhos. Porque uma mãe feliz cria filhos felizes. O que a gente não pode esquecer é que uma mãe antes de ser mãe ela é uma mulher. E uma mãe sendo uma mulher ela tem sim seus sonhos, ela tem sim suas vontades. E obviamente que por um período de tempo, a mãe se dedica sim 100% para os seus filhos, mas chega um momento que ela também quer cuidar de si e ela tem todo esse direito. A mulher já é tão rotulada, né, na sociedade. Já tem tantos obstáculos, que algo que é tão simples e que é tão necessário, que é a mãe viver a sua vida, fazer o que ela tem vontade, não

deveria ser mais um. Tenho certeza que muitas mulheres que são mães deixam de fazer muitas coisas que têm vontade, com medo do julgamento. Então, deixa as mães viver, tá? Porque a mãe também é gente. (Texto de transcrição do material utilizado)

Desqualificação da experiência. A criadora de conteúdo inicia sua fala acionando um questionamento à sua Maternagem que visava pôr em cheque sua experiência e por consequência invalidá-la. Pela perspectiva da influenciadora, existir para além da maternagem não é sobre abrir mão de exercê-la. A mesma questiona que quando uma pessoa se torna mãe, parece que vem definido que a partir daquele momento, qualquer outro papel que ela tenha desempenhado seja extinto ou fique em segundo plano. É interessante para a manutenção de estruturas de poder que essas corpos permaneçam ocupadas e focadas nos cuidados de outra pessoa, de maneira exclusiva. Para ela, enquanto as mães estão se anulando e vivendo suas dinâmicas, de dificuldades ou não, no ambiente doméstico, a sociedade tende a ignorá-la. Afinal, “quem pariu Mateus que o ampare e balance”. Contudo, a influencer problematiza que quando essas corpos passam a viver suas subjetividades, logo ocorrem as tentativas de interceptação. Sendo assim, precisamos mais uma vez dizer o que tem de tão insurgente na produção de Aline.

Em se tratando de uma mulher negra que materna, precisamos pensar o motivo real existente por detrás desses questionamentos. A indignação de Aline, ao ser criticada por cuidar de si mesma, ressalta um ponto crucial nessa análise interseccional: para nós, mulheres negras, essa crítica pode vir carregada de estigmas raciais que nos associam a uma suposta negligência ou falta de zelo quando buscam seus próprios interesses.

Para a Collins (2019), a maternidade negra ocupou o centro das reflexões dentro das comunidades afro-americanas de tal maneira, que impactou no estigma de que essas mulheres deveriam viver suas vidas resignadas aos sacrifícios em prol da manutenção das vidas dos seus pares. Contudo,

Ao afirmar que as mães negras são ricamente dotadas de devoção, autossacrifício e amor incondicional – atributos associados à maternidade arquetípica –, os homens negros estadunidenses inadvertidamente fomentam uma imagem diferente das mulheres negras, ainda que pareça positiva. A imagem de controle da “mãe negra superforte” é um elogio à resiliência das mulheres negras em uma sociedade que frequentemente as retrata como mães ruins. Ainda assim, para que possam permanecer no pedestal, essas mães negras superfortes devem colocar as necessidades dos outros, especialmente as dos filhos e das filhas, acima das suas. (Collins, 2019, p. 330)

Outra reflexão que caminha em diálogo com a noção trazida por Collins, a ser tirada dessa inquietação social a partir da prática de autocuidado de uma mulher negra é o que Kilomba (2008) aborda enquanto a ideia da super mulher da pele escura. Se por um lado, esse estigma nos serviu de suporte para que não sucumbíssemos diante das aniquilações materiais

e simbólicas do nosso povo, também conforma a ideia desumanizante de que somos aguerridas e suficientemente resilientes diante de tantas violências perpetradas em nossas corpos. Esse estigma, além de desconsiderar a complexidade das nossas experiências, enquanto mulheres negras, e camuflar as consequências do racismo em nosso dia a dia, afasta por si só a noção de que precisamos ocupar o lugar de cuidado, na sociedade.

Quando pensamos na reivindicação histórica de mulheres pela possibilidade de trabalhar fora de suas casas, há de se questionar sobre de quais mulheres estamos falando. Afinal, pensando numa trajetória pós-colonial, sabemos que corpos negros sempre estiveram nas ruas responsáveis por retornar com o sustento de suas famílias. Dessa forma, há sim, vida da mulher negra para além da Maternagem, contudo, desde que esteja sendo explorada para benefício de um sistema dominante. A Mãe Crespa articula algo importante e que não nos é atribuído: o bem estar. O bem estar, assim como outros aspectos, perpassa pelo campo dos sentidos (de sentir) e, em se tratando de existências historicamente desumanizadas, somos socializadas para pensar que os cuidados, os afetos, o gozo e a satisfação não são para nós.

Sobre isso, é importante evidenciar um conceito amplamente difundido dentro das articulações de feministas negras, que é o de Bem Viver. E embora não haja um marco exato quanto ao seu surgimento, é interessante apreender a roupagem teórica assumida por essas intelectuais ao seu respeito. Ainda que esta pesquisa não se aprofunde nesse conceito, vale destacar que o Bem Viver ressoa nas práticas reivindicadas pela influenciadora, sobretudo naquilo que se refere à construção de existências coletivas, dignas e afetivamente sustentadas.

Em 1988, após o Primeiro Encontro Nacional de Mulheres Negras, González publica seu texto intitulado “A importância da organização da mulher negra no processo de transformação social”, a fim de demonstrar o papel fulcral da nossa organização para um efetivo projeto comprometido com a transformação social em nossa sociedade. Para a intelectual, o fato de sermos atravessadas por múltiplas experiências afetivas, nos permite enxergar com amplitude para os desafios sociais e aludir disso, possibilidades que apontam para práticas de bem viver que vislumbram impactos coletivos.

Décadas após esse encontro, a Marcha das Mulheres Negras feita em 2015, produziu uma carta que dentre as reivindicações, está o bem viver enquanto “nova utopia”, apontando como caminho a ser trilhado “superação do racismo, do sexismo e de todas as formas de discriminação, responsáveis pela negação da humanidade de mulheres e homens negros”. Nesse sentido, o Bem Viver, comporta dinâmicas de amparos e reconhecimentos das humanidades retiradas em um sistema que (re)vitimiza as comunidades marginalizadas como as negras, indígenas, quilombolas e ribeirinhas.

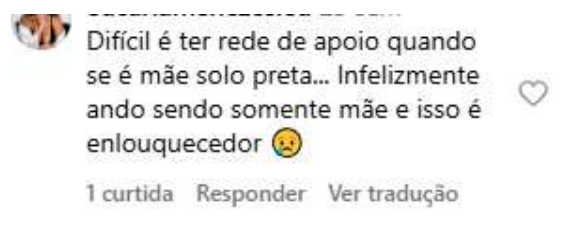
Embora a terminologia não esteja dentre as produções de Lélia, é possível perceber em suas teorizações, apontamentos para como já existia o interesse por parte dessas mulheres para com uma efetiva movimentação social, cultural e política com o objetivo de impactar as dinâmicas de existências coletivas. É o caso, por exemplo da Amefricanidade, conceito já brevemente mencionado neste trabalho, cunhado pela intelectual para dar conta de pensarmos e cientifizarmos de maneira desocidentalizada e enfrentando os imperialismos, pois o termo “afro-americano” pressupõe a existência de negros apenas na sociedade estadunidense.

Diferentemente do que se pensa em primeira impressão, o conceito não se encerra na concepção de uma condição geográfica da população negra na América. Lélia González (1988), quando aciona essa categoria científica, reconhece que existem contribuições na construção de uma identidade étnica a partir de incorporações de dinâmicas culturais peculiares que instrumentalizam corpos negres há séculos como forma de ser e estar num contexto de colonialismo. Gonzalez frequentemente se repete ao se referir a essa dinâmica cultural única com adjetivação “criatividade” a partir da noção de que pessoas negras conservam suas raízes de sobrevivências, partindo do seu alto poder de inventividade. É o caso de mulheres negras que são mães e, que dentro de um contexto de opressões, reivindicam suas existências com base na dignidade. Para Ângela Figueiredo, “este compromisso histórico com a sobrevivência coloca as mulheres negras em uma posição importante, no sentido da construção de um novo horizonte histórico” (Figueiredo, 2018, p.1095).

A autodefinição está presente então nessa reivindicação da criadora de conteúdo que subverte a ideia de que as mães negras não podem viver sua vida pessoal a partir dos desejos de autocuidado em busca de qualidade de vida. Ao fazer isso, ela propõe uma mudança na forma como a sociedade deve entender a maternagem e o papel das mulheres como mães. Essa resistência é crucial para transformar as normas sociais e culturais.

Quando a @maecrespa diz que “a maternidade não é um ponto final na vida de uma mulher, mas sim, é uma vírgula” acrescentando os vários outros predicados que podem acompanhá-la, eu acrescentaria que, em se tratando de mulheres pretas que são mães solo, existem impossibilidades materiais que barram a diversão, a atividade física, a terapia, o sexo, o sono, a alimentação e outros exemplos que dão forma à qualidade de vida, como informa o comentário da @eucarlamenezes.eu:

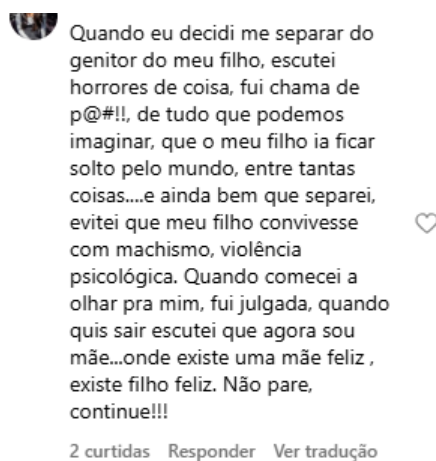
Figura 13: Captura de comentário do 3º conteúdo analisado no perfil da @maecrespa realizada no dia 11 de março de 2025. Fonte: *Instagram*.



Então, embora exista sim uma vida que precisa estar em concomitância com a Maternagem há de se observar quais corpas, de fato, podem ou conseguem usufruir dessas possibilidades.

Em “O que a gente não pode esquecer é que uma mãe antes de ser mãe ela é uma mulher”, a influenciadora resgata a possibilidade de a mãe ser uma sujeita completa, que tem a necessidade de cuidar de si mesma, viver suas subjetividades e sem que tenha sua função materna invalidada. Dessa maneira, é possível observar que o confronto com as expectativas sociais que atravessam a Maternagem, pode construir outras narrativas capazes de impactar uma autodefinição coletiva, como é o caso também do comentário (Figura 14) da @laismessa:

Figura 14: Captura de comentário do 3ª conteúdo analisado no perfil da @maecrespa realizada no dia 11 de março de 2025. Fonte: *Instagram*.



A partir desse comentário é possível perceber, que o que foi produzido por Aline não está fixado e que, portanto, permite outras elaborações e a presença de outras sujeitas de enunciação. Portanto, os comentários nas publicações, como vimos anteriormente, não apenas cumprem o papel de serem necessariamente respostas, mas também construções de significados que se dão dentro desse campo, que também é cultural e social. Isso significa dizer que as seguidoras estão contribuindo para a formação de uma autodefinição coletiva sobre a Maternagem a partir da percepção dos seus conteúdos.

A concepção da influenciadora de que alguns rótulos socialmente construídos já recaem sobre as figuras maternas e que, portanto, operacionalizam em cristalizações e de que exercer o direito ao bem viver não deveria significar mais um obstáculo nos leva a crer que a disputa é por existências e humanidade. Numa sociedade marcada por sua construção histórica, pautada sob estereótipos de hipersexualização, subalternidade e servidão, que muitas vezes invisibiliza ou desumaniza nossas necessidades e desejos individuais para além do papel materno, há um “q” de insubmissão quando uma mulher negra que é mãe pleiteia sua existência humana ao dizer: “deixa as mães viver, tá? Porque a mãe também é gente”.

Ao compartilhar sua jornada de maternidade e os desafios inerentes a ela, Aline se autodefine como uma mãe que, apesar das demandas da maternagem solo, prioriza seu bem-estar físico e mental, não só compreendendo que uma mãe feliz pode criar filhos felizes, mas que de maneira individual, antes da maternagem existia uma mulher, que continua a merecer atenção. Essa reivindicação do autocuidado em sua plataforma digital é uma forma de desafiar a abnegação materna, como vimos, também coloca outras mães em relação com esse processo de construção da autodefinição. Dessa maneira, corpos como Aline Barbosa, nos conduzem a desestabilizações capazes de fissurar imaginários sociais que tentam cristalizar pessoas negras em lugares de incapacidade de produção própria de existências e narrativas. A Mãe Crespa é, então, essa figura que nos eleva, enquanto mãe solo negra a um lugar possível de potencialidades que são inscritas também através da comunicação.

3.2 LORENA IFÈ: @LORENAIFE

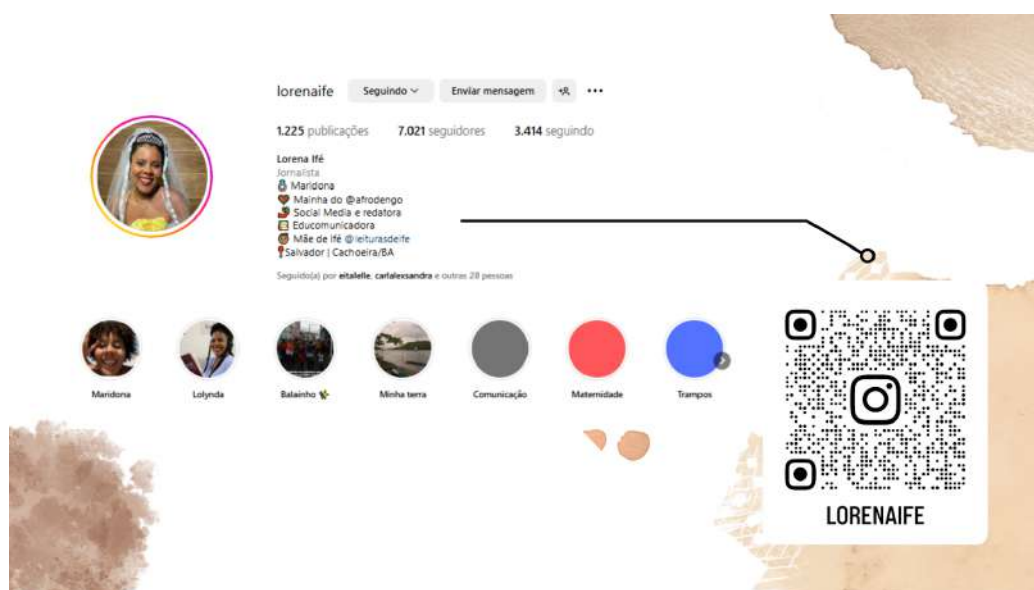
Quando uma criança nasce, morre uma mulher. Morrer também é nascer. Nasce uma mãe. E que mãe! Mas ela também chora, quer voltar no tempo, dormir ou apenas ficar sozinha cinco minutinhos. A mãe também quer que aquela mulher renasça, mesmo sabendo que isso vai lhe custar tempo. Apenas parem de julgar a mãe! Nós precisamos mesmo é de amor e que – mesmo que de vez em quando – você lembre que existe uma mulher aqui dentro. Sabe o que a mulher aqui dentro desejaria para hoje? Um orgasmo bem gostoso e rir sem parar sem saber se o bebê vai acordar.

(Lorena Ifê - Dentro da mãe existe uma mulher¹³)

¹³ Texto publicado por Lorena, em seu *blog* Preta é a Mãe, em 20 de abril de 2016. Disponível em: </<https://pretaemae.blogspot.com/2016/04/dentro-da-mae-existe-uma-mulher.html>>. Acesso no dia 23 de fevereiro de 2025.

Algo de suma importância a se considerar no perfil de Lorena Ifè se refere à maneira como seus conteúdos de maneira geral caminham por temáticas diversas como afetividade negra, maternagem, comunicação, lazer e trabalhos. Essa pluralidade foi percebida por mim dentro do percurso empírico e me fez observar que seu perfil passou por alterações de focos temáticos desde sua criação, em 2014, momento no qual Lorena ainda não era mãe, por exemplo, e dedicava-se a produzir conteúdos sobre turbantes e crochês vendidos em sua loja Sou Encrespando, além de registrar o seu cotidiano. Essa questão focalizou minha investigação em publicações, a partir do momento em que a influenciadora publicizou a gestação de Miguel Ifè, em dezembro de 2015. A partir disso, busquei pelo uso de elementos constitutivos comunicacionais em que Lorena indicasse, materialmente, sua experiência enquanto mãe solo, já que, entre as três sujeitas, ela é a única que, em sua *bio* se identifica como social media e redatora, e esta informação não é apresentada (figura 15).

Figura 15: Captura do perfil da @lorenaife realizada no dia 24 de fevereiro de 2025. Fonte: *Instagram*.



É dessa forma que as buscas começaram a partir da publicação intitulada “Pãe meu c# - Parem de romantizar o abandono paterno”¹⁴, feita em 12 de agosto de 2018, que Lorena propõe uma reflexão a respeito da sobrecarga materna de mães solo. De maneira geral, além de ser possível perceber postagens em que ela compartilha de momentos felizes na companhia do filho, seja no cotidiano ou em viagens, Lorena também se utiliza do espaço para desabafar com suas seguidoras sobre suas questões. Uma das marcas centrais do perfil da idealizadora

¹⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BmYf86zhy1s/?igsh=MWgxYnoycGhiNmtjdW==>. Acesso em 30 de maio de 2025.

do Afrodengo, grupo atualmente desativado, de relacionamento criado no *Facebook*, em 2016, que convida pessoas negras a estabelecerem conexões afetivas entre si, é sua constante convocatória para discussões que giram em torno no amor, por compreendê-lo enquanto elemento constitutivo de nossas jornadas de humanidade. E é a partir dessa predominância temática que selecionei três postagens que tangenciam as experiências amorosas e sexuais de mães solas enunciadas por ela.

Como é possível observar na figura de apresentação do perfil, a sua *bio* é preenchida com algumas identificações da influenciadora. A primeira delas é “maridona”, que faz alusão à maneira como carinhosamente são chamadas as fãs do cantor baiano de pagode Danrlei Orrico, o Kanalha. Essa identificação é interessante pois a jornalista assume uma posição de admiração em relação ao pagode, marcando também um lugar de subversão. Logo em seguida de mainha do @afrodengo, social media e redatora, educadora e mãe de Ifê. Além disso, a influenciadora aciona o recorte geográfico de onde parte sua corporeidade: Salvador e Cachoeira/BA.

Em dado período do trajeto analítico, com o material já escolhido e parcialmente analisado, a jornalista desativou seu perfil. Precisei pausar a análise para recalcular rotas enquanto prosseguia com as outras. Dentro de 1 semana, o perfil foi reativado e pude dar continuidade à coleta. Isso me fez entrar em reflexões importantes no que tange à própria plataforma. Embora a própria investigação nos limite de saber as razões que levaram a nossa Sujeita a desativá-lo, que podem ser muitas, é importante pensar que por um momento, caso eu não tivesse feito as capturas necessárias para a continuidade dessa investigação, ela seria de inviável conclusão. Além disso, a plataforma oferece recursos como, edição de texto da publicação, exclusão e arquivamento de publicação (ferramenta que move esses materiais para uma área de exclusividade do usuário), desativação ou exclusão do próprio perfil. Todas elas apontam a volatilidade dos materiais que, em caso de não documentação, se escoam da materialidade, embora já por si, tenham criado sentidos no campo da cultura.

Dessa maneira, respeitando a ordem cronológica das publicações, o 1º material¹⁵ analisado foi postado no dia 14 de agosto de 2020, somou 172 curtidas e 13 comentários, e foi selecionado por observar que expressa uma predominância da pauta do amor enquanto possibilidade em seu perfil. A postagem analisada (Figura 16) não utiliza fotos ou vídeos em que protagoniza alguma cena. Outra possibilidade oferecida para esse tipo de recurso, diz respeito ao fato de que as imagens com texto podem ser mais facilmente compartilhadas por usuários de modo a preservar a integridade visual da mensagem.

¹⁵ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CD4Pyh2Fb1D/>>. Acesso em 16 de junho de 2025.

Figura 16: Captura de O dia que fui no primeiro encontro com meu filho, realizada no dia 04 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



Conforme é possível de ser observado, a imagem que acompanha a publicação possui uma chamada com um trecho em destaque “primeiro encontro” capaz de chamar a atenção das seguidoras para o assunto central a ser tratado. Além disso, Lorena articula em seu texto, um relato pessoal baseado em sua experiência de um primeiro encontro amoroso com a presença do seu filho. No texto, a comunicadora se posiciona enquanto mãe solo e solteira a partir de sua participação em um congresso sobre Maternidades Negras, produzido pela Iyá Maternância:

Essa lembrança surgiu hoje com minha participação na sala sobre 'Maternidade e Sexualidade' no I Congresso Online de Maternidades Negras realizado pela @iyamaternancia, com mediação de @xanravelli. Conte um pouco sobre meu processo de ser mãe solo, solteira, minhas experiências afetivo-sexuais, a criação do @afrodengo e relacionamentos que vivi sendo mãe. Falei de minha experiência indo ao primeiro encontro com um boy (o famoso #date) que conheci na internet: em uma de nossas conversas sobre filmes e games, falei que Ifê era fã de Sonic, o filme iria lançar na semana que rolou esse papo. Como estaria com Ifê no finde e depois iria viajar, o boy propôs o programa a três. Fiquei bem nervosa, um primeiro encontro com meu filho! kkkkk Já fui rejeitava por ser mãe. Uma vez, quando disse que tinha filho, um cara escreveu "tô fora" e ali percebi que poderia enfrentar obstáculos nas relações, principalmente com homens. Mas aí tive um encontro lindo, fomos no cine, comemos pipoca, dançamos, depois fomos ao restaurante, ficamos de lovezinho e Ifê ficou bem de boa. Talvez ele leia esse post, queria que ele soubesse como o encontro significou para mim. A condição de ser mãe, principalmente negra e solo, faz com que a gente abdique de ter uma vida afetivo-sexual, mesmo que de forma inconsciente, afinal, agora nossa vida depende de uma criança. Aquele encontro veio para me ensinar muito sobre aprender a receber e me dar amor. Eu mereço viver afetos alegres sendo mãe! As mulheres que chegaram aqui, sejam bem vindas! Conta aqui como é por aí 🖤 #PraCegoVer: A imagem é um card com fundo na cor rosa escrito em letra preta

"O dia que fui no primeiro encontro com meu filho" (Legenda na íntegra da primeira publicação analisada do perfil de @lorenaife)

Algo interessante a ser percebido é a maneira a qual a Jornalista estrutura seu texto, com pequenos trechos contendo informações sintetizadas, separadas por pontos de continuação conferindo uma ideia uma conversa com frases curtas. Diferentemente da impressão que um texto maior promove. De maneira objetiva, Lorena, após uma experiência traumática de um flerte no qual foi preterida pelo fato de ser mãe, se reconhece em sua escrita enquanto merecedora de viver afetos alegres e possíveis em concomitância com sua maternidade, a partir de uma outra vivência amorosa.

A inseparabilidade da maternagem com outros aspectos da vida foi trazida por ela enquanto algo necessário para que mães negras possam partilhar de uma vida contrapondo-se à rubrica da resignação, abdicação e solidão. E é dessa forma que a composição dos elementos, como falar em 1ª pessoa do singular, reivindicar para si o merecimento do amor e a reconstrução de uma identidade de mulher negra, torna sua atuação no perfil parte do processo de autodefinição experienciado por Lorena. Na postagem é possível identificar emoções como a decepção, a alegria e o nervosismo trazidos por ela. “Fiquei bem nervosa, um primeiro encontro com meu filho!”, diz Lorena enquanto reconhece com risadas (“kkkkk”) a existência de uma certa contradição naquela cena de encontro amoroso que conta com a presença de uma criança que foi fruto de outra relação.

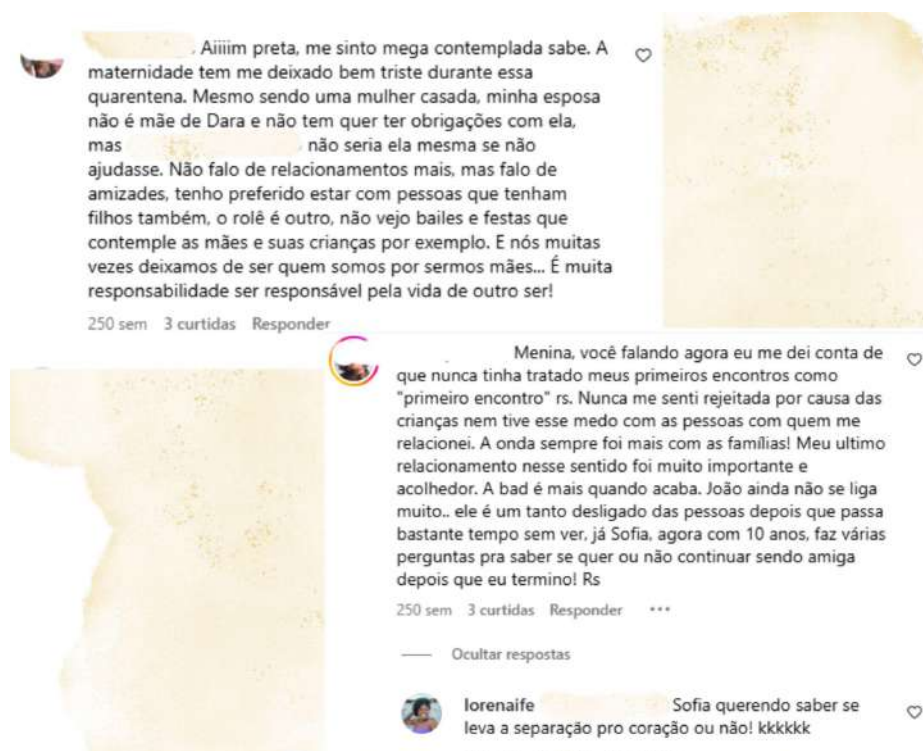
Algumas *hashtags* que acompanham a postagem de Lorena, conforme consta na figura 12, além de contribuírem para seu posicionamento como uma mulher negra, mãe, que vivencia o amor e os relacionamentos de uma forma específica, sob o prisma da racialidade, nos mostra o direcionamento e alcance de público que a influenciadora pretende dar ao conteúdo produzido. É importante dizer que o fato da influenciadora ter sua formação acadêmica e profissional nas áreas da comunicação, pode ser um fator determinante na maneira com a qual ela performa seus posicionamentos numa mídia digital, especialmente no que tange à sua capacidade de construir narrativas envolventes, utilizar recursos audiovisuais de forma estratégica e adaptar sua linguagem aos códigos da plataforma e ao público-alvo.

Figura 17: Captura de *hashtags* utilizadas por Lorena na publicação O dia que fui no primeiro encontro com meu filho, realizada no dia 04 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



Além disso, a cachoeirana finaliza seu texto convocando outras mães que acompanharam a leitura para relatarem suas experiências amorosas, dando abertura para uma possível troca de perspectivas, a partir de sua experiência. Seguindo essa direção, dentre os 7 comentários de seguidoras e os demais que contêm as respostas que Lorena, selecionei os das @adna.rodrigs e @ma_reputacao por tê-los percebido como pontos importantes que evidenciam o eco gerado a partir da mensagem passada pela influenciadora, que demonstram processos de autodefinição, como é possível perceber na figura 18:

Figura 18: Captura de comentários na publicação O dia que fui no primeiro encontro com meu filho, realizada no dia 04 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



Numa jornada de autodefinição de mães negras, no *Instagram*, uma das questões a se observar é a continuidade da reivindicação de possibilidade de construção de narrativas próprias, em torno da maternagem, que além de ser trazida por Lorena em sua postagem, também está presente nos comentários de suas seguidoras, a partir do seu estímulo. É possível, portanto, se perceber a intencionalidade em uma construção coletiva a partir dessa relação que se estabelece nas dinâmicas presentes nos comentários que, não necessariamente irão concordar com a percepção da influenciadora, mas que oportunizam narrativas e protagonismos de outras mães que compõem a rede de colaboração que se forma no perfil da mãe do Ifè.

Dessa forma, @adna.rodrigs, ao alocar seu comentário a partir dos desafios de se enfrentar uma quarentena maternando, informa que mesmo para mulheres casadas e com apoio, esse período intensifica o esgotamento. Além disso, ao apontar para a ausência de espaços sociais para mães, ela reforça como a sociedade, de forma geral, ainda falha em possibilitar a vida social e individual das mulheres após a maternidade, um peso que se agrava sob a ótica racial. Em contrapartida, a experiência compartilhada por @mareputacao oferece uma perspectiva diferenciada sobre os desafios nos relacionamentos vividos por ela. Embora não tenha enfrentado a rejeição pelo fato de ser mãe, ela destaca que as dificuldades se manifestam de outras maneiras, como a dinâmica com as famílias envolvidas. Sendo assim, ambos os relatos contribuem com a pluralidade das autodefinições construídas por mães negras que experienciam as relações amorosas sob o aspecto do solo.

Dessa maneira, retomando o uso das *tags* por Lorena, dentre os elementos que pude encontrar nesse processo de análise, a “#pretaeamae” faz menção ao *blog* @pretaeamae, atualmente desativado, também criado pela jornalista com o intuito de apresentar matérias e textos a respeito da maternidade, afroempreendedorismo, saúde e estética de forma crítica a partir da perspectiva de uma mulher negra. A partir desse elemento comunicacional e, acompanhada de outras duas tags #maternidadesolo e #afetividade, pude encontrar algumas postagens direcionadas para a temática, como a que será analisada¹⁶ a seguir (Figura 19):

Figura 19: Captura de A maternidade solo não me impede da possibilidade e do direito de ser amada, realizada no dia 24 de fevereiro de 2025. Fonte: *Instagram*.



A postagem intitulada “A maternidade solo não me impede da possibilidade e do direito de ser amada” que conta com 328 curtidas e 27 comentários, assim como a analisada anteriormente, se manifesta a partir de uma imagem com texto sem fotos em que aparece a

¹⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CGGegSAI8c4/>>. Acesso no dia 16 de junho de 2025.

influenciadora. A partir de uma frase que sintetiza o pensamento central do texto contido na legenda, o destaque, dessa vez, está presente em toda a chamada. Dentre suas autodefinições, Lorena segue reivindicando possibilidades de existências para si sob a rubrica do amor, como elemento fulcral. Em seu texto contido na legenda, a mainha do afrodengo, relata:

Sou mãe solo desde quando meu filho tinha quase dois anos. No meio do sofrimento pelo fim de um casamento criei o @afrodengo . Para mim foi um lugar de conforto e cura. Ser responsável pela união de casais me levou ao título de afro cupida (como diz Ifê: 'mamãe cupida'), mas nos bastidores ainda sofria as questões de ser mãe, ser solteira e me envolver afetivamente com outras pessoas. Lembro como hoje de um dia, num match em um aplicativo de paquera, falei a um rapaz que era mãe e ele me disse "tô fora". Em choque, minha única reação foi eliminá-lo da minha vida. Mas essa frase me assombra até hoje. Já passei por diversos desafios no maternar e paquerar até chegar à crença de que "não posso ser amada porque sou mãe". Muitas vezes pensei que o único amor que merecia era do meu filho, que não queria ter mais vínculos com ninguém. Se relacionar com uma mulher que tem filhos/filhas (no meu caso, pequeno) é entender que a criança faz parte da vida dela, que não existe uma separação. Não estamos procurando um pai ou outra mãe, estamos apenas exercendo o direito de sermos amadas, receber um afeto, ter um sexo gostoso, uma companhia que seja um afago. Mas por muitas vezes essa criança estará lá: empatando a foda, rindo com você, brincando. Sendo criança. A todas as pessoas que amei e amo, na minha condição de uma mulher que é mãe, entenda: ser amada é um direito! (Legenda de publicação analisada do perfil de @lorenaife)

Essa postagem oferece complemento ao que foi dito por Lorena no conteúdo analisado anteriormente, pois se debruça em problematizar as dificuldades enfrentadas por mães solo em busca do amor e dengo como possibilidades, a partir da continuidade da situação em que foi preterida por um homem ao saber de sua maternidade. Existem algumas similaridades de recursos comunicacionais como o da postagem analisada anteriormente, a exemplo de frases curtas, separadas por pontos de seguimento, tornando a legenda visivelmente mais curta e conferindo a ela a noção de brevidade do que será dito, como no estilo de uma conversa, indicando que esta é a estratégia para estimular a escrita de comentários. Além disso, o uso das *hashtags* #maternidadesolo, #afetividade e #pretaémãe localiza sua escrita a partir de inscrições de mundo capazes de promover aproximação na construção das identidades compartilhadas com suas seguidoras.

Além disso, adicionalmente ao uso comum da primeira pessoa do singular, que é esperado em publicações pessoais, a escolha de expressões na 1ª pessoa do plural, como no trecho em que diz “ não estamos procurando um pai ou outra mãe, estamos apenas exercendo o direito de sermos amadas”, marca convites para uma conexão com a reflexão que está sendo desenvolvida por Lorena. Isso é importante, pois, embora não exista, nessa publicação, o recurso de *call action* (uma técnica de marketing digital que visa incentivar o usuário a realizar uma ação) existem durante todo o texto movimentações de criação de vínculos coletivos que podem fazer com que suas seguidoras se sintam pertencentes ao que está sendo

exposto por ela, como é possível de se observar a partir dos comentários. Sendo assim, é perceptível, que a experiência da mãe solo, que está solteira e que se encontra em um processo de reconciliação entre o desejo de autonomia afetiva e as limitações que sua condição impõe através do @nigerrima, @mailaninascimento e @liviatotodas dizem (Figura 20). Cada comentário selecionado, colabora e ilumina o processo de autodefinição reivindicado por essas mães que articulam coletivamente.

Figura 20: Captura de comentários na publicação A maternidade solo não me impede da possibilidade e do direito de ser amada, realizada no dia 04 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



Mais uma vez a frequência dessa discussão em seu perfil me encaminhou para uma repostagem¹⁷ (Figura 21), em seu perfil, de autoria da @rafaelaamoreira2, mulher negra,

¹⁷ Disponível em: </<https://www.instagram.com/p/Cft3bjWlr6f/>>. Acesso no dia 16 de Junho de 2025.

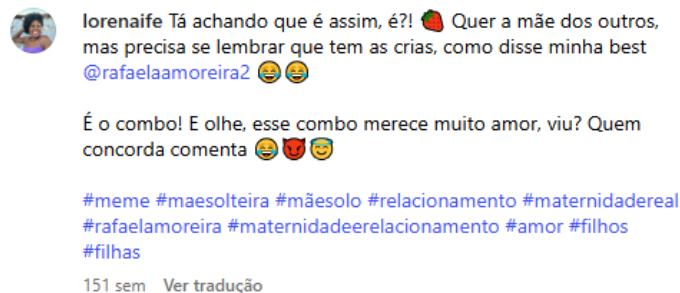
baiana, que também produz conteúdos para a plataforma. A postagem em questão está em formato de vídeo de 15 segundos e aborda de maneira bem humorada a importância das pessoas considerarem a relação com os filhos de mães solo como sendo fundamental para a manutenção de uma dinâmica afetiva do casal, com 209 curtidas e 16 comentários.

Figura 21: Captura de *repost* no perfil de @lorenaifé, realizada no dia 04 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



Contudo, apesar de também não protagonizar o vídeo, em questão, a maneira como foi repostado sugere que a influenciadora concorda e deseja transpor e destacar em seu perfil as mesmas nuances reverberadas por Rafaela Moreira. No conteúdo reproduzido, a influenciadora aparece aparentemente em um banheiro com a toalha enrolada no corpo e os cabelos presos em coque, enunciado em um tom de voz que sugere graça, intimidade e conselho dizendo: “Você aí que é padrasto, você tem que entender uma coisa: se você quer a mãe dos outros, você tem que aturar o filho também. Fica a dica! Eu sou um anjo. Bem um satanás” (Transcrição do material analisado). Acompanhando o vídeo, a legenda de Lorena avança como forma de concordar (Figura 22), como se percebe a seguir:

Figura 22: Captura de *repost* no perfil de @lorenaifé, realizada no dia 04 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



Assim como nos outros dois materiais escolhidos, dentre as *hashtags* escolhidas, a comunicadora, além de se utilizar algumas que direcionam seu conteúdo e acionam um lugar importante de sua identidade enquanto mãe solo, também opta por palavras que ampliam o alcance do conteúdo como é o caso de #rafaelamoreira e #relacionamento. Nesse sentido, o uso das *tags* que não necessariamente possuem relação com a maternagem solo também está intencionalmente alocado para a produção de outros sentidos na plataforma que visam gerar audiência.

Outra questão a se observar diz respeito ao uso de um tom mais informal que a utilização de *emojis* (pequenos ícones digitais ou ideogramas que podem representar expressões faciais e emoções) permite na postagem. Além de colaborarem com uma estética mais animada, eles assumem um lugar de destaque por também contribuírem com a leveza da crítica trazida por ela. Quando ela, por exemplo, para perguntar ao seu público se utiliza no *emoji* “🍓”, sugere uma expressão popularizada que induz que a vida não é fácil e possui suas camadas de desafios. Nesse sentido, relacionar-se com uma mãe solo a utilização remete ao desafio que é estar em relação também com o filho dessa mulher. As três postagens escolhidas para a análise da produção comunicacional da influenciadora iluminam e complementam as reflexões de que mães solo merecem viver relações dignas no campo afetivo. Além disso, da mesma forma que nas outras, existe também o recurso de chamada de ação no trecho em que ela convoca as seguidoras que concordam para comentar com outros *emojis* “😂🍓😂”.

Contudo, dentre os comentários observados na publicação, nenhum possui uma resposta ao referido estímulo, embora encontremos comentários que tenham gerado interações a respeito do conteúdo, como é possível perceber a partir dos registros feitos por @loloviiss, @tamar.antunes e @realviviane (Figura 23). Neste último, a influenciadora participa de um diálogo com sua seguidora compondo uma construção afetiva sobre suas experiências similares.

Figura 23: Captura de comentários em *repost* no perfil de @lorenaifé, realizada no dia 04 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



Colocando as três postagens em relação, é possível observar que Lorena não se engessa e recusa as definições impostas socialmente a respeito de mães solo nas dinâmicas de suas vidas afetivas. Ela toma para si a palavra e constrói sua própria narrativa, publicizando suas experiências e coletivizando o direito ao amor com suas seguidoras. Dessa forma, ao compartilhar seus processos de ser mãe solo, solteira e suas experiências afetivo-sexuais, ela estilhaça com lógicas de silenciamento e desamor perpetradas para com mulheres negras que são mães solo, no campo de suas relações amorosas.

Na primeira postagem analisada, ao compartilhar a experiência de um encontro que incluiu seu filho e ao contrapor a rejeição, Lorena se autodefine enquanto uma mulher negra, mãe solo e sujeita de desejo, que não se cristaliza em estigmas sociais. Ela se posiciona ativamente contra a ideia de que a maternagem não pode coexistir com sua vida afetivo-sexual, reforçando que essa abdicação é uma construção social, e não algo inegociável inerente à sua condição.

Enquanto que na segunda, a influenciadora aprofunda essa autodefinição ao apontar o amor enquanto direito que precisa ser tido como vital em sua existência. Ao dizer que mesmo tendo sido traumatizada (“assombrada”), ao ser colocada no lugar de impossibilidade de ser amada pelo fato de ser mãe, pela sua própria prática e pela reivindicação do amor, enquanto

inegociável, ela já rompe com esse imaginário. Aqui, a autodefinição se manifesta como uma reafirmação do amor enquanto elemento constitutivo de sua dignidade em concomitância com as responsabilidades maternas e a presença do seu filho.

Por fim, na legenda do conteúdo audiovisual repostado, a influenciadora assume sua autodefinição e se coloca enquanto sujeita que pode ocupar o lugar de exigir o que é melhor para si, através de uma postura ainda mais direta ao se dirigir aos padrastos. A fala "quer a mãe dos outros mas tem que se lembrar que tem as crias" faz parte de uma autodefinição que estabelece limites claros e tensiona a realidade de se relacionar com uma mãe. É, portanto, uma autodefinição que demanda o reconhecimento da integralidade da mãe negra e de sua família, desafiando a idealização e a conveniência nas relações afetivas e reforçando a inseparabilidade do que constitui a maternagem.

Amor enquanto direito de uma mulher negra que é mãe. Aqui está um movimento de autodefinição presente na narrativa de Lorena. Embora o amor permita a transposição de barreiras do romântico e esteja sendo reivindicado por muitas de nós enquanto possibilidades das mais diversas formas, a influenciadora traz em seu relato não só as dificuldades dessas experiências como também a potência de amar e ser amada desse local: o da Maternagem.

É necessário dizer que apesar dessa investigação não se debruçar a respeito da problemática de que a solidão que está presente na “Maternagem Solo” não pode ser analisada sob a rubrica única e exclusiva da parentalidade, reconheço o peso que o abandono da sociedade que não assina a responsabilidade coletiva da lida com crianças. Quando alguém vê uma criança como impossibilidade, está impondo uma barreira de conhecer e permitir ser conhecido por um outro universo advindo desse ser. Além disso, parece-me óbvia a conclusão de que é plausível que famílias chefiadas por mães sofram com a exclusão de experiências no que tange o amor.

Dentre tantas questões investigadas no contexto das mulheres negras, a intelectual escolhida para compor o aporte teórico deste tópico, Ana Cláudia Lemos Pacheco, dedica muitas das suas escritas de referência a pensar como se estruturam suas relações afetivas levando em consideração a solidão que nos aplaca. Uma das questões centrais presentes em suas pesquisas é a desconstrução das formulações a respeito das afetividades associadas tradicionalmente ao contexto privado:

A complexidade deste tema está em articular afetividade com aspectos raciais e de gênero. Isso acontece porque neste estudo sobre afetividade/solidão entre mulheres negras uma dificuldade encontrada é que tanto para o senso comum como para algumas correntes do pensamento acadêmico, as questões de ordem afetiva/amorosa são concebidas como elementos restritos às escolhas individuais/pessoais. Ou então, classificam tais sentimentos como pertencentes ao

chamado “mundo feminino”. Isto traz alguns problemas analíticos/conceituais, sobretudo, quando se relaciona afetividade com recortes sexuais. Habitou-se a afirmar que problemas sentimentais são problemas de mulheres, ou que as mulheres sofrem mais do que os homens em questões relativas à vida conjugal-afetiva. Com isso associa-se o mundo privado com o mundo feminino, como se um estivesse intrinsecamente ligado ao outro, ou seja, a uma “natureza feminina”. (Pacheco, 2003, p.15)

Contudo, aqui coadunamos, como já mencionado anteriormente, com o movimento de intelectuais como a Pacheco, de revisitar cristalizações categóricas que homogeneizam experiências e não dão conta de especificidades vivenciadas por pessoas negras, por exemplo. Quando se fala de mulheres enquanto responsáveis biológicas pela conformação de afetos, de quais corpos estamos falando? Segundo a Cientista Social,

As escolhas afetivas entre homens, mulheres, brancos, negros, movem no contexto social em que são estruturadas por fatores culturais e históricos. Através da afetividade, pode-se desvendar como determinados códigos culturais expressam diferenças sociais historicamente construídas. Dito de outro modo, acredito que no terreno das experiências afetivas é provável encontrarmos várias formas conjugadas de relações sociais, entre estas, às desigualdades de gênero e raça expressas, também, sob a forma de sentimentos. (Pacheco, 2003, p.18)

Dialogando com as concepções de Pierre Bourdieu (1996), a autora de “Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar”, estabelece uma conexão que informa que as escolhas por uma determinada obra de arte segue a mesma lógica do que leva alguém a escolher outra pessoa para se relacionar afetivamente. Para ela, esses fatores culturais e históricos, se mobilizam e dão compasso ao que chamamos de solidão dessas corpos negras. Em se tratando da nossa sujeita de pesquisa, com o aditivo da maternagem solo.

Dentro dessa perspectiva, parece-me pertinente articular a afetividade a partir das dinâmicas de poder que respaldam quais corpos são autorizadas a experienciar os afetos. Se por um lado, como dito anteriormente, mulheres negras lidam com ausências de possibilidades de vivê-los, na mesma mão, percebemos pelo relato contido na publicação de Lorena, que ao nos tornarmos mães, passamos a ser identificadas enquanto menos dignas ainda dessas afetividades. Nesse caso, a Maternagem acaba nos desqualificando para a construção de relações afetivas e sexuais. A experiência trazida pela jornalista de rejeição se apoia no estigma social que recai sobre mulheres que criam seus filhos sozinhas, enquanto figuras de fracasso por não constituírem um relacionamento nos moldes tradicionais.

As publicações nos permite então pensar, como a estruturação da narrativa impacta, inclusive, na maneira como nos enxergamos enquanto merecedoras ou não de determinadas experiências afetivas. Em seu livro *Amada*, Toni Morrison, articula diálogos entre ex-escravizados dentro de um contexto norte-americano, em meados de 1873, época em que os Estados Unidos começavam a lidar com as feridas da escravidão recém-abolida. Propondo

uma relação com o Romance, Collins (2019, p. 288) trata da relação das pessoas negras com o amor, considerando os efeitos devastadores ocasionados pelo colonialismo ao considerar “que a escravidão inibia sua capacidade de ter um grande amor, fosse pelos filhos, pelos amigos, uns pelos outros, fosse por princípios como a justiça”. Dessa maneira, a autora alude que a libertação do regime escravagista, representaria não apenas livrar-se de senhores autoritários e de trabalhos intermináveis, como também apresentaria possibilidades de amar, em tese.

Em tese. Embora, nossas corpos anunciem movimentos contrários, e é isso que estou defendendo com essa escrita, nenhuma dessas possibilidades afetivas nos são entregues de bom grado pela sociedade. Existem mudanças que decorrem a partir dos contextos históricos que estamos inseridas, que nos forcem a trilhar caminhos ainda mais complexos dentro de nossas inventividades para a experiência do amor.

Portanto, apreende-se, a partir da escrita de Lorena, que há um longo e intenso processo de negociação entre sua subjetividade e as expectativas sobre o papel de “mãe” na sociedade. Aproveito aqui para salientar que ao mencionar a perspectiva de “Mãe” estarei me referindo às experiências de pessoas negras. Logo, não é do lugar de impossibilidade por questões pudicas e morais, afinal, nossos corpos foram construídos socialmente enquanto públicos, sexuais e violáveis, mas sim de uma impossibilidade que marca nossas experiências atravessadas por avenidas de opressões vividas. Dessa maneira como se estrutura a narrativa, envolve uma negociação tênue interna com as expectativas e normas sociais e os desejos pessoais.

O fato é que a identidade dessa mulher que é mãe se choca com as expectativas sociais e culturais sobre o que ela pode ou não ser. No caso de pessoas negras, quais afetividades são permitidas? De todo modo, o movimento de transgressão acontece quando, ao dizer que não procuramos um pai ou outra mãe para as nossas crias, mas que estamos apenas exercendo o direito de sermos amadas, receber um afeto, ter um sexo gostoso, uma companhia que seja um afago, Lorena inscreve sua autodefinição na reivindicação de amar, ser amada e, sim... gozar em paz. Dessa forma, tensiona-se o que hooks irá chamar de subjetividade radical por se tratar de um movimento transgressor, pois

Quando nós mulheres negras nos relacionamos com nossos corpos, nossa sexualidade, de formas que põem o reconhecimento erótico, o desejo, o prazer e a satisfação no centro de nossos esforços para criar uma subjetividade radical da mulher negra, podemos criar representações novas e diferentes de nós como sujeitas sexuais. Para isso, precisamos estar dispostas a transgredir as barreiras da tradição. (hooks, 2019, p.131)

Na mesma via, complemento que as perspectivas de que o uso do Erótico, trazidas por Audre Lorde (1984), a fundamentar uma autonomia enquanto reivindicação de Poder,

Humanidade e de enfrentamento às formas de opressão, são percebidas enquanto componente fundamental em nossas experiências afetivas a partir de mulheres e homens negros, que experienciam sentimentos dos mais profundos. A intelectual aparta as noções de erótico e pornografia como sendo sinônimas a partir das leituras brancocêntricas, oferecendo-nos a visão de que

O erótico é uma medida entre os princípios do nosso senso de ser e o caos de nossos sentimentos mais fortes. É um senso interno de satisfação ao qual, uma vez que o tenhamos vivido, sabemos que podemos almejar. Pois tendo vivido a completude dessa profundidade de sentimento e reconhecendo seu poder, em honra e respeito próprio não podemos exigir menos de nós mesmas (Lorde, 1984, p 54)

Diferentemente na pornografia, que foi construída socialmente a partir da transformação do erótico em mercadoria e explorado pelas instituições sociais como forma de produzir controle e que culmina em reverberações de violências, uma vez que “fomos ensinadas a suspeitar desse recurso, caluniado, insultado e desvalorizado pela sociedade ocidental” (Lorde, 1984, p.53). O que Lorde propõe ao alocar o Erótico enquanto possibilidade de esfarelamento de cristalizações ocidentais a respeito de nossas experiências é a politização dos afetos, sobretudo do amor. Afinal, politizar, requer apará-los em coletividade e não reduzi-los ao âmbito da experiência privada, íntima e pessoal. Sobre isso, Collins alude que “as relações afetivas autodefinidas e publicamente expressas entre mulheres negras – tenham elas expressão sexual ou não – são uma forma de resistência” (2019, p.320).

O fato da influenciadora reivindicar o amor enquanto direito, não só sugere sua existência como reconhece sua potência. Acredita-se que ele é para ela e que portanto é de uma possibilidade que pode ser partilhada coletivamente partindo do poder transformador do amor (hooks, 2021). Assim como Audre Lorde, Lorena Ifè também sustenta sua experiência da afetividade em diálogo com o poder, já que quando “as pessoas rejeitam o mundo oferecido pelas opressões interseccionais, o poder como energia que flui dos diferentes relacionamentos afetivos se torna possível” (Collins, 2019, p. 289).

3.3 JOYCE SALVADOR: @JOYCEKSALVADOR

Eu nunca quis ser famosa, mas sempre quis ser relevante.
(Joyce Salvador, 2022)

Quem acessa o perfil da Joyce, encontrará quantitativamente 12,9 mil seguidores e 483 publicações. Dentre as três influenciadoras, a Joyce é a que mais se dedica à produção de conteúdos voltados para a Maternagem - o que tornou a seleção ainda mais desafiadora. Isso porque, diferentemente da Aline e Lorena, a carioca usa seu perfil para tratar dos mais

diversos atravessamentos atinentes à sua vida enquanto mãe solo de duas crias e, dentro desse universo de produções, precisei selecionar quais falavam diretamente da sua relação com a Maternagem. Contudo, entre as publicações de Joyce, as que não abordam diretamente esse aspecto, irão pontuá-lo, indiretamente, nas entrelinhas. Via de mão dupla, o desafio e também a facilidade, advém da grande quantidade de materiais produzidos pela influenciadora. Outra questão que atravessa seus conteúdos é a presença de fotos e relatos a respeito dos seus filhos. Embora reconheça a potência disso, optei por não analisar as publicações que, de alguma forma, fossem protagonizadas por eles com o intuito de resguardar suas respectivas imagens, ainda que trouxessem elementos pertinentes à pesquisa. Essa decisão surgiu a partir do meu contato com discussões amplamente debatidas no bojo de diálogos de mulheres a respeito do uso de imagem de crianças nas redes sociais. Dentre os pontos refletidos por elas, compreendo que, assim como nas redes sociais, utilizar a imagem de uma criança, ainda que com recursos de omissão dos seus rostos, pode gerar impactos futuros que fogem das intencionalidades desta pesquisa.

Figura 24: Captura do perfil de @joyceksalvador realizado no dia 24 de fevereiro de 2025.

Fonte: *Instagram*



Algo que me marca e é a partir desse lugar que parte a maioria dos seus posicionamentos é o fato de que a Joyce, uma mulher negra da baixada fluminense, defende que não é necessário mudar da periferia, mas, sim, mudar a periferia. E esse pensamento se arrasta para outras espacialidades ocupadas por sua família, como é o caso das escolas de suas crias, pois quando estes se deparam com alguma situação desafiadora, a influenciadora aponta caminhos de resoluções através da construção coletiva de novas possibilidades de existências, no mesmo espaço. Além disso, a predominância de pontuar os desafios da sobrecarga materna presente na maternagem solo e as impossibilidades advindas disso, me encaminham para os conteúdos que serão analisados a seguir, respeitando sua cronologia.

Sendo assim, escolhi para a análise do perfil de Joyce Salvador, uma publicação (Figura 25) feita de 12 de dezembro de 2020, que adotou como principal ferramenta de carrossel com uma série de quatro fotos (Figura 26) legendadas da influenciadora segurando o sexto volume da revista *African Lens*¹⁸ na qual é capa com suas crias. O recurso, que permite que em uma mesma publicação sejam adicionadas até 20 mídias em formatos de fotos ou vídeos simultaneamente, dispõe de quatro fotos da Joyce. Na primeira é possível se perceber a modelo sorridente trajando camisa desabotoada e calça modelo alfaiataria branca, além de um lenço de cetim estampado ornando sua cabeça. Já na segunda, o foco está na revista em suas mãos com o detalhe do decote de fundo. Enquanto na terceira e quarta, temos uma perspectiva maior da fachada da casa cuja estética pode ser percebida pela arquitetura enquanto clássica. Essa performatividade cria uma ambiência na postagem de sofisticação e empoderamento, coadunando com o produto que está apresentado, a revista. Além disso, outra coisa que podemos observar com as imagens é que ela foi produzida fora de um contexto doméstico, e isso contrasta com a maioria das publicações da influenciadora. O ambiente externo deu tom a uma percepção de vida que pode estar para além da Maternagem Solo.

A referida postagem, quantitativamente, conta com 307 curtidas e 86 comentários. Esse dado numérico que está sendo posto aqui a título de composição da análise, não está sendo colocado como crivo de escolha da publicação, como já mencionei no capítulo metodológico. Entre as postagens de Joyce, por exemplo, existem as de maiores interações com seu público, mas são outros conteúdos abordados, a exemplo do *post*¹⁹ sobre um corte de cabelo que faz parte do processo de transição do seu filho Lay.

¹⁸ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CHAhxHHpyOZ/>>, acesso em 11 de fevereiro de 2025.

¹⁹ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/DD25m_pO86F/?igsh=MTgwNWIjeDVqazV5>, acesso em 10 de abril de 2025.

Figura 25: Captura de 1ª publicação analisada no perfil de @joyceksalvador. Fonte: *Instagram*.



Figura 26: Captura de carrossel da publicação de @joyceksalvador. Fonte: *Instagram*.



Como se observa a partir da captura anterior, pensando as interações com o adicional do texto publicado por Joyce, temos insumos suficientes para pensarmos a escrita enquanto processo de autodefinição, dessa mãe solo que reivindica para si possibilidades de existências dentro de suas subjetividades, em concomitância com o (im)possível, sendo mãe solo:

[Onde estão as mães solo?]

Basta dar um Google com as palavras "mães solo" que você encontra algumas listas de mulheres famosas pelo mundo à fora (Madonna, Sandra Bullock, Kristin Davis...) se declarando e falando sobre o tema.

Mas e no Brasil? O IBGE calcula 11,6 milhões desse arranjo familiar!

Só nos últimos 10 anos o Brasil teve um aumento de mais de um milhão de famílias compostas por mães solo; mulheres que chefiam seus lares, que criam seus filhos praticamente e/ ou completamente sozinhas. E eu sempre me pergunto:

Aonde estão as mães solo?

Mas ao mesmo tempo eu penso:

Como vamos estar nas grandes mídias, se somos nós que temos que colocar comida na mesa e depois ainda lavar a louça?! Que horas vamos sonhar, se a privação de sono na maternidade solo não nos deixa dormir?!

Nossa realidade é muito pesada e mal conseguimos resistir, imagina existir... É cobrar muito que estejamos nas "capas das revistas", mas quando a gente estiver por favor nos deixa comemorarmos essas conquistas! [emoji de punho cerrado negro] [emoji de coração] [emoji de símbolo de atenção]. Marca aqui pelo menos uma mãe solo que te inspira, porque eu quero cada vez mais acompanhar de perto essas potências em forma de mulheres! [emoji de símbolo de atenção] #maesolo #maternidadesolo #maternidadereal #vidademaes #mae #maededois #maternidade #maesolteira #maefeminista #maepreta #maternancia #preta #criandocriancaspretas #minhascriaseeu (Legenda de publicação de Joyce Salvador)

Faz muito sentido iniciar essa análise, de fato, considerando que dentre as postagens que falavam de alguma maneira da mesma temática, escolhi esta por considerar importantíssimo um olhar a respeito da invisibilização midiática das mães solo atravessadas pela negritude no lugar de enunciação de suas próprias percepções de mundo. Para uma pesquisa, na área da Comunicação, pensar essa invisibilidade a partir das lentes de uma das nossas Sujeitas é potente e insurgente. A partir do questionamento a respeito de “Onde estão as mães solo?” Joyce faz, portanto, notar as ausências dessas mães nas mães solo nas redes sociais e outros veículos de comunicação, como anseio de serem mais do que mães, ocupando o lugar de mulheres que sonham e expressam seus desejos.

Ao dizer que “basta dar um Google com as palavras "mães solo" que você encontra algumas listas de mulheres famosas[...]”, em tom informal, a influenciadora inicia sua escrita utilizando-se dos recursos de interlocução feitos para se criar uma relação dialógica com quem lê. Além do uso da primeira pessoa do singular ser uma marca de todo o texto e conter uma pessoalidade, o pronome pessoal também é utilizado de maneira estratégica, quando a autora se refere diretamente as seguidoras como “você”, direciona sua fala e nos mostra seus interesse em construir diálogos.

Ao reconhecer que mulheres famosas que se declaram mães solo, como Madonna e Sandra Bullock, e que do lado de cá, embora os dados estatísticos sejam expressivos pouco se reconhece a respeito dessas corpos, a influenciadora tensiona, ainda que indiretamente, debates interseccionalizados que consideram geografias, classes e raça. Além desse trecho, outras reflexões dão o tom de uma escrita interseccional, pois quando ela aponta os cuidados que emergem das tarefas domésticas e para a privação de sono, existe uma referência ao

acesso, ou não, à suportes que permitem a essas mães, por exemplo, dormirem à noite inteira. Nesse sentido, o texto convoca a existência de condições sociais e financeiras específicas que evidenciam a ausência de apoio para a realização das tarefas de cuidados, relacionadas à maternagem. Se refere, assim, a mães que não contam com outras pessoas para desempenharem as atividades domésticas, sem restar tempo para as realizações pessoais.

Uma das marcas que percebo nas escritas de Joyce é o uso de dicotomias para estabelecerem linhas de reflexões possíveis a respeito das experiências maternas. Com a publicação analisada, por exemplo, não seria diferente. A influenciadora reflete sobre a impossibilidade das mães solo ocuparem as grandes mídias, pois estão ocupadas demais com responsabilidades cotidianas de sustentar a família e cuidar dos filhos. A partir da retórica formulada no trecho em que questiona “que horas vamos sonhar, se a privação do sono na maternidade solo não nos deixa dormir?” Joyce nos faz pensar o quanto as subjetividades são processos importantes para a construção das nossas trajetórias, afinal, sonhar é ter perspectivas e a ausência de sonhos é não saber para onde se quer ir. O texto destaca que destituir corpos de suas perspectivas de vida é, portanto, tirar-lhes as projeções de caminhos, condicionando seus movimentos a sobrevivências. Para Martín-Barbero (2009), os sujeitos são moldados pelas condições sociais em que estão inseridos, e, neste caso, a Maternagem Solo se configura como uma experiência de resistência, em que as pessoas devem disputar espaços, enquanto negociam com uma série de tarefas diárias que consomem seu tempo e energia.

A realidade que o texto denuncia evidenciará a quem é possível sonhar dentro de uma sociedade marcada por perspectivas que embasam os fundamentos e práticas de gênero, classe e raça. Viver assoberbadas pelas demandas que a sociedade impõe às mães solo, faz com que não tenhamos condições materiais e simbólicas para nossas próprias realizações. Isso se alinha com a crítica de Martín-Barbero sobre como as estruturas sociais, através da comunicação e dos meios de mídia, muitas vezes marginalizam as experiências de certos grupos, como as mães solo, ao dar prioridade a modelos de mulher que se encaixam em padrões mais convencionais e midiaticamente aceitos.

Além disso, a partir da perspectiva do intelectual, a Comunicação atua como um processo de mediação e negociação dos sentidos. A autora do texto, ao trazer a ausência de corpos na mídia em contraposição com algumas possibilidades, faz perceber que é possível romper com processos de cerceamento a partir do que a sociedade espera de nós, mães solo. Ainda que as ausências sejam um fato, as presenças, quando acontecem, precisam ser celebradas e compreendidas como estruturação de outras ordens possíveis. A Maternagem

Negra solo não pode ser contada, portanto, a partir de uma história uníssona, afinal, ela está permeada por tensões, entre a realização e a limitação, o cuidado das crianças e a impossibilidade de se dedicar a outras oportunidades. A dicotomia entre o cuidado pessoal e o profissional revela o conflito social e cultural sobre o que é exigido de uma mulher que é mãe e o que é possível de ser realizado dentro desse estigma. No início dessa análise, trouxe uma fala de Joyce que expressava justamente essa ambiguidade do que seria uma Mãe. Contudo, embora eu reconheça nossos atravessamentos de dores e alegrias, defendo, com essa escrita, que nossas existências estão para além de maniqueísmos e que corriqueiramente fissuramos cristalizações e construímos entrelugares possíveis.

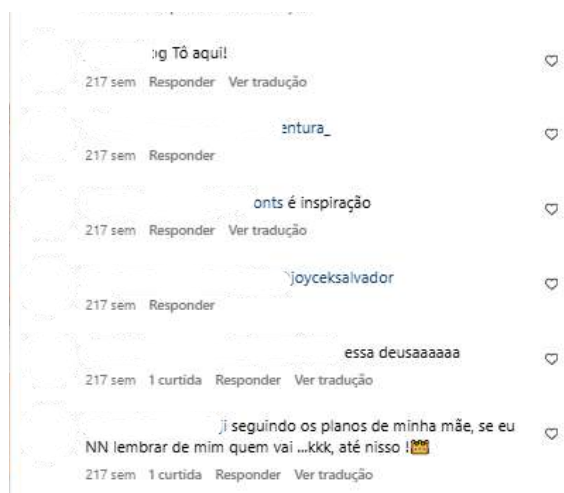
Ao final, o apelo da autora para que as pessoas marquem uma mãe solo que as inspire é uma chamada à ação coletiva e ao reconhecimento mútuo dentro de uma comunidade. Esse apelo pode ser visto como uma tentativa de afirmar a presença e a potência dessas mães solo, evidenciando seus perfis e consequentemente suas narrativas. Nota-se através da comunicação, portanto, que os sujeitos podem criar novas formas de se relacionar com o mundo e com os outros, a partir de uma partilha inserida na busca de visibilidade e reconhecimento.

Algo a ser analisado na postagem da Joyce que nos permite pensar uma criação de sentido se trata do recurso *call action*. Quando a influenciadora convida suas seguidoras para uma articulação coletiva, através no trecho “marca aqui pelo menos uma mãe solo que te inspira, porque eu quero cada vez mais acompanhar de perto essas potências em forma de mulheres”, cria possibilidades, em sua publicação, para narrativas capazes de mobilizar estruturas de poder. Primeiro por dá possibilidade para que outras mães se enunciem enquanto referência, mostrando o caráter coletivo da própria construção de sentidos. Isso porque Joyce sugere que as mães solo não devem ser apenas “vítimas” da sobrecarga que enfrentam, mas protagonistas que inspiram e que podem ser admiradas e celebradas em suas conquistas. Nesse sentido, a chamada à ação vai além do simples reconhecimento, e busca transformar a imagem social que paira sobre a Maternagem Solo.

Quando a autora pede que as pessoas marquem mães solo que as inspiram, ela está sugerindo a criação de um dispositivo coletivo de comunicação, no qual as experiências dessas mulheres são compartilhadas e propulsionadas, em certa medida. Para Martín-Barbero(2009), a comunicação não é apenas individual, mas tem um caráter coletivo e é através da mediação social (como as redes sociais, no caso) que se consegue construir novos sentidos e novas narrativas. Quando partimos para os comentários, percebemos como o estímulo advindo da chamada produz efeitos diversos. Quando suas seguidoras marcam outras

mulheres ou a si mesmas fica claro para nós que a postagem da influenciadora produz efeitos em subjetividades individuais e coletivas (Figura 27), como mostraremos a seguir:

Figura 27: Captura de comentário da 1ª publicação analisada de @joyceksalvador. Fonte *Instagram*.



O movimento de autodefinição acontece aqui quando Joyce, ao final de uma narrativa que trabalha os desafios da sua Maternagem, aponta para a potência que a mesma a coloca. Tomar da palavra e manejar lugares de ocupação, como uma capa de revista com sua família, sugere que é possível pensar e construir um espaço de afirmação e representação que ultrapassa a narrativa da dor. Com isso reflito, que o lugar da Dor promove adequações e articulações outras possíveis. A autora não pede simplesmente para as mães solo se visibilizarem, mas para que se unam e compartilhem suas potências com outras, criando uma rede de identificação e apoio mútuo.

Outro elemento comunicacional que precisamos levar em consideração nessa análise, refere-se às *hashtags* utilizadas: #maesolo #maternidadesolo #maternidadereal #vidademae #mae #maededois #maternidade #maesolteira #maefeminista #maepreta #maternancia #preta #criandocriancaspretas #minhascriaseeu. Essas etiquetas, que funcionam como ferramentas de categorização e organização digital, servem tanto para facilitar a busca por conteúdos específicos quanto para promover a construção de comunidades virtuais a partir de interesses comuns. Além disso, podemos a partir delas tirar algumas observações. A escolha desses elementos em uma publicação, como vimos, não se dá de maneira aleatória. Há intencionalidades que marcam suas seleções. Além de uma forma de categorizar, podemos perceber o quanto a maioria dessas etiquetas possui o caráter de estabelecimento de autodefinição, identidade e que, portanto, marcam um posicionamento da influenciadora. Seja #maesolo #maternidadesolo #mae #maefeminista #maepreta #preta e até mesmo a

#maesolteira (termo este questionado por vezes em seu próprio perfil) ocupa lugar de construção de sentido que perpassa o Eu para o coletivo. Dessa forma, sigo para a análise do 2º material escolhido para a análise deste tópico.

Feita em formato de *post*²⁰ comum (Figura 28), sem fotos e contendo a imagem intitulada “a maternidade me potencializa, mas também me limita”, conta com 502 curtidas e 43 comentários. Ao selecionar fontes e formatos distintos para a composição da imagem, Joyce operacionaliza uma estratégia que faz com que determinadas palavras ocupem um lugar central na leitura de quem lê.

Figura 28: Captura do 2º conteúdo analisado no perfil de @joyceksalvador realizado no dia 16 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



Tanto as palavras “MATERNIDADE” quanto “LIMITA”, escritas em caixa alta e colocadas em relação, denunciam o lugar dos sacrifícios e a interdição na maneira como as configurações sociais cristalizam essas experiências. Em complemento, é possível se perceber que a legenda enuncia o sentimento de impotência de uma mãe que se depara com as nuances de propulsão e interrupção atinentes ao exercício da maternagem:

Tem semanas que eu disse essa frase e compreendi a dimensão dela, mas não consegui propagar a mensagem aqui no feed por demandas extras com as crianças doentes (e até eu). A maternidade e sua dualidade discrepante! 🤔😓 Constantemente me deparo com oportunidades que a maternidade e meu trabalho em prol disso me proporciona, mas ao mesmo tempo é por conta das infinitas demandas maternas que não consigo vivenciar plenamente essas oportunidades. Eu sinto a potência que a maternidade me trouxe, porque só assim pra conseguir encarar de frente duas maternidades solas completamente diferentes. Entretanto eu me sinto limitada o tempo inteiro, única e exclusivamente por ser MÃE. Você já se sentiu assim?

²⁰ Disponível em: </<https://www.instagram.com/p/Cd6hMlnpnNv/>>. Acesso no dia 16 de junho de 2025.

assim? Obrigada por essa arte @deboamari 💖 #maternidade #sobrecargamaterna #mae #maededois #maesolo (Legenda do 2º conteúdo analisado de Joyce Salvador)

Em tom sério e direto, Joyce se utiliza do espaço para desabafar sobre como a própria sobrecarga materna impede que ela desempenhe trabalhos, inclusive o de produzir conteúdos na plataforma. Com isso, ela aciona as contradições vividas por um perfil que produz sobre maternagem, mas que está à mercê das “discrepâncias” da sua experiência.

As *tags* escolhidas por Joyce dão conta de categorizar palavras-chave que identificam o lugar de que parte sua narrativa, bem como o público que ela busca atingir. Como vimos, nas análises anteriores, os reflexos de autodefinição e interseccionalidade se fazem presentes nesses elementos comunicacionais. Além disso, o recurso para estimular a participação das suas seguidoras também se faz presente nesse conteúdo. Não por acaso, Joyce movimenta muitas interações em suas publicações, como podemos observar a seguir (Figura 29):

Figura 29: Captura de comentários da 2ª publicação analisada de @joyceksalvador. Fonte *Instagram*.



De modo a concordar, @marina_artesdigitais, @lika_soalegria e @daianaccsilva, afirmam também passar pelas mesmas questões. É importante para esta pesquisa a compreensão de que o fato de apontar para questões de impossibilidades, dentro de um contexto materno, não é movimento único de autodefinição. Mas sim, é crucial considerar que esse apontamento só acontece por existir em paralelo o desejo por desfrutar de outras dinâmicas que não se encerram no exercício da Maternagem. A autodefinição, portanto, surge da enunciação de descontentamento com o que está posto e com a reivindicação de experienciar outras dinâmicas.

Discorrendo de maneira dicotômica, como já apontei ser uma marca da escritora, apesar de reconhecer a potência de sua dupla maternagem solo, ela elabora a interdição que

impõe limites “o tempo inteiro” apenas pelo fato de ser “MÃE”, escrito em caixa alta denotando alerta para o nome. Acontece que como será possível observar, na publicação, analisada a seguir, os limites não estão cristalizados e a autodefinição de se inconformar com esse lugar de impedimentos, acontece.

A postagem²¹ (Figura 30), em forma de *reels*, feita pela Joyce conta com 321 curtidas e 41 comentários, que, como disse, dentre tantas temáticas abordadas no eixo da Maternagem, aborda as dificuldades de encontrarmos nuances de individualidades e concretizações pessoais dentro da rotina solo materna.

Figura 30: Captura do 3º conteúdo analisado no perfil de @joyceksalvador realizado no dia 16 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



Marcada pela trilha sonora da música de Rico Dalasam “DDGA”, a influenciadora protagoniza cenas de felicidade e reencontros durante o show do rapper:

Você sabe, sempre critiquei quem só fala de saudade
Mas eu tô com tanta saudade
Sobre o alívio?
Se o alívio for um Deus da mesma qualidade do tempo
E eu puder ser seu guardião, ser seu sentinela, eu quero
Só pra saber onde me encontrar no melhor momento
Não falaria de alívio se não tivesse doido tanto
Tanto que eu não pude ser o mesmo ou o mesmo de antes
Você sempre fala isso
Dolores Dala, o Guardião do Alívio
Porque a melhor versão de nós nunca foi na agonia
Na confusão dos ódios, na distração dos brancos
Cuide

²¹Disponível em: </<https://www.instagram.com/p/CfKWuUpOeS/>>. Acesso no dia 16 de junho de 2025.

Você é parte da minha parte viva, ô
E a gente ainda é a parte viva do mundo
Viu, safada?

(Trilha sonora do conteúdo analisado. DDGA - Rico Dalasam)

As cenas contidas no *reels* anunciam a saudade, sentimento registrado na trilha sonora, na mesma profundidade em que acionam os reencontros. E essa percepção, por vezes saudosista, se refere ao anseio de voltar para si, podendo estar em relação com seu íntimo, com suas potências e com suas subjetividades. Bem vestida, maquiada e sorridente durante um show do artista, a influenciadora desfruta de um momento de negociação com a exaustiva dinâmica da Maternagem Solo, ao lado de amigos. Na composição do conteúdo (Figura 31) existem fotos e vídeos do evento, em que ora aparece a influenciadora sozinha, o artista e ela acompanhada com outras pessoas, incluindo Dalasam.

Figura 31: Capturas de cenas do 3º conteúdo analisado no perfil de @joyceksalvador realizadas no dia 16 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*.



Achei por bem colocá-la, por compreender que além das impossibilidades serem elementos reiterados em suas publicações, ela nos oferece o olhar de respiro dessa mãe que sente falta das dessas possibilidades e se revigora ao ser e fazer algo mais que a Maternagem, como ratifica em sua legenda:

Ontem eu ganhei uma vale *night* e fui curtir o show do @ricodallasam no @parque_de_ideias . Depois ainda teve um evento no Galpão Dama onde foi a abertura da instalação "O ARCO DE 5 FLEXAS DO GUARDIÃO DO ALÍVIO" do rapper em parceria com @portalcicloarte .

A noite foi incrível e eu amei estar e me perceber em outros ambientes, sendo a Joyce em primeira pessoa (e não "só" a mãe da Ágatha²² e do Akim). 🥰💖
Obrigada pelos registros @oprahdbxdof e @geisanj.produtores cês fazem TUDO.

...

²² Embora o nome "Ágatha" tenha sido preservado na transcrição da publicação original para manter a fidelidade ao material analisado, esta pesquisa reconhece e respeita a transição de nome e identidade do filho de Joyce Salvador para Lay.

#valenight #ricodallasam #ddga

Em tom informal, a criadora de conteúdo inicia sua fala com uma brincadeira por ter ganhado um “vale *night*”, expressão usada para se referir a saídas de lazer à noite a partir de alguma relação de responsabilidade, como é o caso da Maternagem. O ponto central da narrativa da Joyce se consolida na frase: “a noite foi incrível e eu amei estar e me perceber em outros ambientes, sendo a Joyce em primeira pessoa (e não ‘só’ a mãe da Ágatha e do Akim)”. Ao reivindicar sua identidade individual, afirmando que ela existe e merece ser vivida para além do papel materno Joyce aciona a autodefinição presente no pensamento central de Collins (2019).

Diferentemente das outras postagens analisadas, em que as *tags* ocupavam lugar central de autodefinição, é possível se observar que as escolhas por “#valenight, #ricodallasam e #ddga”, não se articulam no encontro com os aspectos da maternagem solo diretamente. Além disso, ainda que a postagem também não conte com recurso de chamada de ação, é possível perceber que gerou impactos coletivos a partir das respostas (Figura 32) de suas seguidoras justamente por sua corporeidade ocupar esse lugar de provocações e estímulos:

Figura 32: Capturas de comentários do 3º conteúdo analisado no perfil de @joyceksalvador realizadas no dia 16 de junho de 2025. Fonte: *Instagram*



Assim como nas publicações analisadas nos perfis da Aline e Lorena, comentários como esses comprovam que a narrativa de Joyce sobre o direito ao lazer e à vida individual ecoa como um desejo coletivo entre as mães. Seja através da devolutiva de felicidade e contemplação pelo estado de espírito anunciado pela influenciadora em seu conteúdo, ou pela articulação de um desejo próprio de também se viver o reencontro, essas narrativas reforçam os impactos coletivos do movimento de autodefinição proposto pela carioca. A partir dessa análise, seguirei para a apresentação do próximo material que respaldará nossa investigação.

3.4 A INTERSECÇÃO: ENTRE O PRAZER E A IMPOSSIBILIDADE

Por outro lado, a maternidade pode ser um espaço no qual as mulheres negras se expressam e descobrem o poder da autodefinição, a importância de valorizar e respeitar a si mesmas, a necessidade de autonomia e independência, assim como a crença no empoderamento da mulher negra (Collins, 2019 p.296).

Cada Sujeita trouxe para essa pesquisa particularidades de vivências que são atravessadas por relações que estruturam as dinâmicas sociais das maternagens negras, de maneiras aproximadas. Afinal seja através das experiências da @maecrespa, @lorenaife ou @joyceksalvador, é possível se perceber que nesse processo de marginalização do povo negro, imposto pelas práticas discriminatórias de uma sociedade marcada por uma estrutura com nuances escravagistas, nos fora relegada a “condição de setor mais oprimido e explorado da população brasileira” (Gonzalez, 2020, p.174) que irá respingar em nossas marcas afetivas. Isso porque, como alinhavado anteriormente, os afetos aqui são apreendidos como elementos constitutivos das elaborações coletivas e não puramente individuais. Dessa maneira, consideramos que

A maternidade negra como instituição é ao mesmo tempo dinâmica e dialética. As tensões que vemos hoje são resultado, de um lado, dos esforços para moldar a maternidade negra em benefício de opressões interseccionais de raça, gênero, classe, sexualidade e nação e, de outro, dos esforços das afro-americanas para definir e valorizar suas próprias experiências com a maternidade (Collins, 2019, p.333)

Contudo o que observamos ao pensar a interseccionalidade em relação ao movimento de autodefinição trazido por elas é que, ainda que em condições de insalubridade e notórios abandonos, pessoas negras que maternam continuam a reivindicar para o coletivo, o compromisso de manutenção da vida com nossas comunidades, pois, assim como no período colonial, elas a partir das contribuições morais, materiais e psicológicas, de tudo fazem para dar conta de amparar material, psicológica e espiritualmente suas famílias, e

Com isso, mantiveram viva a chama dos valores culturais afro-brasileiros, que transmitiram a seus descendentes. E nisso também influenciaram mulheres e homens brancos, a quem aleitaram e educaram. Graças a elas, apesar de todo o racismo vigente, os brasileiros falam “pretuguês” (o português africanizado) e só conseguem afirmar como nacional justamente aquilo que o negro produziu em termos de cultura: o samba, a feijoada, a descontração, a ginga ou jogo de cintura etc. É por essa razão que as “mães” e as “tias” são tão respeitadas dentro da comunidade negra, apesar de todos os pesares. (Gonzalez, 2020, p.184)

Rejeitar as cristalizações através dos movimentos de Autodefinição é, justamente, contrapor as percepções incutidas em nossa sociedade de corpos que operacionalizam castrações, quando são empurradas para o mercado de trabalho a duras penas, para dar conta da sobrevivência das suas famílias e que não (podem) performam submissão, dependência e

“feminilidade” (Collins, 2019). Muitas mulheres negras são o único sustento dos seus pares e os debates presentes nas postagens mostram que sistematizá-las enquanto matriarcas, *mammy* e outras Imagens, abala sua autoconfiança e sua saúde para enfrentar as opressões que atravessam suas corporeidades.

Essa dimensão das nossas experiências é catalisadora para o tensionamento de que a Maternagem é sim compreendida e faz parte de nossas territorialidades, ainda que historicamente nos sejam negados os direitos de vivê-la gozando com saúde. Contudo, é nessa dimensão que também encontramos fluxos que desembocam em nossas sobrevivências, já que representamos essas figuras “para a qual se dá uma colher de chá é quem vai dar a rasteira na raça dominante” (Gonzalez, 2020, p.77). Contudo, há de se considerar a complexidade que surge a partir dessa instituição. Afinal, ela “consiste em uma série de relações constantemente renegociadas” (Collins, 2019, p.295).

Ao compreender que a maternagem (“*mothering*”) passa por alterações de sentidos a partir de como é experienciada pelas mulheres negras, em seus respectivos contextos, a pesquisadora norte-americana valida sua complexidade afetiva. Isso significa dizer que a maneira como nos deparamos com a Maternidade, nos moldes apresentados hoje, é fruto de tensões por um lado estabelecidas a partir de um interesse em conformar as experiências maternas a favor das opressões interseccionais e por outro do esforço coletivo em definir e valorizar suas respectivas experiências (Collins, 2019, p.296). A partir desse entendimento, compreendemos que

algumas mulheres veem a maternidade como um fardo que sufoca sua criatividade, explora seu trabalho e as torna cúmplices de sua própria opressão, para outras a maternidade “funciona como catalisadora para seu movimento de autodefinição, autovalorização e empoderamento individual”. (Collins, 2019, p.296)

Nesse sentido, apesar de serem sempre as responsáveis pela manutenção cultural, social e econômica, na sociedade brasileira, dentro desse lugar de potência, há de se reconhecer as presenças de limitações, como menciona Joyce, na epígrafe²³ mencionada ao início do nosso tópico.

A relacionalidade que precisamos propor aqui para avançar é com a humanidade que precede qualquer outra subjetividade que implique em nossa interação com os cuidados de outra pessoa. Reconhecer-se enquanto corpos que podem performar outras experiências em concomitância com a Maternagem é o ponto chave para uma pesquisa que se questiona sobre como influenciadoras negras estão inscrevendo suas autodefinições no *Instagram*.

²³ Publicação disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cd6hMlnpnNv/>>. Acesso em 15 de fevereiro de 2025.

Parafraseando e, conseqüentemente, concordando com a cantora do recôncavo baiano Sued Nunes, “a gente também é terra de povoar”. E com isso, quero dizer que nossas territorialidades não se iniciam e tampouco se encerram em caixas de expectativas ocidentalizadas, embora por vezes performemos essas andanças, pois assim fomos/somos socializadas. Paradoxalmente, me atrevo a dizer que apesar da Maternagem ser Solo, não somos sozinhas e isso se apoia numa ancestralidade reivindicada. E se carregamos em nós tantas andanças de “passos de longe”. como diz Jurema Werneck, carregamos também, muitos anseios, que são sobre nós, mas que também pode ser sobre tantas outras que trazemos.

Em um texto publicado por mim, no @mainhacademica, no dia das mães de 2024, escrevi sobre a dor e a delícia que é poder me priorizar em muitos momentos

O maior desafio do meu processo de maternar tem sido me priorizar, compreendendo que todas as escolhas que me colocam em primeiro plano, refletem na minha relação com ela. "Ah, Carla! Então, sua filha não é sua prioridade?" Claro que minha filha é meu coração. E por isso todas as vezes que percebi meu coração sendo adoecido por pessoas, me escolhi. Me afastei. E é por isso que em todas as possibilidades de me curar, me agarro como se fosse minha linha do horizonte. Minha filha, é sim meu coração. E vou cuidar da sua fluidez através do amor contido em cada escolha que eu fizer. Osun e Oyá nos ensinam que maternar exige um tanto esperteza, amor e fúria e Audre Lorde nos lembra dos perigos de nos perdermos nos medos ao invés de usarmos a raiva como forma poderosa de comunicação e transformação social. Minha maternidade é corajosa pois valido meus afetos e colaboro com a humanização da minha caminhada. Quem me ensinou tudo isso antes da academia foram minhas mais velhas: minha mãe, mainha (a minha avó materna) e Vovó Carminha (avó paterna). Quem não me deixa esquecer, é minha mais nova, Aisha. Feliz dia das mães para nós, pessoas furiosas pela vida, pela dignidade, pela saúde, pela prosperidade e pelo amor!

Como disse, na publicação, pensar em nós sob o prisma da humanidade implica num movimento de cura por tensionar e reivindicar a rubrica de quais corpas são de fato, autorizadas a sentir necessidades e vivê-las. Além disso, em algum grau, nós conseguimos rasurar e propor rompimentos, através das nossas inscrições de mundo. Através das validações dos nossos afetos e colaboramos com a humanização da nossa caminhada, pois estamos chamando para nós a responsabilidade de sentir e enunciar isso. E é dentro dessa dimensão do que pensamos, que elaboramos que, sim, podemos querer fazer atividades físicas, terapia, ter visibilidade pública em meios de comunicação, e estar à disposição pro amor, seja ele sobre nós e quem quer que seja em qualquer que seja o modelo.

Dessa maneira, a malha comum está nas disputas de enfrentar impossibilidades tensionadas socialmente, através das seguintes questões: a) enquanto pessoas negras, serem Mães de suas crias, não só responsáveis pelos cuidados principais que a Maternagem solo, por vezes aciona, mas também no lugar de reivindicar todas as questões atinentes ao ser mãe, produzindo, portanto, narrativas que as reconhecem como tal considerando toda a potência

que parte disso; b) em posicionarem as necessidades de viverem suas subjetividades, dentro de uma sociedade que desumaniza e também ensina que mulheres negras não podem ter desejos e aspirações, fora dos estigmas que beneficiam a branquitude; c) de serem interlocutoras que operam numa construção que denuncia como as próprias dinâmicas do Maternar impactam nas limitações de aspectos importantes para as suas respectivas existências (como dormir, treinar e gozar).

Portanto, é através dessas articulações que as influenciadoras confrontam suas identidades e contribuem com a produção de sentidos outros sobre as Negritudes, Maternagens Solo e Mulheridades em relação. A autodefinição torna-se esse importante movimento desestabilizador que colabora com novas possibilidades do que podemos ser coletivamente. Nos casos, tanto de Aline Barbosa, como a Lorena Ifê e a Joyce Salvador, nota-se a atuação de modo a alavancar e mobilizar existências de outras mães que compartilham de experiências próximas, impactando a maneira como se percebem e se inscrevem no mundo. Essas inscrições, a partir do *Instagram*, colabora com esse lugar de potencialização de temporalidades para essa pesquisa, pois, em diálogo com Barbero (2009) a respeito de corpos “desprezados” por uma hegemonia excludente, também acredito que

agora elas entram como cultura pela internet e se juntam no hipertexto. Pela primeira vez, começam ser reconhecidas em termos de informação e nossos países são de uma grande riqueza nisso. Como disse Manuel Castells, o computador acabou com os dois lados separados do cérebro: o lado da razão, da argumentação, e o lado da paixão, da imaginação, que agora estão juntos. A maioria no mundo sobrevive com base na imaginação social, como disse Appadurai. A imaginação não é mais um poder dos poetas e dos artistas. As pessoas comuns sobrevivem física e culturalmente graças à criatividade, à imaginação. Então, visto às novas tecnologias enquanto permitem uma apropriação que, por sua vez, permitem a hibridação, a mestiçagem das culturas cotidianas da maioria com o que era a cultura da pequena elite que tinha a escritura. (Martín-Barbero, 2009, n.p)

Dessa forma, em consonância com as reflexões do autor, a emergência das narrativas a respeito das maternagens negras no ambiente digital representa um marco significativo na contestação de corpos historicamente silenciadas por uma hegemonia excludente. Pode-se observar que nesse espaço de inscrição, os afetos se unem em relatos de experiências que não apenas denunciam as desigualdades estruturais, mas também expressam a potência e a complexidade das nossas experiências maternas. Sendo assim, as criadoras de conteúdo, de diferentes maneiras, expressam a necessidade de serem percebidas enquanto sujeitas multifacetadas que reconhecem suas respectivas maternagens enquanto componente importante em seus respectivos caminhos mas que em concomitância, partilham de anseios, para além dela.

Percebe-se, portanto, a Aline Barbosa ao reivindicar a possibilidade de uma mãe "viver sua vida além da maternidade", tendo sonhos e vontades individuais, enlaça uma crítica sólida à sociedade que não aceita uma mulher negra que materna tendo como prisma o seu autocuidado. Enquanto que Lorena Ifê aponta para o amor e desejo como partes constitutivas fundamentais do bem viver e que, portanto, não pode ser visto com inseparabilidade dentro de uma contexto da maternagem negra. Já Joyce Salvador, ao criticar a ausência de mães solo negras em determinados espaços de construções públicas, aponta para a ambiguidade presente nessa dimensão de quem ao mesmo tempo que alavanca serve como elemento que paralisa. Essa busca por individualidades desafia a visão estigmatizada que atravessa as experiências de pessoas negras e cristaliza suas possibilidades.

A autodefinição oferece a liga que permite que as sujeitas definam suas próprias realidades, nomeiem suas experiências e controlem as narrativas sobre si mesmas. Ao se apropriarem da palavra para descrever suas realidades, nomear suas experiências e nomearem anunciarem seus desejos, elas exercem sua capacidade de autodefinição, desafiando as narrativas dominantes e construindo novas formas de compreensão sobre as complexas experiências de maternidades solo e negras.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação busquei compreender de que maneira mulheres negras estão autodefinindo suas maternagens solo no *Instagram*. As reflexões que apresento a seguir têm como intenção retomar os principais achados dessa trajetória investigativa, destacando como as experiências analisadas tensionam estigmas hegemônicos e ampliam a construção das perspectivas de ser mãe solo negra, por meio da comunicação produzida nas mídias digitais.

Partindo da compreensão de que escolher uma abordagem neutra para a observação do fenômeno estudado não ofereceria os elementos necessários para uma investigação com atravessamentos afetivos, optei por uma abordagem metodológica e analítica interseccional através da articulação dos conceitos de intelectuais negras como Lélia Gonzalez (2020), Carla Akotirene(2019), Kimberlé Crenshaw(1991) e Patricia Hill Collins (2019, 2020). Dessa maneira, em uma dinâmica de pesquisa comprometida com a presença e validação dos afetos advindos das experiências de nossas sujeitas, pude construir também a partir da minha experiência enquanto mulher negra, pesquisadora e usuária ativa da rede, possibilidades de análises e coletas através do perfil @mainhacademica.

Nesse processo de observação, selecionei três perfis de mulheres negras e mães solo de distintas regiões do país, buscando pistas que pudessem fazer emergir de suas experiências especificidades no que tange aos territórios ocupados por elas. Contudo, não foi possível identificar sob o prisma das principais temáticas em comum dentre seus perfis elementos que me levassem a apontar as territorialidades como ponto afetivo fulcral. No entanto, através dessas análises, notei que as três tocam em pontos parecidos, ainda que abordem temas distintos. Seja a partir das publicações de Aline Barbosa (@maecrespa), Lorena Ifé (@lorenaife) ou Joyce Salvador (@joyceksalvador), é possível perceber o desconforto de se depararem com as impossibilidades construídas no pensamento social em circulação, no que tange às vivências de suas subjetividades em conciliação com as maternagens por elas desenvolvidas.

Dessa forma, pude perceber que as influenciadoras não apenas tensionam as narrativas tradicionais sobre a maternagem, mas perfuram cristalizações estigmatizantes a partir de processos contínuos de autodefinição. Além disso, as criadoras de conteúdos analisadas não representam um modelo homogêneo de maternagem negra, mas apontam para a pluralidade e potência dessas experiências, que se desdobram em diferentes estratégias de atuação em seus perfis. A hipótese inicial, de que essas mães construía, por meio de suas produções,

movimentos de autodefinição, foi confirmada ao longo do trabalho, uma vez que a autodefinição assume, nesta pesquisa, a movimentação de questionar “ não apenas o que tem sido dito sobre mulheres negras, mas também a credibilidade e as intenções daqueles que detêm o poder de definir” (Collins, 2019, p. 103). É, portanto, através dela que Aline, Lorena e Joyce tensionam os lugares previamente estabelecidos para mães solo negras na sociedade brasileira, como foi possível se verificar a partir de uma das falas da Mãe Crespa de que “a maternidade não é um ponto final na nossa vida, mas sim uma vírgula”, da Lorena Ifê ao dizer que “merece viver afetos alegres sendo mãe” ou com o feliz encontro da Joyce Salvador com sua “1ª pessoa”.

Em suma, de maneira geral, identifiquei nas produções da Aline, Lorena e Joyce que enfrentar narrativas de abandono e impossibilidades é rubricar suas próprias histórias, considerando que essa construção é fruto de empenhos coletivos que são ali partilhados entre elas e suas seguidoras. Seja sobre autocuidado, amores, subjetividades, reivindicados por Aline, Lorena e Joyce respectivamente, é possível perceber que as maternagens demonstradas em seus respectivos perfis, em trechos como “a maternidade solo não me impede da possibilidade e do direito de ser amada” escrito por Ifê, apesar de reconhecerem suas limitações, não se encerram em suas impossibilidades. Ou seja, apesar de desafiadora, existem frestas que iluminam possibilidades de existências.

E são essas possibilidades de existências que atravessam intimamente muitos dos momentos da minha vida. Afinal, as narrativas construídas por essas criadoras de conteúdos não estão distantes da vida cotidiana: elas dialogam diretamente com os imaginários sociais, que contribuem para a falta de perspectivas que faz parte das vidas de tantas mães solo.

Comumente, amigas que não são mães me perguntam sobre a minha experiência a respeito da maternagem, na expectativa, talvez, de um encorajamento. Quando elas falam de suas expectativas, de cara, me dizem que para ter um filho, precisam antes escolher bem o pai ou mãe da criança. Isso é duplamente complicado: primeiro porque operam nos entendimentos de que mães solo, que experienciam violências por parte dos genitores, são as responsáveis por suas “péssimas escolhas” ao mesmo tempo que chamam para si um poder utópico, pois dentre as coisas que aprendi com mainha é que “coração dos outros é terra que ninguém anda”.

Então, eu, sempre com muito receio de parecer “mal amada” e malevolente, digo de maneira objetiva ou não, para se prepararem para a possibilidade de serem mães solo. Não é impondo que seja uma questão iminente, mas o susto ajuda na compreensão que desenvolvo, em seguida, de que não há como sabermos se a escolha será a melhor. É uma loteria. Conheço

muitas histórias de casamentos felizes se desfazendo assim que os homens perceberam que não poderiam mais ser o centro da vida de suas companheiras e que nesse lugar estaria uma criança. Tive contato com tantas outras de companheiros que induziram suas companheiras a terem filhos sob a narrativa de ser o grande sonho de suas vidas e abandonarem nos primeiros meses de gestação. Nada está dado quando se trata de pensar quem dividirá conosco o árduo caminho de colaborar com a existência de uma outra pessoa.

Da mesma forma, aponto que é impossível dizer que será a melhor experiência que elas poderão usufruir e recomendo fazerem o que está dentro de seus anseios pessoais. Pois se por um lado, maternar tem sido minha inscrição mais bonita no mundo, ela também, em muitos momentos me lembra que “filho é da mãe” e a aldeia que tanto sonhamos, ainda é difícil de se materializar em muitos contextos. E é essa distância de dividirmos as andanças com pessoas que contribuem com nosso bem estar, entendendo que nossa saúde irá colaborar com o vigor de nossas crias, que faz com que, mães solo, experienciem em muitos momentos impossibilidades de dinâmicas básicas de existências.

Sendo assim, essa pesquisa é sobre muitas coisas, assim como não é sobre tantas outras. Mas de tudo o que eu desejo que ela seja, a percepção de continuidade é a que mais me vem nos sentidos. Talvez daí meu apreço pela linha da Memória. A gente já entendeu que elas em suas andanças marcam inscrições de mundo que impactam o coletivo. Mas eu realmente espero que o reconhecimento de suas potências, a partir dos afetos de uma também corpa negra que materna, nos permita compassos de continuidades. Para as nossas crias? Para outras mães? Para outras crias? Também. Mas sem dúvidas para as que vieram antes de nós. Nossas continuidades não cabem em futuros de cronologias ocidentais. Pois se de acordo provérbio iorubá, “Esù matou um pássaro ontem, com a pedra que só jogou hoje”, nossas corpas também impactam outros tempos.

Pesquisa e esperança. Marín-Barbero (2009) refletiu, de fato, sobre algo(s) que marcou minha percepção de pesquisa. Quando me comprometo a escrever sobre afetos nos quais eu também estou imersa, chamo a responsabilidade para o que me movimenta. Isso implica, de repente, quase sempre, em processos de introspecção que por vezes fazem doer. Contudo, se por um lado Collins (2020) assume a Justiça Social enquanto elemento imprescindível para uma práxis interseccional, na mesma mão, quando o intelectual me lembra das brechas para os esperançosos, me faz refletir sobre como dentre impossibilidades, movimentos possíveis são feitos, a exemplo da tomada da palavra para reconfigurações de sentidos que impactam no coletivo. Assim como Martín-Barbero (2009), se refere à esperança enquanto mola propulsora da escrita, coaduno com Sodré (2019) quando se diz um pessimista

ativo por ter fé. A autodefinição dessas mães é esse lugar de potencialização de temporalidades para essa pesquisa, pois, em diálogo com Martín-Barbero (2009) a respeito de corpos “desprezados” por uma hegemonia excludente, também acredito que “pessoas comuns sobrevivem física e culturalmente graças à criatividade, à imaginação” (Martín-Barbero, 2009, n.p).

Por isso, não há dúvidas de que a inventividade ganha corpo nas produções dessas influenciadoras e em suas interações com seu público. Contudo, das limitações presentes nessa pesquisa, aponto como possibilidades de caminhos futuros, os desdobramentos dessa segunda dimensão. Pois foi enquanto seguidora e mãe, que me mobilizei em suas narrativas e pude me identificar de maneira afetiva e prática com cada caminhada proposta por elas. É então, enquanto irmã de trajeto, embora estejamos, por vezes, em lugares de partilha diferentes, que me engajo academicamente e reconheço que ao ocuparem esses lugares de interlocução, em primeira pessoa, sobre nossas experiências, elas estão gerando impacto coletivo dentro de um contexto disruptivo para pessoas como eu.

Dessa maneira, se por um lado a Autodefinição se constrói no enfrentamento de imagens estereotipadas, externamente definidas da condição feminina afro-americana, está presente nesse tensionamento o que Collins (2016) irá chamar de *self-valuation*, traduzida para Autoavaliação que enfatiza o conteúdo específico das autodefinições das mulheres negras, substituindo essas imagens por outras possibilidades de representações capazes de contrapor normas hegemonicamente cristalizadas. Mas, como disse no parágrafo anterior, pensar essa dimensão de reflexão de conteúdo presente na autodefinição ficará como um convite para uma próxima escrita, capaz de dar conta de um aspecto tão potente como o do reconhecimento coletivo entre influenciadoras e seguidoras de suas respectivas humanidades. Até lá, que possamos continuar a mergulhar em epistemologias de Mães Negras compreendendo que é de responsabilidade coletiva a manutenção do nosso bem viver.

Através das partilhas de Aline Barbosa, Lorena Ifé e Joyce Salvador, pude acompanhar formas de existências que se constroem entre o cuidado de si, a coletividade e o desejo de dizer o mundo a partir de suas próprias palavras. Oxum nos ensina, que o espelho é tecnologia ancestral, que ao mirar para si, mais do que se priorizar, ela usa de seus reflexos para compreender o seu entorno. Seria assim uma estratégia de autocuidado? Para mulheres negras, nada é de cunho individual. Quando sugerimos o cuidado conosco, estamos, assim como Oxum, compreendendo os impactos que isso gera à nossa volta. Segundo *itan* iorubá, quando a Yalodè “banha suas joias antes de lavar seus filhos” ela nos ensina que a maior estratégia de preservação de futuros possíveis, precisa partir dos cuidados com a

ancestralidade que nós representamos. Nossa maior prova de amor às nossas crias é não aceitarmos com passividade nossa aniquilação material e simbólica. E isso, nós fazemos com excelência quando nos cuidamos para, então, cuidarmos delas.

REFERÊNCIAS

#61 A solidão tem cor. Meteora Podcast, 2 de fevereiro de 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/5dAlx21x6jUUKWPFZsA8wV>. Acesso em: 18 de fevereiro de 2025.

AKOTIRENE, Carla. O que é interseccionalidade? Coordenação de Djamila. Ribeiro. Belo Horizonte: Letramento, 2018

ALMEIDA, S. Mileia. Maternidades subalternas ser ou não ser mãe nas epistemologias decoloniais e do feminismo negro. Em tese Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, Belo Horizonte, v. 19 n. 1 p.88-107: Dossiê: Horizontes do "pós-colonial", 2022.

Aza Njeri. MATERNIDADE OU MATERNAGEM? AFROPAPO COM THAÍS FERREIRA. YouTube, 1 de mar. de 2020. Disponível em: https://youtu.be/IEacCn8Us2Y?si=fEZUdk_12YJOEfV0. Acesso em: 25 de outubro de 2024.

BADINTER, Elisabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BORGES GALVÃO, L. MÃE SOLTEIRA NÃO. MÃE SOLO! CONSIDERAÇÕES SOBRE MATERNIDADE, CONJUGALIDADE E SOBRECARGA FEMININA. Revista Direito e Sexualidade, Salvador, v. 1, n. 1, 2023. DOI: 10.9771/revdirsex.v1i1.36872. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revdirsex/article/view/36872>. Acesso em: 14 jul. 2024.

BAGESTON, Álvaro Albino da Silva; ARAÚJO, Jeferson Santos. REFLEXÕES SOBRE A PATERNIDADE NEGRA: MASCULINIDADES E SUAS CONSTRUÇÕES DO HOMEM COMO PAI. GAVAGAI: REVISTA INTERDISCIPLINAR DE HUMANIDADES, v. 10, p. 62-74, 2023.

BARROS, Zelinda. Feminismo Negro e Internet. 2009. Disponível em: https://www.academia.edu/1497162/Feminismo_negro_na_Internet. Acesso em: 01 de março de 2025.

BARROS, Zelinda dos Santos; FONSECA, YURI CRISOSTOMO; UALI, Dauda. Brecha Digital de Gênero e Raça na pesquisa sobre tecnologias digitais de informação e comunicação. ODEERE, v. 7, p. 203-216, 2022.

BRAGA, Adriana. Maternidades digitais: identidade, classe e gênero nas redes sociais. In: OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de; MENDONÇA, Maria Collier de. Maternidade nas mídias. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2021. p. 17-40.

Brignol, L. D. Tecnicidades e Identidades Migrantes nos Usos Sociais das Mídias: Uma Aproximação à Diáspora Senegalesa no Sul do Brasil, 2021.

BUENO, Winnie. Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. /Winnie Bueno. Porto Alegre, RS: Zouk, 2020

CARDINALLI, I. et al.. Constelações afetivas: cotidiano, atividades humanas, relações sociais e Terapia Ocupacional entrelaçados à cosmovisão Krenak. Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v. 25, p. e210262, 2021.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org). Pensamento feminista - conceitos fundamentais, Rio de Janeiro, Bazar do tempo, 2019. p. 325-333.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. Estudos Avançados, São Paulo, n. 17, p. 117-132, 2004.

CARVALHO, C. S. de. O “bicho-mãe” no ciberespaço: gênero e maternidade no blog Mamíferas. 2012. 112 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia e Arqueologia). Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2012.

COIMBRA, I. NARRATIVAS DO PARIR: Os sentidos das escritas de si e dos vídeos de partos instagramáveis. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2023.

COLLIER DE MENDONÇA, Maria . Maternidade e maternagem: os assuntos pendentes do feminismo. REVISTA ARTEMIS , v. 31, p. 56-72, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. Interseccionalidade. Tradução de Rane Souza. São Paulo: Editora Boitempo, 2020.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. Sociedade e Estado, Brasília, v. 31, n. 1, p. 99-127, 2016a. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/se/a/MZ8tzzsGrvmFTKFqr6GLVMn/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 25 jul. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. Pensamento Feminista Negro: Conhecimento, Consciência e a Política do Empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

CRENSHAW, Kimberlé W. *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics and Violence against Women of Color. Stanford Law Review*, v. 43, 1991.

CRENSHAW, Kimberlé. *Intersectionality and the discrimination of race and gender. 1991*. Disponível em: <https://edisiplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2295749&forceview=1>. Acesso em: 19 jan. 2025.

CRENSHAW, Kimberlé W. *Demarginalizing the intersection of race and sex: a black feminist critique of antidiscrimination doctrine, feminist theory and antiracist politics. 1989*. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em: 22 jan. 2025.

DAVIS, Ângela. Mulheres, raça e classe. Tradução de Heci Regina Candiani. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2016

DELEUZE, Gilles. Espinosa: Filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

ESPINOZA, Baruch. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

EVARISTO, C. Da representação à auto-apresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira. Palmares: Cultura Afro-Brasileira, Brasília, n. 1, p. 52-57, 2005. Disponível em:

<https://www.palmares.gov.br/wp-content/uploads/2011/02/revista01.pdf>. Acesso em: 17 nov. 2023.

EVARISTO, Conceição. Olhos D'água. Rio de Janeiro: Pallas, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.

EVARISTO, Conceição. Poemas da recordação e outros movimentos. 3.ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.

FERNANDES, Nathaly Cristina. Mulheres negras e o espaço virtual: novas possibilidades de atuações e resistência. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, Curitiba, v. 13, n. 40, p. 102–116, 2019. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt/article/view/9795>. Acesso em: 26 jun. 2025.

FIGUEIREDO, Ângela. Perspectivas e contribuições das organizações de mulheres negras e feministas negras contra o racismo e o sexismo na sociedade brasileira. *REVISTA DIREITO E PRÁXIS*, v. 9, p. 1080-1099, 2018.

FIGUEIREDO SOUZA, Ana Luiza; POLIVANOV, Beatriz. “Ninguém fala do lado assustador de ser mãe: testemunho no Facebook enquanto ruptura de performances idealizadas da maternidade”. *Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos* [online], São Leopoldo, v. 21, n. 1, p. 41-50, jan./abr. 2019. Disponível em <http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/fem.2019.211.05>. DOI: 10.4013/fem.2019.211.05. Acesso em 05/02/2025.

FREITAS, C. K. O Imperativo da #felicidade na Plataforma de Rede Social Instagram. 2017. Dissertação (Mestrado em Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemp.) - Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas (UFBA).

GONZALEZ, Lélia. 2020. Por um Feminismo Afro-Latino-Americano: Ensaaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar. 375 pp.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. *Tempo Brasileiro*. Rio de Janeiro, n.º 92/93.(jan.jun.), p. 69-82.1988.

GOMES, Itania. Raymond Williams e a hipótese cultural da estrutura de sentimento. *Comunicação e estudos culturais*. Salvador: Edua, p. 29–48, 2011.

GOMES, Itania M. M. & ANTUNES, Elton. Repensar a comunicação com Raymond Williams: estrutura de sentimento, tecnocultura e paisagens afetivas1. *Galáxia* (São Paulo), núm. 1, Esp., pp. 8-21, 2019. Lawrence. *Cultural Studies*

GROSSBERG, *in the Future Tense*. Durham; London: Duke University Press, 2010a. Apud: GONÇALVES, Juliana; FARIAS, Daniel; ANDRADE, Rafael. Territorialidades e masculinidades em crise e catástrofe: disputas étnico-raciais em Baco e Djonga. In: CATÁSTROFES E CRISES DO TEMPO, Historicidades dos processos comunicacionais, 2020. p. 364

GROSSBERG, Lawrence. Lutando com anjos: os estudos culturais em tempos sombrios. *Matrizes*. v. 9, n. 2. 2015a.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Apicuri, 2016.

hooks, bell. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

hooks, bell. Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra. Tradução de Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. Olhares negros: raça e representação; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. 356 p. ISBN 978-85-93115-21-9.

hooks, bell. Tudo sobre o amor: novas perspectivas. São Paulo: Editora Elefante. 2021.

JACKS, Nilda; SCHMITZ, Daniela. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. MATRIZES, São Paulo, Brasil, v. 12, n. 1, p. 115–130, 2018. DOI: [10.11606/issn.1982-8160.v12i1p115-130](https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p115-130). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizess/article/view/137525>. Acesso em: 5 jan. 2025.

KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano. São Paulo: Boitempo, 2008.

LEÃO, Ryane. Jamais peço desculpas por me derramar. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2017.

LOPES, M. I. V. de. Jesús Martín-Barbero e os mapas essenciais para compreender a comunicação. Intexto, Porto Alegre, n. 43, p. 14–23, 2018. DOI: [10.19132/1807-8583201843.14-23](https://doi.org/10.19132/1807-8583201843.14-23). Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/81160>. Acesso em: 28 abr. 2025.

LORDE, Audre. Irmã Outsider: Ensaios e Conferências. 1. ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. Tradução de Stephanie Borges

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS. Carta da Marcha das Mulheres Negras. InSURgência: revista de direitos e movimentos sociais, Brasília, v. 7, n. 2, p. 327–338, 2021. DOI: [10.26512/insurgencia.v8i2.39121](https://doi.org/10.26512/insurgencia.v8i2.39121). Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/insurgencia/article/view/39121>. Acesso em: 29 jul. 2025.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. As formas mestiças da mídia. Revista Pesquisa FAPESP, n. 163, set. 2009, p. 10-15.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: 3 introduções. MATRIZES, São Paulo, Brasil, v. 12, n. 1, p. 9–31, 2018. DOI: [10.11606/issn.1982-8160.v12i1p9-31](https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v12i1p9-31). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/matrizess/article/view/145681>. Acesso em: 20 dez. 2024.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

MARQUES, A. C. S. ; MENDONÇA, C. M. C. ; PESSOA, Sônia Caldas . 4 Encontros com o professor Jean-Luc Moriceau: Os afetos na pesquisa acadêmica e na comunicação organizacional. 2017.

MARTINS, Leda Maria. Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021

NASCIMENTO, Beatriz. “A mulher negra e o amor”; In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org). Pensamento Feminista Brasileiro: formação e contexto. São Paulo: Bazar do tempo, 2019. p. 259 - 270.

NASCIMENTO, Yago Jose Eloi do; SILVA, Luciana de Mesquita. Masculinidade negra, paternidade e afetividade na literatura infantil: o menino Nito, de Sônia Rosa. Antares - Letras e Humanidades, Caxias do Sul, v. 12, n. 26, p. 207-227, 2020.

NOGUERA, Renato ; Por que amamos: o que os mitos e a filosofia têm a dizer sobre o amor. 1. ed. Rio de Janeiro: Harper Collins, 2020. v. '. 208p

OLIVEIRA-CRUZ, Milena Freire de ; CONRAD, K. . Refletindo maternidades e redes sociais digitais a partir do feminismo matricêntrico. REVISTA ESTUDOS FEMINISTAS , v. 30, p. 1-14, 2022.

OLIVEIRA-CRUZ, M. C. B. F. ; OLIVEIRA, T. G. ; CONRAD, K. ; FREITAS, Marina J.S . Maternidade negra nas redes sociais: uma análise acerca das representações de mães influencers no *Instagram*. 2020.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, CODESRIA, 2004, p. 1-8 Tradução para uso didático por Juliana Araújo Lopes.

OYÈWÚMÍ, O. Matripotência: Ìyá nos conceitos filosóficos e instituições sociopolíticas. Tradução para uso didático de Oyèwùní, O. Matripotency: Ìyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood? Nova Iorque: Palgrave Macmillan (2016), capítulo 3, pp. 57-92, por Wanderson Flor do Nascimento. Disponível em: <https://filosofia-africana.weebly.com/uploads>.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. Raça, gênero e escolhas afetivas: uma abordagem preliminar sobre a solidão entre mulheres negras na Bahia. Temáticas (UNICAMP) , v. 21/ 22, p. 1-279, 2003.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. “Branca para casar, mulata para f... e negra para trabalhar”: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia (Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, 2008).

PEREIRA, Bruna C. J. . Sobre usos e possibilidades da interseccionalidade. Civitas (Porto Alegre) , v. 21, p. 445-454, 2021.

PIEDADE, Vilma. Dororidade. São Paulo: Editora Nós, 2019.

REIS, I. C. F. A família negra no tempo da escravidão. Portal Geledés. 8 de maio de 2016. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/familia-negra-no-tempo-da-escravidao-por-isabel-crsitina-fe-reira-dos-reis>>. Acesso em 28 de julho de 2024.

REIS, I. C. F. dos. Breves reflexões acerca da historiografia sobre a família negra na sociedade escravista brasileira oitocentista. *Revista Da Associação Brasileira De Pesquisadores/as Negros/As (ABPN)*, 2010. 1(2), 113–132.

SANTIAGO, Carla S. Mãe Solo com Pai presente. Núcleo Materna, 22 de outubro de 2023. Disponível em: <<https://www.nucleomaterna.org/m%C3%A3e-solo-com-pai-presente>>. Acesso em: 21 de novembro de 2024.

SANTOS, Thiago Emanuel Ferreira dos. TRANSFORMAÇÕES DE POLÍTICAS E AFETOS NO BRASIL: CONTEXTUALIZANDO RADICALMENTE O ACONTECIMENTO JUNHO DE 2013 EM FLUXOS AUDIOVISUAIS. 2019. [278 páginas]. Tese (Doutorado em Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas) - UFBA, Salvador, Bahia, 2019

SILVA, Fabiana Carneiro da. Ominíbu: maternidade negra em um Defeito de cor. Salvador: Edufba, 2019.

SILVESTRE, C. M. . O consumo na rede social *Instagram*: influenciadores digitais, materialidade e sonhos. In: 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017, Curitiba. 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017.

SODRÉ, Muniz. Antropológica do Espelho: Uma Teoria da Comunicação Linear e em Rede. Petrópolis: Vozes, 2002.

SODRÉ, Muniz. Sobre a episteme comunicacional. MATRIZES, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 1, p. 15–26, 2007. DOI: [10.11606/issn.1982-8160.v1i1p15-26](https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i1p15-26). Disponível em: <https://revistas.usp.br/matrizess/article/view/38174>. Acesso em: 13 jan. 2025.

SOUZA, A. L. F. ; POLIVANOV, B.B. Sabe o que Rola nessa Internet que Ninguém Fala?: Rupturas de Performances Idealizadas da Maternidade no Facebook. In: 40 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (Intercom), 2017, Curitiba. Anais eletrônicos do 40 Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação: Comunicação, memórias e historicidades, 2017. v. 40

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. Pode o subalterno falar?. 1995. p. [Número da página da obra original de Spivak]. Apud: KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação: Episódios de Racismo no Cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogó, 2016. p. 47.

TELLES, Lorena Féres da Silva. Amas de leite. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; GOMES, Flávio dos Santos (orgs). Dicionário da escravidão e liberdade: 50 textos críticos. São Paulo: Companhia das Letras, 2018. p. 100

TEODORO DA SILVA, R. Análise das mediações em ambientes de interação nas pesquisas na internet: uma proposta metodológica. Intexto, Porto Alegre, n. 43, p. 87–106, 2018. DOI: 10.19132/1807-8583201843.87-106. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/81318>. Acesso em: 21 mar. 2025. TV Brasil. Professor Muniz Sodré explica o que é "bios midiático". YouTube, 27

de set. de 2017. Disponível em: https://youtu.be/Af5_KX0cp8Y?si=5OZxNQQ23OBOoha-. Acesso em: 29 de novembro de 2024.

WERNECK, Jurema. Nossos passos vêm de longe! Movimentos de Mulheres Negras e Estratégias Políticas contra o sexismo e o racismo. Revista da ABPN. V.1, N.1, mar-jun de 2010

YU, Wendi ; FARIAS, Daniel Oliveira de ; GOMES, Itania M. M. ; LEAL, Bruno . AMAR É SUFICIENTE? Afetos e gênero nas disputas por legitimidade e tradição em AmarElo É tudo pra ontem. In: 30º Encontro Anual da Compós, 2021, São Paulo. Anais do 30º Encontro Anual Da Compós. Campinas: Galoá, 2021. v. 30. p. 1-22.